

Escola Superior de Educação de João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Mariana Meneses Pinheiro da Costa

Lisboa, agosto 2013

Escola Superior de Educação de João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Mariana Meneses Pinheiro da Costa

Relatório apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar,
sobre a orientação da Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis

Lisboa, agosto 2013

Quero agradecer, em primeiro lugar à minha orientadora, Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis, pela disponibilidade que me foi dada e pelo tempo dispensado, pelas conversas e desabafos.

De seguida, gostaria de agradecer a todo o corpo docente da Escola Superior de Educação João de Deus bem como os docentes na Licenciatura em Educação Básica, como no Mestrado em Educação Pré-Escolar, não deixando de agradecer ao Diretor Professor Doutor António Ponces de Carvalho.

Não posso deixar de referir a ajuda que tive das professoras e educadoras da Prática Pedagógica que sempre me incentivaram, dando-me críticas construtivas para um melhor desempenho.

Ao professor José de Almeida, que se prontificou para me ajudar e à professora Teresa Botelho pelos conselhos e disponibilidade.

À Dona Isabel pela paciência e força para continuar.

Agradeço também a alguns colegas e amigos nomeadamente Ana, Vanessa, Marta e Bárbara por me terem apoiado nesta etapa da minha vida e estarem presentes nos bons e maus momentos, em especial à minha grande amiga Patrícia.

Agradeço, ainda, ao Jardim-Escola de Albarraque e ao Jardim-Escola dos Olivais pelo acolhimento que tive, pelo que aprendi, às educadores e às crianças por terem tornado esta experiência única e sábia.

Quero agradecer também aos meus pais, pela ajuda, compreensão e apoio que me deram ao longo destes anos.

Muito obrigada a todos!

Índice de Quadros -----	XIII
Índice de figuras -----	XIV
Introdução-----	1
1. Identificação do local de estágio -----	1
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio-----	1
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional -----	2
4. Identificação do grupo de estágio -----	2
5. Metodologia utilizada -----	3
6. Pertinência do Estágio Profissional -----	5
7. Cronograma do Estágio Profissional-----	6
CAPÍTULO 1- Relatos Diários-----	7
1.1. Primeira Secção – Grupo de crianças com cinco anos-----	9
1.1.1. Caracterização da turma -----	9
1.1.2. Caracterização do espaço -----	9
1.1.3. Rotinas/horário-----	10
1.1.4. Relatos diários -----	13
1.2. Segunda Secção – Grupo de crianças com três anos -----	49
1.2.1. Caracterização da turma -----	50
1.2.2. Caracterização do espaço -----	50
1.2.3. Rotinas/horário-----	50
1.2.4. Relatos diários -----	51
1.3. Terceira Secção – Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	68
1.3.1. Caracterização da turma -----	68
1.3.2. Caracterização do espaço -----	69
1.3.3. Rotinas-----	69
1.3.4. Relato semanal -----	69

1.4. Quarta Secção – Grupo de crianças com quatro anos-----	80
1.4.1. Caracterização da turma -----	81
1.4.2. Caracterização do espaço -----	81
1.4.3. Rotinas/horário-----	82
1.4.4. Relatos diários -----	83
 CAPÍTULO 2- Planificações -----	119
Descrição do capítulo-----	121
2.1. Fundamentação teórica -----	121
2.2. Planificações-----	127
2.2.1. Planificação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita-----	127
2.2.2. Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo-----	129
2.2.3. Planificação da atividade do Domínio da Matemática-----	132
 CAPÍTULO 3- Dispositivos de Avaliação-----	137
Descrição do capítulo -----	139
3.1. Fundamentação-----	139
3.2. Avaliação da atividade 1- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
3.2.1. Contextualização da atividade-----	144
3.2.2. Descrição dos parâmetros de avaliação -----	146
3.2.3. Grelha de avaliação-----	147
3.2.4. Descrição da grelha de avaliação -----	148
3.2.5. Apresentação dos resultados em gráfico -----	149
3.2.6. Análise do gráfico-----	149
3.3. Avaliação da atividade 2- Domínio da Matemática -----	150
3.3.1. Contextualização da atividade-----	150
3.3.2. Descrição dos parâmetros de avaliação -----	150
3.3.3. Grelha de avaliação-----	152
3.3.4. Descrição da grelha de avaliação -----	153
3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico -----	154
3.3.6. Análise do gráfico-----	154

3.4. Avaliação da atividade 3- Área do Conhecimento do Mundo -----	154
3.4.1. Contextualização da atividade-----	154
3.4.2. Descrição dos parâmetros de avaliação -----	155
3.4.3. Grelha de avaliação-----	157
3.4.4. Descrição da grelha de avaliação -----	158
3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico -----	159
3.4.6. Análise do gráfico-----	159
 Reflexão final -----	 161
Considerações finais-----	163
Limitações -----	165
Novas pesquisas-----	165
 Referências bibliográficas -----	 167
Referências eletrônicas -----	177
Legislação -----	178

Quadro 1 - Calendarização do estágio-----	6
Quadro 2 - Horário do grupo dos 5 anos -----	12
Quadro 3 - Horário do grupo dos 3 anos -----	51
Quadro 4 - Horário do grupo dos 4 anos -----	82
Quadro 5 – Modelo T proposto por Martiano Pérez -----	124
Quadro 6 – Exemplos de Valores/Atitudes-----	125
Quadro 7 – Exemplos de Capacidades/Destrezas-----	126
Quadro 8 – Quadro da planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita -----	127
Quadro 9 - Quadro da planificação da Área do Conhecimento do Mundo -----	130
Quadro 10 - Quadro da planificação do Domínio da Matemática -----	133
Quadro 11 – Escala de Likert -----	143
Quadro 12 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita-----	147
Quadro 13 – Grelha de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita -----	148
Quadro 14 - Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do Domínio da Matemática -----	152
Quadro 15 - Grelha de avaliação do Domínio da Matemática-----	153
Quadro 16 - Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo -----	157
Quadro 17 - Grelha de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo-----	158

Figura 1 – Sala das crianças com 5 anos -----	10
Figura 2 – Cantinho da leitura-----	10
Figura 3 – Organização da roda-----	11
Figura 4 – Quadro exemplificativo dos exercícios-----	19
Figura 5 – Peças do Tangram-----	22
Figura 6 – Sinal de menor com o material Cuisenaire -----	34
Figura 7 - Sinal de maior com o material Cuisenaire -----	34
Figura 8 – Sol e Terra-----	38
Figura 9 – Planetas -----	38
Figura 10 – Jogo da Torre do 8-----	39
Figura 11 – Máquina de raio x -----	42
Figura 12 – Entrada para o Hospital do Pequeninos -----	42
Figura 13 – Carochinha em acção -----	46
Figura 14 – Palavra rato -----	47
Figura 15 – Palavra ai-----	47
Figura 16 – Letra L invertida-----	47
Figura 17 – Letra L-----	47
Figura 18 – Cantinho da Magia -----	50
Figura 19 – Cabides -----	50
Figura 20 – Disposição da sala -----	50
Figura 21 – Maquete -----	64
Figura 22 – Tangram (laço)-----	92
Figura 23 – Proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita -----	145
Figura 24 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita -----	149
Figura 25 - Proposta de trabalho do Domínio da Matemática -----	150

Figura 26 - <i>Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática</i> -----	154
Figura 27 - <i>Proposta de trabalho da Área de Conhecimento do Mundo</i> -----	155
Figura 28 - <i>Resultados da avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo</i> -----	159

Este relatório de Estágio Profissional surge com a finalização do Mestrado em Ensino Pré-Escolar, sendo assim elaborado no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I e II. O Estágio Profissional teve início dia 24 de setembro de 2012 e acabou dia 22 de junho de 2013. Realizou-se três dias da semana, sendo as primeiras duas semanas das 9h até às 16h30m. Posteriormente, realizou-se no período da manhã, entre as 9h e as 13h.

1. Identificação do local de Estágio

Inicialmente, estagiei num **Jardim-Escola de Sintra** no período de 24 de setembro a 14 de dezembro de 2012. Neste período vivenciei um momento de estágio com crianças de cinco anos.

O Jardim-Escola, em relação ao espaço físico, no geral, é constituído por um berçário e oito salas de aula, uma sala de vídeo/ livros, um ginásio, uma sala de informática, um gabinete de direção, uma secretaria, uma sala para as estagiárias que também serve para guardar os carrinhos de bebé e para reunião com os pais, salas de (ATL) Atividades de tempos livres, casas de banho para as crianças e para os adultos, uma cozinha, um refeitório, e uma lavandaria. No espaço exterior existem dois recreios e um local importante que é a quinta pedagógica que é constituída por alguns animais da quinta e uma pequena horta.

O Jardim-Escola recebe crianças desde os três meses até aos seis anos de idade. Em relação ao ATL as crianças têm idades compreendidas desde sete até aos onze anos de idade, contemplando duas valências: Creche e Educação Pré-Escolar. Existe uma sala para o berçário, uma sala para os meninos de um ano, uma sala para meninos de dois anos, e para as crianças de três, quatro e cinco anos existem duas salas por cada idade.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio

O relatório está dividido em três capítulos: Introdução, capítulo 1 – Relatos Diários, Capítulo 2 – Planificações, no Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação, e por fim, a Reflexão Final.

A introdução contempla a descrição e identificação do local de estágio, a descrição da estrutura do local de estágio, a identificação do grupo de estágio, a metodologia que foi utilizada, a pertinência do estágio e, para concluir o cronograma.

O capítulo 1- **Relatos Diários**, encontra-se dividido em 4 secções. Cada secção corresponde a um momento de estágio. Apresento em cada uma a caracterização das crianças de 3, 4 e 5 anos de idade, as suas rotinas, bem como os relatos de todas as aulas observadas, que serão sustentadas cientificamente.

No Capítulo 2 – **Planificações** – apresento os 3 planos das aulas elaboradas, com as várias estratégias utilizadas, bem como as inferências e fundamentações teóricas.

No capítulo 3 – **Dispositivos de avaliação** – incluo uma fundamentação sobre a importância da avaliação e os dispositivos de avaliação. Referentes às três áreas curriculares: a Área de Expressão e Comunicação, que se encontra o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, o Domínio da Matemática e a Área do Conhecimento do Mundo.

Por fim, na **Reflexão final** – farei as considerações finais, as limitações e as novas pesquisas e as respetivas referências bibliográficas.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio

Enquanto futura docente, é importante elaborar o relatório de Estágio Profissional, pois é um elemento fundamental para a minha aprendizagem e formação.

Possibilita também, **investigar, estudar**, e refletir a ter ideias e criar métodos para o meu futuro enquanto educadora. Loughran, citado por Flores e Simão (2009) diz que os “alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adoptar uma perspectiva de investigadores.” (p. 34).

Neste relatório, irão ser apresentadas várias opiniões de diferentes autores para sustentar cientificamente, bem como inferências que considere serem pertinentes.

4. Identificação do grupo de estágio

Para a realização do estágio, vulgarmente denominado prática pedagógica foram constituídos grupos de estágio. O meu grupo foi constituído por duas colegas da minha turma no Jardim-Escola de Sintra. Posteriormente, quando mudei para o

Jardim-Escola de Lisboa, fiquei com uma colega de turma e com mais três colegas do Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo.

Nestes dois locais de estágio, enquanto grupo, funcionámos bem, pois partilhámos saberes, trabalho, experiências vivenciadas, ideias trocadas, cooperação, companheirismo, não só com as colegas da minha sala, mas também com as outras colegas.

Assim, para Flores e Simão (2009), a aprendizagem reflexiva deve ser “aprendida por pares”. (p. 51), dizem ainda que “uma experiência partilhada com outra pessoa (...) proporciona melhores oportunidades para reestruturar as situações e para questionar os nossos pressupostos sobre a prática.” (p. 31). Desta forma foi positivo poder ter a ajuda dos pares quer nos bons momentos quer nos menos bons.

5. Metodologia utilizada

A metodologia que foi utilizada no relatório de estágio baseia-se numa **investigação qualitativa**. Esta investigação tem algumas características em relação à investigação que foram citadas por Bogdan e Biklen (1994)

- i) Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- ii) Os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo;
- iii) A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números;
- iv) A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados;
- v) Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. (pp. 47-50)

Para Carmo e Ferreira (2008), a investigação qualitativa tem como características fundamentais

- Indutiva – desenvolvem conceitos e chegam à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados;
- Holística – têm em conta a “realidade global”;
- Naturalista – A fonte directa de dados são as situações consideradas “naturais”;
- Humanística – tentam conhecer os sujeitos como pessoas e experimentar o que eles experimentam na sua vida diária;
- Descritiva – a descrição deve ser rigorosa e resultar directamente dos dados recolhidos. (pp. 197-198)

O instrumento de recolha de dados foi fundamentalmente a observação.

A **observação** é, para Quivy e Campenhout (1992), “ o conjunto das operações através das quais o modelo de análise é confrontado com dados observáveis.” (p.205)

Mas, em contrapartida, para Estrela (1992), no que diz respeito à investigação tradicional, cita que “ o observador deveria assumir uma posição de distanciação (...) a observação para ser rigorosa deveria desenvolver-se num quadro de extraterritorialidade.” O autor afirma que assim, o observador não deve estar no mesmo local do que é observado, mas sim para além dele. Sendo assim, “o observador deveria ser exterior ao observado, pois só assim poderia apreender os seus fenómenos.” (p. 23).

O mesmo autor diz-nos que a “(...) dificuldade em tornar significativos os comportamentos observados”, levou a uma grande parte dos observadores a mudarem a sua visão, passando assim da “(...) distanciação à participação.” Afirma ainda que “o sujeito observador e o objecto observado pascolegam a situar-se no mesmo território”. (p. 24).

Quivy e Campenhout (1992) dizem que há dois tipos de observação: a observação direta e indireta. A direta “ (...) é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados.” A indireta é “ o instrumento de observação é um questionário, ou um guião de entrevista.” (p.166).

Em concordância com Quivy e Campenhout, Deshaies (1997) diz também haver a observação direta e indireta. Afirma assim que a observação direta é “quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas (...)” (p. 296).

Deste modo, o papel da observação é recolher informação, mas cada um de nós tira o seu significado do que observa. Assim, para Bell (1997) “cada observador terá o seu foco particular de atenção e interpretará os acontecimentos significativos à sua maneira.” (p. 141).

O que fiz nesta observação foi estar presente nas salas de aula, tomando notas, recolhendo dados, elaborando narrativas que correspondem aos relatos diários que apresento.

Assim, como diz Bell (1997) observamos “ os comportamentos, situações, comportamentos, e apontam-nos de seguida.” (p. 141).

O mesmo autor diz ainda que a observação pode ou não ser estruturada, que se pode ou não participar, mas “o seu papel consiste em observar e registar da forma mais objectiva possível e em interpretar depois os dados recolhidos.” (p. 143).

A partir dos relatos fiz inferências que foram fundamentadas cientificamente através de autores, teorias e conceitos.

Metodologicamente, este relatório foi elaborado de acordo com as normas APA (American Psychological Association). O que são as normas APA? “As normas APA são uma série de indicações para a publicação de artigos e obras científicas no Domínio das ciências sociais sugeridas há vários anos pela APA (American Psychology Association) e seguidas por vários países” (Referência 1).

6. Pertinência do Estágio Profissional

Para meu futuro enquanto docente, o estágio é muito importante para a minha formação contínua. No dia-a-dia é que vamos ter a experiência daquilo que nos pode ajudar e ganhar capacidades para resolver no momento as situações decorrentes diariamente. **O estágio é prático**, o que reforça tudo aquilo que aprendemos até aqui.

De acordo com Pacheco (1995) “o estágio represente uma viragem significativa no processo de formação, torna-se positivo porque permite a aquisição de um conhecimento prático...” (p. 164).

Cada uma de nós, estagiários, deve sentir-se bem no local onde está a estagiar, pois é com bom ambiente vivido diariamente que aprendemos.

Como afirma Pacheco (1995), “o que mais socializa o estagiário é, sem dúvida, o ambiente da sala, extremamente complexo e difícil de enfrentar quando se está numa situação de supervisão (...)” (p. 385).

Um ponto positivo da realização do estágio é haver uma equipa de supervisão pedagógica assim, como refere Pacheco (1995)

o estágio contribui para três questões principais: numa questão pessoal - ajuda a ser organizado e metódico; numa questão didática - aprender a planificar, a conhecer destrezas de ensino e conteúdos de programas; numa questão profissional - aprender a ser prático com a adaptação dos conhecimentos...(p. 164).

A escola também serve para descobrir competências que tenhamos, assim como o estágio. Assim, a escola tem, como afirma Cordeiro (2007), “(...) o dever de descobrir talentos e competências, detectar fragilidades, tentar dar informação, conhecimentos, sobretudo transmitir sabedoria que seja geral e sólida para nos preparar para um desempenho melhor no estágio.” (p. 359).

Segundo Pires (2007) a supervisão, “incentiva os formandos a prestarem atenção e a monitorizarem comportamentos específicos.” (p. 97).

A mesma autora diz-nos ainda que a supervisionar “implica estabelecer relações em dois sentidos: de distanciamento e de proximidade.” (p. 100).

E ainda, segundo Ralha-Simões (1995), citado por Pires (2007), a prática pedagógica é “sobretudo uma forma de socializar-familiarizar o futuro educador/professor com crenças, tradições, costumes e valores das instituições e sistemas educativos (...)” (p. 112).

Pelo facto de podermos vivenciar e observar uma realidade educativa permite-nos perceber inúmeras situações do dia-a-dia de uma escola.

7. Cronograma do Estágio Profissional

O período de estágio decorreu de 24 de setembro de 2012 a 21 de junho de 2013 e vivenciei os três níveis de ensino da Educação Pré-Escolar. O período de estágio está dividido em três secções a cada valência: A 1.^a secção vai corresponder ao momento de estágio que se realizou na sala dos 5 anos, no período de 14 de setembro a 14 de dezembro de 2012; a 2.^a Secção corresponde ao momento de estágio em que estive com crianças de 3 anos que decorreu de dia 4 de janeiro de 2013 a 5 de abril de 2013; e a 3.^a Secção corresponde ao momento de estágio que realizei com crianças de 4 anos no período de 8 de abril a 21 de junho de 2013, conforme se pode ver no cronograma (Quadro 1).

Quadro 1 – Calendarização do estágio

Momentos da prática pedagógica	1.^a Secção – Sala dos 5 anos	2.^a Secção – Sala dos 3 anos	3.^a Secção Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	4.^a Secção – Sala dos 4 anos
Período de estágio	14 de setembro de 2012 a 14 de dezembro de 2012	4 de janeiro de 2013 a 5 de abril de 2013	25 de fevereiro de 2013 a 1 de março de 2013	8 de abril de 2013 a 21 de junho de 2013

Capítulo 1

Relatos Diários

1.1. Primeira Secção- Grupo de crianças com cinco anos

A primeira secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 14 de setembro de 2012 a dia 14 de dezembro de 2012, na sala de crianças com 5 anos.

1.1.1. Caracterização da turma

A sala dos 5 anos é constituída por 23 crianças, sendo 13 raparigas e 10 rapazes.

Considera-se um grupo homogéneo devido a quase todas as crianças completarem 5 anos até ao final do ano letivo.

Existe uma criança de acordo com a educadora da sala que tem epilepsia e que devemos ter especial atenção pois toma medicamentos diariamente de manhã, e por vezes adormece no decorrer das aulas.

As crianças de 5 anos gostam muito de chamar a atenção, e já sabem distinguir o que está correto e menos correto. Assim, como sustenta Cordeiro (2007), “a criança já sabe «fazer teatro» ou a «brincar a...», distinguindo estes jogos da realidade.” (p. 34).

Os pensamentos das crianças desta idade, já começam a ter uma grande diferença relativamente às crianças de 3 e 4 anos. Como diz Cordeiro (2007), “O animismo, que permite dar características humanas a objetos começa a desaparecer aos 4, 5 anos, sendo substituído pelo realismo, em que se dá corpo às coisas.” (p. 37).

É um grupo interessado e que gosta de estar na escola.

1.1.2. Caracterização do espaço

A sala dos 5 anos não é muito grande, mas possui áreas distintas. A sala é branca e o teto está decorado com estrelas de várias cores. Ao longo das paredes tem placardes com os trabalhos dos alunos. Existem também cabides ao longo da parede com a identificação de cada aluno, e uma estante com os *dossiers* que contêm os trabalhos feitos ao longo do ano letivo de cada criança.

Na área de mesas, os alunos estão a pares em 3 filas, viradas para o quadro.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), Ministério da Educação (ME, 2002), posso ver apresentada essa ideia, relativamente ao **espaço** que se pode ter na sala de aula. “(...) o espaço e a sua articulação deverão adequar-se às características do grupo e necessidades de cada criança. Porque a

organização do grupo (...) constituem o suporte do desenvolvimento curricular (...)” (p. 36).

Não há muito espaço para a educadora circular, mas esta fá-lo na mesma por entre as filas. (figura 1)

Existem duas áreas: o cantinho de leitura (figura 2) e da casa das bonecas.

Há ainda uma Cartilha Maternal em tamanho grande e o seu ponteiro que está ao lado do quadro, colocado em cima da secretária da educadora.

Em relação ao espaço, Mendonça (1997), cita que o este

reflecte em grande parte as concepções da infância e da criança, de aprendizagem e desenvolvimento e de intervenção e estratégia da Educadora. Ao partir das necessidades de acção própria das crianças de idade do jardim-de-infância e dos seus interesses e curiosidades pessoais, da sua experiência a Educadora proporciona através da organização do espaço um desenvolvimento e aprendizagem específicos. (p. 57).

A sala de aula, é assim um espaço que a criança gosta de estar, tem de ser atrativo para que a criança se sinta com vontade de trabalhar o que irá favorecer o seu futuro desempenho.



Figura 1 – Sala das crianças com 5 anos



Figura 2 – Cantinho da leitura

1.1.3. Rotinas / horário

O acolhimento começa sempre no ginásio em que todas as crianças formam todas uma roda com as educadoras, técnicas auxiliares de educação e estagiárias. Nessa roda estão crianças de 1, 2, 3, 4 e 5 anos e cantam-se diversas músicas.

Cordeiro (2007), refere que o **acolhimento** “ (...) não deve ser demasiado rígido em termos de horários, dado que há crianças que chegam mais cedo e outras mais tarde (...), é mais uma oportunidade para estimular a relação família/escola, e transmitir informação (...)” (p. 370).

As **músicas em roda** também são muito importantes, pois, como defende Cordeiro (2007) “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido

rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e tempo.” (p. 373). Ver figura 3.



Figura 3 - Organização da Roda

Todos os dias depois de cantarem as músicas em grupo, fazem a higiene pessoal antes do almoço e depois das refeições. As crianças são sempre acompanhadas.

É importante criar **rotinas** desde cedo às crianças, elas gostam e necessitam delas, de acordo com OCEPE (ME, 2002) consideram que “uma rotina (...) é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos...” (p. 40).

A consciência da rotina é importante no ambiente de pré-escolaridade, isto porque as crianças mais pequenas vivenciam, umas até pela primeira vez. Assim, como sustenta Hohmann e Weikart (2004)

A Rotina diária da High/Scope ajuda as crianças a responder a este tipo de questões ao oferecer-lhes uma sequência de acontecimentos que elas podem seguir e compreender. Também ajuda os adultos a organizarem o seu tempo com as crianças de forma a lhes oferecer experiências de aprendizagem activas e motivadoras. (...) Uma rotina diária consistente permite à criança aceder a tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas “à dimensão da criança” no contexto dos acontecimentos que vão surgindo.(p. 224)

Para Hohmann e Weikart (2004) afirmam que a rotina é “regularmente, intervalos de tempo, que acabam e começam numa sequência consistente (...) acontecimentos que sinalizam o início e fim de cada segmento temporal, dá às crianças um sentimento de antecipação e controlo.” (p. 771). As rotinas têm um papel fundamental a nível do contexto educativo, é como se fosse uma sequência do que fazer diariamente, e as crianças começam a assimilar as regras.

No quadro 2 apresento o horário desta turma.

Quadro 2 - Horário do grupo dos 5 anos

Dias/ Horas	segunda- feira	terça-feira	quarta-feira	quinta- feira	sexta-feira
9:00 9:30	Canções de roda / Acolhimento				
9:30 10:30	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à escrita Matemática	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à escrita matemática	Iniciação à leitura e escrita
10:30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11:30	Iniciação à matemática	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à escrita matemática	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à escrita matemática
12:30	Jogos livres e orientados	Biblioteca de turma Cantinhos da sala de aula	Jogos livres e orientados	Jogos livres e orientados	Informática/ Biblioteca de turma Cantinhos da sala de aula
13:00	Almoço				
13:30	Atividades de ar livre				
14:30	Conhecimento do Mundo	Educação para a cidadania/ experiências/ área de projeto	Expressão Plástica	Conhecimento do Mundo	Ditado gráfico
15:00	Expressão plástica	Expressão Plástica	Música		Terminar e arrumar trabalhos
15:45	Estimulação à leitura/ escrita matemática	Estimulação à leitura/ escrita matemática	Estimulação à leitura/ escrita matemática	Inglês	Estimulação à leitura/ escrita matemática
16:30	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

1.1.4. Relatos diários

segunda-feira, 24 de setembro de 2012

Reunião do Estágio Profissional I no Museu João de Deus às 15h. Nesta primeira reunião estiveram presentes o Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus e a equipa da supervisão pedagógica. Foram-nos dadas informações sobre a realização do estágio profissional, o regulamento e as respetivas escolas, grupo de estágio e faixas etárias. Fiquei a saber que iria ficar num Jardim-Escola na zona de Sintra com duas colegas de turma.

Inferências e fundamentação teórica

Estas reuniões são importantes pois podemos tirar as dúvidas que temos em relação ao estágio profissional.

As educadoras e professoras, têm um papel fundamental nesta etapa da nossa vida e na nossa formação como futuras educadoras. O dia de hoje foi marcado assim pela importância da supervisão. Assim, penso que foi a palavra-chave retirada neste primeiro dia foi **supervisão**. Alarcão e Roldão (2008) afirmam que “a essência da supervisão aparece com a função de apoiar e regular o processo formativo.” (p. 54).

Vieira, Moreira, Barbosa, Paiva e Fernandes (2010), afirmam que “uma avaliação participada dos processos e resultados do desenvolvimento profissional e da acção pedagógica, mediante critérios de qualidade definidos à luz de uma visão transformadora da educação” (p. 32).

É bom sabermos que podemos contar com o apoio da supervisão e com os professores cooperantes.

A supervisão é essencial para uma melhor formação profissional.

sexta-feira, 28 de setembro de 2012

Foi o primeiro dia de estágio no Jardim-Escola. Começámos com uma pequena reunião com a diretora que nos explicou as normas da escola e fez uma visita guiada e por fim deu-nos um lanchinho da manhã.

Cada uma de nós foi para a sala que lhe pertencia e fomos apresentadas à educadora. Estavam a estagiar na nossa sala mais duas colegas nossas do 2.º ano da Licenciatura.

Depois do lanchinho da manhã fomos para a nossa sala e a educadora apresentou-nos às crianças.

A educadora desde logo nos disse que havia uma menina com epilepsia e que tomava alguns medicamentos que a deixavam com sono e para nós termos especial atenção com ela.

As crianças estavam a trabalhar o método de leitura João de Deus através da Cartilha Maternal, em que aprendiam a letra “j” e “v”. Para começarem a aprender as regras vão em grupo de três junto da educadora para esta lhes ensinar as regras. De seguida vão ao quadro de giz escrever a letra, depois vão para a carteira escrever a lápis de carvão e logo a seguir a esferográfica. Tem ainda um caderno de escrita da Cartilha onde copiam o que lá está escrito.

Na parte da tarde acabaram os trabalhos que estavam a fazer de manhã e fizeram um trabalho na área de expressão plástica. Este consistia em encontrar o meio da folha com dois riscos na diagonal.

Realizaram uma proposta de trabalho sobre sequências relacionada com o material *Cuisenaire*.

Gostei muito do primeiro dia de estágio.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia ficou marcado pelo método de leitura, e pelo modo como a educadora o promove ao longo da manhã.

Assim, a **Cartilha Maternal**, é um processo gradual em que as crianças aprendem a ler segundo o método, criado por João de Deus. Este método tem como características.

Como sustenta Mira (1995)

João de Deus procede, então, a uma classificação dos sons que possuem as características essenciais dos fonemas, a que ele chama valores, e representa-os por símbolo (...) com base nessa análise fonética e fonológica, ou seja, considerando os valores das letras (os fonemas) e os órgãos fonatórios nelas implicados, introduz uma nova ordem alfabética: em 1º lugar as vogais, depois as consoantes certas que não mudam de valor (f,v,j,t,d,p,l,k,q), em seguida as incertas, com valor variável (c,g,z,s,x,m,n), as consoantes certas. (p. 15)

Para sabermos um pouco sobre a biografia de quem criou este método, Garcia (1997), diz-nos que **João de Deus Ramos** foi

Um homem casado e com filhos, o poeta que nunca se preocupara com a sua pobreza, sentiu brotar dois sentimentos: o de marido e o de pai. Compreendeu então que lhe era indispensável uma intensa actividade. Foi esse desejo de agir, aliado a um sublime sentimento de sociabilidade, que lhe fez conceber a Cartilha Maternal e iniciar o apostolado do ensino popular. (p. 37)

Visto ser a primeira vez que visualizei o material *Cuisenaire*, vou citar e descrever as características e o interesse pedagógico, pois possibilita o desenvolvimento da criatividade; manipulação das operações numéricas; resolução de situações problemáticas, entre outros. Com base em Caldeira (2009), este material tem outro nome, números coloridos. Quem trouxe o até nós, foi um senhor belga chamado Emilie Georges *Cuisenaire*. Era professor, assim, observava as crianças que tinham dificuldades naqueles tempos em perceber a aritmética. A primeira vez que o material foi utilizado em Portugal foi em 1961 num colégio em Sintra. (p. 244).

Segundo Caldeira (2009), “(...) o material *Cuisenaire* possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação.” (p. 126).

Assim sendo, este material manipulável, dá não só para trabalhar o Domínio da Matemática mas também desenvolver a linguagem oral através das histórias/situações problemáticas que a educadora conta às crianças.

Constatei que as crianças o manipulavam com facilidade e gosto.

segunda-feira, 1 de outubro de 2012

Após a rotina da manhã, fomos para a sala e os alunos aprenderam a letra “t”, escreveram no quadro, no papel, e de seguida no caderno.

Na segunda parte da manhã, as crianças tiveram educação física e a professora pediu desde logo para levarem o equipamento para fazerem as aulas e só três alunos é que o levaram. Disse-lhes que quem não tivesse o equipamento no dia seguinte não realizaria a aula porque era importante ter as sapatilhas e o equipamento necessário para que a aula corra bem. Fizeram jogos livres de roda, em que cada criança ia ao meio da roda fazer o aquecimento. A professora fez jogos com pinos e arcos.

Na parte da tarde, os alunos estiveram a trabalhar com o material Calculadores Multibásicos. A educadora foi a cada mesa ver se cada criança estava a fazer corretamente o que pedia.

Inferências e fundamentação teórica

Outro material estruturado e manipulável também importante, são os **Calculadores Multibásicos**. Os materiais manipulativos permitem logo à partida uma aprendizagem muito mais motivadora, não só por serem apelativos mas também porque partem do concreto. As crianças adoram este material e custa-lhes não tocar nele no decorrer da sala.

Segundo Caldeira (2009)

O material manipulativo, através de diferentes atividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem. (...) O princípio básico referente ao uso dos materiais, consiste em manipular objetos e “extrair” princípios matemáticos. Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstratas. (p. 15).

Não posso deixar de referir uma frase de Nabais (s.d.) que achei interessante e que resume muito bem o que significa trabalhar com **material manipulável**, em que afirma que “a verdadeira matemática deve saltar dos dedos dos alunos, através de múltiplas e variadas experiências” (pp. 8-9).

Para Catita (2007)

As crianças aprendem através de experiências práticas iniciais. As ideias que se desenvolvem através dessas experiências práticas vão-se transformando em conceitos, como resultado da acumulação de informações e experiências que se confrontam com os conhecimentos adquiridos e que contribuem para a construção do mundo real da criança. (p. 6).

Nos **primeiros anos de vida da criança**, é muito importante que ela aprenda a partilhar, a falar, a ler e a escrever para um melhor desempenho à posteriori. Assim, as OCEPE (ME, 2002) referem que “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo da educação ao longo da vida.” (p. 17). E ainda (...) cria condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças (...) promove a auto-estima e a auto-confiança.” (p. 18). É muito importante “respeitar as características individuais de cada criança, a sua diferença, constitui a base de novas aprendizagens.” (p. 19).

A educadora desta sala está sempre atenta ao ritmo de aprendizagem de cada criança e respeita-o.

segunda-feira, 8 de outubro de 2012

O dia começou com a educação física e os alunos levaram o equipamento adequado. A aula consistiu num jogo que eles gostavam muito (o caçador) em que um aluno tinha de acertar com uma bola pequena de plástico nos colegas. Fizeram duas equipas (rapazes e raparigas) e ficaram separados por um banco.

Já na sala de aula, a educadora tinha preparado em cima da mesa de cada aluno uma fita (linha fronteira) e os materiais que ia trabalhar naquela manhã no Domínio da Matemática, Blocos Lógicos. Começou por relembrar os atributos das peças perguntando aos alunos os mesmos. Todos souberam responder. A educadora pediu para porem dentro da linha fronteira elementos da mesma cor e que fossem números pares. Viu o que cada aluno tinha feito, e ajudava todos os que não tinham feito corretamente, fazia com que eles percebessem e chegassem à resposta correta.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças desta idade e desta sala gostam muito de trabalhar com este material, visto ser apelativo, manipulável e de fácil perceção.

Os **Blocos Lógicos**, na minha opinião é simples, parece simples, mas na verdade podemos trabalhar diversos conceitos com ele. Desde sequências, soma, subtração, tirando já as características gerias que este tem. Para descrever este material, Saraiva (2003) refere que “são constituídos por 48 peças, que se distribuem em quatro figuras geométricas: círculo, quadrado, rectângulo e triângulo. Estas peças possuem dois tamanhos e em cada um deles: 2 espessuras (fino e grosso) e 3 cores (vermelho, azul e amarelo)” (p. 148).

Para completar o autor atrás referido Caldeira (2009) cita que “desenvolvem a lógica” (p. 154).

Neste dia a educadora pôs um aluno de **castigo** pois já tinha avisado muitas vezes para não mexerem nas peças e o aluno mexeu. Então a educadora decidiu que ele não realizasse esta atividade durante alguns minutos. Concordei com o que fez, pois é importante que a criança esteja atenta e que não tenha comportamentos desde logo desobedientes pois assim continuará o resto da vida. Após esse tempo, voltou a dar-lhe a oportunidade de manipular.

Como se pode ler, Haigh (2010) diz que os castigos são necessários, “mas têm de ser aplicados com cuidado. Devem ser usados como último recurso e ter uma série de passos geridos cuidadosamente.” (p. 101). Este autor dá o conselho de não colocar “os alunos de castigo a um canto. Ninguém gosta de ser envergonhado, pior,

humilhado. Eles nunca esquecem o perdão.” (p.102). Este autor é sucinto nas suas palavras, direto e concordo com ele pois o castigo é necessário, mas não no sentido de envergonhar ninguém. Como se costuma dizer “o castigo tarda, mas não falha”.

Em relação ao **Domínio da Expressão Motora**, as crianças gostam muito de jogar ao jogo “caçador”, pois escolhem sempre este quando há aula. Belbenoit (1974), diz que se deve “propor às crianças habilidades cientificamente elaboradas, que lhes fornecerão respostas adaptadas às situações do jogo (...)” (p. 129).

Para Vaz (1976)

a educação física e o desporto devem começar na Instrução Primária, sendo por isso indispensável que os professores primários sejam preparados para ensinar ginástica e práticas desportivas de harmonia com as idades dos alunos, procurando ao mesmo tempo, insuflar-lhes no *espírito* as vantagens do desporto.(p. 42).

Serrano (2002) diz-nos que

não devem ser forçados o desenvolvimento e a maturação das estruturas físicas. Deve-se sim utilizar os meios ao nosso dispor para os levar ao limite máximo permitido pela carga genética máxima de cada criança através das aprendizagens motoras adequadas a cada uma. (p. 58).

Este mesmo autor cita também que a educadora deve “criar atividades que levem as crianças a se envolverem com satisfação e agrado.” (p. 61). Estas aulas são do agrado das crianças e permitem também descarregar energias.

terça-feira, 9 de outubro de 2012

O horário da Prática Pedagógica mudou para às 9h e então assisti ao acolhimento em que a educadora do grupo de alunos da faixa etária dos 5 anos estava a conversar sobre os 5 sentidos e de seguida falou da higiene. Começou por perguntar se alguém sabia o que era a higiene. Fomos para a sala e a educadora pediu-nos para irmos buscar à outra sala as caixas do material *Cuisenaire*.

Começou por relembrar quanto era meia dúzia, uma dúzia, meia dezena e uma dezena, conceitos que os alunos ainda não sabiam bem.

A educadora colocou muitas perguntas dirigidas e circulou pela sala para ver o que cada um tinha feito. Quando cada aluno errava, a educadora tentava fazer com que eles percebessem e não passava a outro aluno.

Quando um aluno não sabia a resposta (se o número cinco era par ou ímpar) a educadora chamou cinco alunos e pediu para a criança contar quantos alunos ali

estavam e para darem a mão a um colega, para realmente ver se alguém ficava de fora ou não. O aluno chegou à conclusão rapidamente.

A segunda parte da manhã foi dedicada ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com a continuação das aulas anteriores, e hoje foi o dia da letra “p”.

Inferências e fundamentação teórica

Com a experiência que a educadora fez em relação em chamar algumas crianças para exemplificar o exercício, viu-se que havia um elo de ligação entre a educadora e as suas crianças. É de uma grande importância haver um contacto com as crianças e saber ouvi-las, para que elas também cheguem até nós. Assim sendo, o facto de estabelecer uma **boa relação com os alunos** facilita o ensino-aprendizagem. Segundo Sprinthall e Sprinthall (citado por Vieira, 2000), “a qualidade da relação interpessoal entre o professor e os alunos tem, de facto, um impacto em muitas facetas da interação na sala de aula e em relação ao grau de aprendizagem real do mundo” (p. 39).

A educadora ao falar dos 5 sentidos, falou mais aprofundadamente sobre a higiene. As crianças mostraram-se interessadas com este tema pois queriam todas participar na conversa. Muitas delas não sabiam o que significava propriamente a palavra em si, mas diziam que era tomar banho, lavar os dentes, lavar as mãos. Temos que incutir desde cedo às crianças a terem uma vida cuidada em relação à sua **higiene**, pois é deveras importante, e, sobretudo criar esse momento como rotina.

O método de leitura utilizado na Escola Avé-Maria, baseia-se no método global como se pode ver na figura 4 alguns exercícios realizados pelos alunos do 1.º ano. Para Moller (2009) “é um método muito lúdico e apelativo (...) que permite à criança aprender segundo o ritmo próprio” (p. 12). Para esta autora ler desta maneira, é realmente uma forma mais lúdica de

aprender a ler, com poucas regras, e por isso, com facilidade a criança faz erros ortográficos como por exemplo na palavra “morango” que escreve com a vogal “u”.



Figura. 4- Quadro exemplificativo dos exercícios

sexta-feira, 12 de outubro de 2012

A educadora, como já vem sendo hábito começou por dar a aula de iniciação à leitura e desta vez com as terminações “al”, “el”, “il”, “ol” e “ul” a um grupo de crianças. Enquanto isso as outras crianças estavam a acabar os trabalhos anteriores e a começar outros. Tinham de fazer a correspondência de uma letra com um algarismo e os algarismos tinham de estar por ordem crescente, do 1 ao 4, e formavam a palavra pato.

Na segunda parte da manhã, a educadora trabalhou no Domínio da Matemática com o material *Cuisenaire*. Relembrou os conceitos de dezena, meia dúzia e dúzia. Começou por fazer uma grande flor no quadro em que no meio da flor pôs o algarismo 4 para as crianças pensarem como se podia decompor o mesmo.

Para concluir o tema pediu-lhes que tirassem a barra que valia 10 unidades e formarem vários exemplos de que como podiam chegar ao mesmo valor utilizando outras barras.

Como neste dia houve aula de informática a educadora formou 2 grupos e pediu-lhes para acabarem os trabalhos anteriores e, nós, as estagiárias, estivemos com eles até ao fim do nosso dia de estágio.

Falámos da aula que temos de lecionar e foi-nos proposto o tema dos 5 sentidos, e assim fazermos uma revisão do mesmo.

Inferências e fundamentação teórica

A meu ver as crianças ficaram a perceber melhor o que era uma dezena e que o número se pode decompor em várias somas.

Nos dias que correm, é cada vez mais importante o uso do computador, e saber usá-lo da melhor forma possível. Na sala de informática, as crianças **trabalham individualmente, ou em grupo**.

As OCEPE (ME, 2002), dizem que “ a utilização de meios informáticos (...) pode ser desencadeadora de várias situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização de um ou outro código, o código informático, cada vez mais necessário.” (p. 72).

Para Silveira-Botelho (2009), “as TIC podem, se convenientemente exploradas, ser um excelente instrumento educativo.” (p 114). Acrescenta também que as crianças ao utilizarem as TIC, podem desenvolver “a sua aprendizagem na área da leitura e da escrita de uma forma mais global e funcionalmente significativa, integrada no conjunto

de outras actividades e servindo necessidades reais, como escrever uma receita, um aviso, uma lista de compras, etc.” (p. 116).

Na minha opinião é importante a criança tomar consciência que através de um computador pode estar conectada ao mundo, visto estarmos sempre em evolução e neste caso, em atualização. Daí pode aprender, receber informação, dar informação e ensinar algo.

segunda-feira, 15 de outubro de 2012

Neste dia algumas crianças aprenderam uma nova letra, a letra “l”. Há alunos mais atrasados, por isso continuaram a treinar as lições anteriores. Houve um trabalho novo em que as crianças tinham de preencher uma proposta de trabalho com a palavra pato, fazer uma pá e por fim, sublinhar a palavra que se adequava ao desenho que lá estava (neste caso, a palavra que deveriam sublinhar era a palavra pipa.)

Na hora do Domínio da Expressão Motora, as crianças fizeram o jogo do cordeirinho que consistia numa criança ir apanhar as outras, quando a professora parasse de bater as palmas. De seguida, a professora dizia uma cor em inglês e as crianças tinham de correr à volta de uma esponja com essa cor.

Na segunda parte da manhã, as crianças trabalharam na área do Domínio Matemática com o material Tangram. Estiveram a ver as diferentes figuras geométricas e os tamanhos. A educadora explicou-nos que a este material está associada uma lenda, mas como o tempo era reduzido não a contou e afirmou que o faria quando dessem novamente este material.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora está sempre atenta se cada aluno tem trabalhos para fazer e quer sempre que estejam calados para ouvirem os colegas na Cartilha Maternal, pois ao mesmo tempo também estão a ouvir e a relembrar o que já deram ou o que ainda virão a dar.

Assim, como de costume, vão 3 a 4 crianças à Cartilha, pois a educadora tem de respeitar o **ritmo de cada aluno**, como refere Ferreira (1992, citado por Mata, 2006), “é necessário [...] aceitar que todos os alunos conseguem aprender a ler e escrever, cada um ao seu ritmo.” (p. 50).

Deus (1997), afirma que “algumas linhas de força que caracterizam o Método João de Deus: “Bom uso do ponteiro que regule e dê ritmo à leitura (...)” (p. 92).

Visto ser a primeira vez que estavam a trabalhar com o material **Tangram**, as crianças ficaram todas entusiasmadas e queriam logo abrir o saco que continha as peças sem a ordem da educadora. Este material como afirma Alsina (2004)

(...) é um jogo que é de origem chinesa, mas desconhece-se o autor e a altura em que foi criado. Hoje em dia já existem muitos tipos de *Tangram*, mas que todos se caracterizam por ter 7 peças com formas geométricas (quatro triângulos, dois quadrados e um paralelograma). (p. 82).

Alsina (2004) cita ainda que, “ o jogo do *Tangram* é um recurso lúdico-manipulativo muito útil na preparação das noções de superfície e área” (p. 82).

Este material (figura 5) tal como os anteriormente referidos, também é manipulável, colorido e tem várias formas. Há vários jogos e construções que se podem fazer, apesar de achar que é um pouco mais difícil de explicar as indicações para construírem no lugar.



Figura 5 – Peças do *Tangram*

terça-feira, 16 de outubro de 2012

Neste dia, a nossa sala ficou com mais duas estagiárias do 2.º Ano da Licenciatura em Educação Básica da nossa escola. Assim, na primeira parte da manhã, a educadora esteve a falar connosco sobre as aulas que vamos dar para a semana. Ajudou cada uma prontamente com ideias e sugestões.

Enquanto a educadora estava a falar connosco, as crianças estavam a realizar uma proposta de trabalho que consistia em completar um padrão. Tinham de pintar e fazer a sequência a lápis de carvão. As estagiárias do 2.º ano estavam a ajudar os alunos nesta atividade.

Na 6.ª feira, dia 19 de outubro de 2012 as crianças vão ao Teatro ver a “Bela e o Monstro” por isso falámos com a diretora da escola sobre este assunto para ver quem poderia ir ter logo ao local do teatro (Academia de Santo Amaro).

Inferências e fundamentação teórica

Com a chegada de mais duas colegas, as crianças ficaram um pouco mais agitadas. Embora estejam habituadas à presença de novos elementos dentro da sala, notou-se um pouco de agitação. A docente apresentou as colegas novas e, como sustenta Maia (2002), torna-se a “(...) incorporação num conjunto. Em termos sociais, significa o acesso a um novo grupo.” (p. 350).

Com a chegada de mais raparigas neste caso à sala dos 5 anos, fez-me pensar o **porquê de o ensino estar maioritariamente ligado só a pessoas do género feminino**. Fiz uma breve pesquisa sobre o assunto e, a autora que pesquisei foi Araújo (2000) que diz que antigamente, “as mulheres tinham o afecto, a delicadeza, a doçura” e que era importante para o desenvolvimento da criança para se sentirem mais à vontade. (p. 269) acrescenta que “os homens eram educadores das mulheres” (p. 261) e diz-se que a entrada de muitas mulheres para a educação, “se deu como uma resposta às «necessidades» do Estado ou do capitalismo”, pois o trabalho feminino era visto como barato e submisso (p. 57). Como síntese, e na minha opinião, a fase que a criança está na creche e a pessoa com que está mais ligada, é a mãe. Penso que uma pessoa do género feminino é essencial. Penso também, que pessoas do género masculino fazem falta ao ensino. Porquê? Têm paciência, são criativos, não são implicativos nem competitivos e fazem a diferença no sentido em que pensam e agem mais rapidamente, são mais práticos e ao mesmo tempo, mantêm o respeito.

sexta-feira, 19 de outubro de 2012

Como estipulado, estávamos no local do teatro à hora combinada (10 horas). Não houve teatro pois houve uma falha de comunicação entre o transporte e o Jardim-Escola. Regressámos então ao Jardim-Escola.

Quando chegámos, estivemos a falar com a Diretora que nos disse que era importante começar a estudar Cartilha Maternal, disse também aos alunos novos que se precisassem de ajuda para contar com ela. Apenas estivemos no estágio uma hora.

segunda-feira, 22 de outubro de 2012

Este dia começou com a minha colega a dar a manhã programada que foi sobre os dentes.

Com a nossa (estagiárias) ajuda colocou em cima da mesa os materiais necessários para o decorrer das aulas.

Começou a aula com o Domínio da Língua Oral e Abordagem à Escrita a contar uma história do *Dente*, *Dentola* e *Dentão* de José Fanha. Falou sobre a capa e a lombada do livro. Leu o livro, e à medida que ia contando pedia para repetirem estas palavras (badalim, badalim, badalão). No final da história, mostrou a ilustração. Colocou perguntas sobre a história e as crianças souberam responder a todas.

De seguida trabalhou os ditongos com a ajuda de letras móveis que já estavam em cima da mesa. Formaram dois ditongos (eu e ai).

Enquanto foram ao Domínio da expressão motora, nós estivemos a falar com a educadora sobre as nossas futuras aulas e de estratégias.

No Domínio da Matemática as crianças tinham uns saquinhos com escovas de dentes em papel e algarismos móveis. A colega foi ditando algumas situações problemáticas onde puderam manusear esse material.

No Área do Conhecimento do Mundo, fomos para a sala de leitura e a colega sentou as crianças em U. Começou por mostrar um dente de plástico e falou sobre a sua constituição. Falou também sobre o tipo de dentição que temos e os cuidados a ter com os dentes.

Não conseguiu concluir esta Área passando a aula para o dia 29 de outubro de 2012 (segunda-feira).

Inferências e fundamentação teórica

A Colega leu uma história, mas não mostrou as imagens. Com a **leitura de histórias**, as crianças desenvolvem a sensibilidade, os sentimentos e até a personalidade.

As OCEPE (ME, 2002) referem que “é através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. Por isso, os livros devem ser escolhidos segundo critérios de estética literária e plástica.” (p. 70).

As **letras móveis** são cada vez mais uma prática utilizada pela parte dos educadores/professoras. Assim, como afirma Ruivo (2009), as letras móveis são um importante recurso para se ter dentro de uma sala de aula e que os discentes,” em grupo ou individualmente, manipulam este material didático (...) porque permite aceder à construção e desconstrução de palavras, à construção de novas sílabas de uma palavra dada e até à construção de frases quer sejam ditadas quer sejam copiadas.” (p. 353). As letras móveis servem para as crianças memorizarem mais rápido as letras.

Perrenoud (1999) afirma que no dia-a-dia, cada professor “(...) precisa de todos os seus recursos para animar a aula, gerir o tempo, conter a indisciplina de uns ou de outros, regular o trabalho (...)” (p. 69). A colega não conseguiu gerir bem o tempo o que levou a adiar a atividade para outro dia. Penso que a gestão do tempo é dos aspetos mais difíceis de gerir para um estagiário.

terça-feira, 23 de outubro de 2012

Hoje foi um dia muito especial para mim pois iria dar a minha primeira aula programada! Fui mais cedo para a sala e antes das crianças chegarem preparei todo o material. O tema da aula foi sobre o sentido do tato e o sentido do paladar. Comecei por contar uma história *História de dedos* de Luísa Ducla Soares. Falei da capa, da contra capa e da lombada. Lia uma página e mostrava as figuras do livro. Pedi a participação das crianças no decorrer da história recorrendo aos gestos e a repetirem as palavras que eu dizia com o nome dos dedos. Repeti a história pois as crianças pediram-me.

De seguida dei a Domínio da Matemática em que as crianças estavam todas sentadas no seu lugar e entreguei uma dezena de mãos feitas em cartolina de cor de rosa a cada criança e promovi o cálculo mental das crianças. Enquanto pedia a uma criança, as outras também faziam o mesmo exercício para não estarem paradas e para estarem com atenção no decorrer da aula. Depois efetuei contagens e pedi-lhes para colocarem na mão esquerda meia dezena de mãos, posteriormente pedi para colocarem de novo as mãos por cima da mesa e pedi para retirarem uma dezena de mãos e colocarem na mão direita. Entreguei uma proposta de trabalho com quatro mãos do mesmo tamanho. Em que as numerei de 1 a 4. Na mão 1 tinham de escrever os algarismos do 1 ao 5 por ordem crescente, na mão 2 tinha de colocar por ordem decrescente. Nas mãos 3 e 4 tinham de colocar os algarismos do 1 ao 10.

Por último, no Área do Conhecimento do Mundo, fui para o ginásio com o grupo para dar este tema. Pedi às crianças que se sentassem em U e coloquei uma boca em tamanho grande com a língua para fora para explicar os diferentes sabores que sentíamos e em que parte estava o doce, ácido, salgado e amargo. De seguida, pedi às crianças que fechassem os olhos. Tinha quatro sacos: num estavam grãos de café; noutro algodão, noutro farinha, e, por fim açúcar. As crianças tinham de colocar a mão dentro de cada saco e no fim colocarem o dedo no ar para adivinharem no que estavam a tocar. Trabalhei aqui o sentido do tato. No final desta aula, dei às crianças que queriam um pouco de sumo de limão e um pouco de açúcar para trabalhar o

sentido do paladar e elaborei com as crianças um bilhete de identidade em que tinham de desenhar a cara com lápis de cor, escrever o nome e com o dedo utilizaram o tapete com tinta para fazerem a impressão digital.

Terminou assim a minha primeira aula programada.

Inferências e fundamentação teórica

A minha aula decorreu bem. As crianças estavam todas atentas e queriam participar ao longo da manhã. Gostei particularmente da participação delas ao longo da história, pois pediram para repetir e deu-me uma grande vontade de continuar com mais ânimo ainda.

Comecei por **preparar os planos antecipadamente** e escolhi temas e atividades que estimulassem as crianças para um melhor desempenho da minha parte. Para Haigh (2010) devo sempre “escolher aquilo que melhor se adapta” (...) a mim e neste caso também às crianças. (p. 46).

Para o mesmo autor, “quando se prepara uma aula deve-se utilizar uma metodologia de planeamento por tópicos: “Porque estou a fazer isto?” e “O que é que eu quero que os meus alunos aprendam?” (p. 56).

Com a **leitura** do livro *História de dedos*, como defende Magalhães (2008) na idade pré-escolar é muito importante o “**ato de ler**. Esta deve visar a aquisição de algumas das competências fundamentais ao ato de ler: o desenvolvimento das competências linguísticas e sociolinguísticas; o progressivo Domínio espaço-temporal; o treino da capacidade de concentração; a exercitação da memória.” (p. 61).

Em relação à aula de matemática, senti-me menos segura, o que também passou um pouco para as crianças a minha **insegurança**.

Para Ballenato (2008) “as palavras do educador transmitem as suas expectativas e são capazes de desenvolver atitudes, despertar emoções e incitar comportamentos.” (p. 25). Assim, para a próxima aula tenho de me sentir e estar mais segura para conseguir transmitir as aprendizagens e despertar mais atenção por parte das crianças.

Em relação ao Área do Conhecimento do Mundo tentei ser prática e consegui que todas as crianças participassem, e participaram! Todas elas tocaram e experimentaram uma série de materiais e sabores que lhes tinha para oferecer neste dia.

De acordo com Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2007), “as tarefas de carácter prático sempre foram consideradas

importantes para as crianças, sobretudo para as mais novas, como forma de potenciar o seu envolvimento físico com o mundo exterior, aspecto crucial para o desenvolvimento do próprio pensamento, conforme comprovado por Piaget.” (p.38). Caamãno (2003, citado por Martins *et. al.* 2007) diz que existem quatro tipos de actividades práticas. Um dos quatro tipos de atividade que trabalhei nesta aula foi “Experiências sensoriais, baseadas na visão, no olfacto, no tacto, na audição.” (p. 40).

Nesta minha atividade, utilizei as experiências sensoriais, incluindo a audição, dado que indiretamente precisamos sempre dela para sabermos aquilo que vamos fazer. No geral considero que foi um bom começo. Para a próxima, farei melhor.

sexta-feira, 26 de outubro de 2012

Hoje foi a minha colega Patrícia a dar uma manhã programada. Começou por colocar em cima das carteiras o material necessário para a mesma. A aula começou na sala de leitura com uma história *Os cinco sentidos* de Françoise Rastoin. A colega mostrou a ilustração através da tela pois as imagens do livro eram demasiado pequenas. Foi contando a história, e quando havia uma palavra difícil, explicava. No final da história, as crianças recontaram a mesma. Depois da leitura do livro formaram o comboio.

Quando chegámos à sala de aula trabalhou o Domínio da Matemática e utilizou como materiais olhos de plástico e algarismos móveis. Trabalhou nesta Área a dezena e a meia dezena e trabalhou também o sentido do número utilizando os olhos e os algarismos que correspondiam à quantidade que a Patrícia pedia. Na Área do Conhecimento do Mundo a colega trabalhou as partes constituintes do olho, através de elementos que levou, e conforme ia falando da constituição do olho ia construindo até este ficar completo e legendou-o.

Inferências e fundamentação teórica

Os materiais que a Patrícia utilizou foram muito interessantes e foi o que na minha opinião cativou mais as crianças pois estavam muito curiosas e a querer descobrir o material e os algarismos móveis.

Segundo Matos e Serrazina (1996) “o sentido do número é altamente personalizado e está relacionado com as ideias sobre o número que cada um foi estabelecendo e com a forma como aquelas foram adquiridas.” (p. 246).

A colega ao dar a constituição do olho, promoveu uma certa **curiosidade** por parte das crianças visto ser algo presente diariamente. Assim, como sustenta Figueiredo (2004) “a Área do conhecimento do mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê.” (p. 158).

“É nesta perspetiva que o Área do Conhecimento do Mundo é uma sensibilização as ciências e que aponta para a introdução a aspectos relativos a diferentes Domínios do conhecimento humano: a história, a sociologia, a biologia, a física, a química, a geografia, (...), que mesmo elementares e adequados a crianças destas idades, deverão corresponder sempre a um grande rigor científico.” (p. 158).

É importante, a **sensibilização às ciências** pois fomenta “(...) a curiosidade e o desejo de saber mais.” (p. 158).

A “capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade de saber, a atitude crítica.” (p. 159) São dos parâmetros mais valorizados e importantes para a Área de Conhecimento do Mundo.

segunda-feira, 29 de outubro de 2012

Hoje, as crianças estiveram a acabar os trabalhos em atraso. Nós, estagiárias estivemos a ajudar individualmente as crianças que tinham mais dificuldades. Após, e como é habitual, as crianças tiveram a aula de Expressão Motora em que realizaram exercícios com bolas, e posteriormente tinham de esconder as bolas e a seguir as instruções dos colegas dando pistas.

A Colega, terminou neste dia a aula que ainda não havia terminado sobre os dentes no Área do Conhecimento do Mundo. Levou para a sala de aula uma dentadura em tamanho grande em que explicou o nome dos dentes e para que serviam.

Inferências e fundamentação teórica

Com o jogo, na área de Expressão Motora, as crianças exploraram as cores, a lateralização e principalmente ouviram os colegas a dar-lhes pistas e maneiras de abordar o amigo por forma a que ele entenda. Assim, Figueiredo (2004) diz que “os jogos de movimento com regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem.” (p. 50).

A manhã da colega não decorreu muito bem pois demorou demasiado tempo a explicar o nome dos dentes e as crianças poderiam ter explorado mais o material visto ser um material manipulável e grande poderiam ser elas a tocar e não apenas para observar. É certo que é através da observação que as crianças aprendem, como sustenta Figueiredo (2005) “é através da **observação** que a pessoa conhece o mundo à sua volta (...)” (p. 48). Acrescentaria que é também de extrema importância a criança tocar, para uma melhor compreensão da aprendizagem que lhe está a ser feita, Como é referida nas OCEPE (ME, 2002) “a diversidade e acessibilidade dos materiais utilizados permite ainda outras formas de exploração” (p. 62). As crianças ao acesso a uma grande diversidade de materiais, aprendem de uma forma lúdica.

Foi positivo para mim observar esta aula e conseguir perceber o que não estava a decorrer bem.

terça-feira, 30 de outubro de 2012

Hoje foi um dia diferente pois a educadora da nossa sala foi ao médico e chegou às 11h. Quem a substituiu foi uma educadora da creche. Esteve a trabalhar no Domínio da Matemática sobre os números pares e ímpares, cálculo mental e quando os alunos não sabiam, utilizavam as palhinhas como suporte de ajuda. Gostei de assistir a esta aula pois foi uma maneira diferente de aprender e cativar os alunos.

Na segunda parte da manhã, a educadora chegou e trabalhou a Cartilha Maternal com alguns grupos de alunos que vão na lição da sílaba forte. Como entrou uma aluna nova para a sala, a educadora deu especial atenção e dedicou mais tempo à mesma.

Posteriormente, realizaram uma proposta de trabalho onde tinham que circundar a sílaba forte nas palavras. As estagiárias ajudavam as crianças a lerem as palavras que estavam na mesma.

Na última parte da aula estivemos a falar sobre a aula da colega, em que a educadora disse os pontos fracos da aula e os fortes e explicou que o mais importante é fazermos melhorias para o nosso futuro.

Inferências e fundamentação teórica

Achei importante no dia de hoje a educadora dar estímulo à aluna nova pois disse que era uma criança sempre pronta a aprender e a **educadora dedicou tempo**

na Cartilha Maternal para saber o que sabia e adiantar para estar a par das outras crianças.

Ruivo (2009) refere que este método de leitura “requer trabalho, dedicação e esforço por parte do professor mas que tem resultados positivos no desenvolvimento das competências essenciais à leitura” (p. 101).

Embora as aulas sejam de uma hora e meia, as crianças conseguem fazer os trabalhos que lhes são propostos mas, em contrapartida, como cita Figueiredo (2004) crianças com 5 e 6 anos de idade, “ (...) só conseguem ficar quietas por um período de tempo muito curto. E, embora possuam muita energia, cansam-se facilmente.” (p. 25).

Constatei que as crianças desta sala, conseguem estar algum tempo sentadas a fazer o que lhes é proposto e por vezes dispersam.

sexta-feira, 2 de novembro de 2012

Após o feriado algumas educadoras não foram ao Jardim-Escola. A educadora da nossa sala não foi, então ficámos na sala da outra educadora desta faixa etária. A educadora começou por contar a história *Gente Gira* de Luísa Ducla Soares depois colocou perguntas sobre a história do livro que tinham a ver com a cor verde. De seguida, como a diretora não se encontrava no Jardim-Escola a educadora ficou encarregue de tomar conta dos recados, então uma colega de estágio ocupou o seu lugar e contou outra história *A Bruxa Mimi* de Valerie Thomas e Korky Paul.

De seguida fomos ver um teatro de fantoches, realizado pelas nossas colegas da sala dos 3 anos chamado *Os três porquinhos*.

O resto do dia, estiveram no recreio e almoçaram mais cedo.

Inferências e fundamentação teórica

Os **fantoches**, hoje em dia, são muito importantes para as crianças entrarem no mundo da fantasia e servem também para comunicar através de uma outra personagem. Assim e de acordo Com OCEPE (ME, 2002) “(...) através da utilização de fantoches, de vários tipos e formas (...) facilitam a expressão e comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (p. 60).

Segundo Pereira e Lopes (2007), os fantoches estabelecem “um importante instrumento de aplicação pedagógica em torno de aprendizagens fundamentais

aliadas ao desenvolvimento de capacidades: coordenação motora, concentração, criatividade, expressão oral, confiança.” (pp. 42-43).

Na minha opinião, tudo o que se faça diferente, permite que as crianças fiquem contentes e animadas e, ao mesmo tempo ficam presas às personagens mágicas cheias de cor e com muito para contar!

segunda-feira, 5 de novembro de 2012

Começámos o dia de hoje por ver o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com a Cartilha Maternal com a letra “c”. Algumas crianças estavam a realizar uma proposta de trabalho em que tinham de pintar todas as letras “d” que encontrassem.

Na aula de Educação Física fizeram o jogo das estações em que tinham de arrastar, saltar e subir as escadas, isto com materiais feitos de esponja apropriados à idade das crianças.

Na segunda parte da manhã a educadora queria dar uma aula com o material Blocos Lógicos mas não teve tempo para isso. Então, lembrou quais e quantas figuras eram. Como não teve tempo para utilizar este material, fez no quadro um triângulo com o número dez dentro e ensinou que cada ponta do triângulo se chama vértice e em cada vértice fez um triângulo para os alunos dizerem algarismos que somados fizessem o total de dez unidades.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia foi marcado com o facto da educadora chamar a atenção dos seus alunos para tomarem conta das suas sapatilhas, pois duas crianças tinham-se esquecido de levar as sapatilhas para a aula, deixando-as no recreio e a educadora lembrou-lhes que têm de ter especial atenção com as suas coisas. Achei um ponto muito positivo pois desde pequenas que as **crianças** têm de ser progressivamente **responsabilizadas**. Também Cordeiro (2007), defende que “as crianças têm de ganhar a pouco a pouco, a noção de que as suas acções têm consequências, maiores ou menores, a curto e a longo prazo.” (p. 206).

Os **Blocos Lógicos** são considerados um “material lógico” estruturado que tem quatro características: a cor, a forma, a espessura e o tamanho.

Caldeira (2009) refere que

Num primeiro contacto com os Blocos Lógicos a criança usa-os como jogos de construção, tomando como referência a experiência que tem da realidade. Ao proceder assim a criança enriquece o campo da sua percepção estruturando o espaço na horizontal e na vertical, descobrindo certas leis do equilíbrio, etc. (p. 365).

A educadora revela ter muito à vontade com o material e gosto pela matemática o que torna a aprendizagem mais fácil e interessante.

Este material cativou as crianças, embora não tivessem tempo para realizarem exercícios. Mas, a educadora deixou-as brincar com o mesmo e elas conseguiram inventar objetos imaginários que os intitulavam de “meus amigos”.

terça-feira, 6 de novembro de 2012

Na parte da manhã, as duas estagiárias do 2.º Ano deram a aula que decorreu na sala das Atividades de Tempos Livres. Esta foi dada no chão. O tema da aula foram os planetas, o dia e a noite. Primeiro a aluna T começou por ler um poema sobre os planetas. Depois perguntou se gostaram do poema e de que se tratava. Leu-o de pé enquanto os alunos estavam sentados no chão. De seguida, sentou-se no chão juntamente com as crianças e levou como material uma placa de esferovite com a Terra e o Sol e explicou o movimento de translação e rotação colocando questões sobre quantos dias tinha um ano e quantas horas tinha um dia. Os alunos não souberam responder pois ainda não têm a noção do tempo. Depois foi a estagiária L que começou por pôr uma música sobre os planetas. Levou também uma maquete para explicar planeta a planeta, mas não diferenciou uns dos outros fazendo todos do mesmo tamanho. Explicou também o porquê de acontecer um eclipse. Por fim, promoveu uma atividade em que colocou ao pescoço dos alunos os planetas, o Sol e a Lua, colocando-os na posição correta dos planetas.

No fim das aulas falámos sobre o que tinha decorrido bem e menos bem. Cada uma falou do que tinha achado da aula incluindo a educadora.

Na segunda parte da manhã foi trabalhada a Cartilha Maternal. A educadora ensinou a letra “q”. Enquanto os alunos estavam na Cartilha, a educadora deu uma proposta de trabalho em que a cada letra correspondia uma cor para eles pintarem.

Inferências e fundamentação teórica

De uma forma geral, as aulas das colegas decorreram bem. Era a primeira aula que deviam e transmitiram o essencial, embora as crianças tivessem aprendido esta matéria. Podiam ter aproveitado mais o tempo e interagido mais uma com a outra visto ser uma aula dada em conjunto. A atividade foi confusa e as crianças acabaram por não perceber o que estavam a fazer pois estavam todas ao pé umas das outras sem saber o motivo.

Ambas as alunas falharam ao não colocarem perguntas dirigidas, levando a que as crianças respondessem todas ao mesmo tempo.

Dei também o conselho de não ler o poema sempre a andar e com saltos altos pois também me deram esse conselho anteriormente.

Achei interessante a educadora escrever a data no quadro, e o facto de perguntar aos alunos o dia e o mês em que estávamos. Estes responderam corretamente e a educadora errou de propósito ao escrever os números para eles corrigirem, e corrigiram logo.

O que mais cativou as crianças foi a **música**. Estas e tiveram gosto ao aprendê-la, pois pediram inúmeras vezes para colocarem de novo. Assim, e segundo as OCEPE (ME, 2002), “a relação entre a música e a palavra é uma outra forma de Expressão Musical” (p. 64). É fantástico perceber a facilidade com que as crianças aprendam musicas e o gosto que demonstram.

sexta-feira, 9 de novembro de 2012

Nesta manhã de estágio, a educadora realizou um ditado com as palavras (já, eu, pai e ia). Deu uma folha a cada aluno e ia repetindo várias vezes para eles perceberem que letras eram para escrever. Foi vendo se cada aluno estava a fazer corretamente o exercício. Foi a primeira vez que os alunos fizeram um ditado.

Os alunos que estavam mais atrasados na Cartilha Maternal, a educadora chamou-os deixando os restantes para a parte da tarde em que não assistimos pois o nosso horário é até às 13h.

Na segunda parte da manhã trabalhou no Domínio da Matemática com o material *Cuisenaire*. Começou por ensinar o sinal de menor (figura 6) e menor (figura 7) com as barras. De uma forma lúdica as crianças estavam todas atentas e a entender o que a educadora lhes pedia.

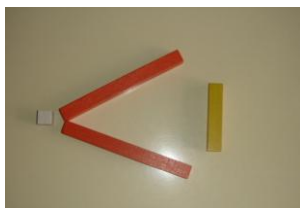


Figura 6 – Sinal de menor com o material Cuisenaire



Figura 7– Sinal de maior com o material Cuisenaire

Foi também entregue uma proposta de trabalho para pintarem os números com dois algarismos (o algarismo das unidades da cor amarela e o das dezenas de cor verde).

A educadora tinha ensinado no dia anterior a fazerem a indicação e a operação de uma conta e lembrou hoje também. Os alunos não se lembravam de como era, mas a educadora colocou questões e alguns conseguiram responder.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças fizeram um pouco de confusão, pois por vezes há crianças que viram a folha ao contrário para pintarem da forma que lhes dá mais jeito, e para elas torna-se difícil distinguir.

Em relação ao Domínio da Matemática, no sinal de maior e de menor com o material *Cuisenaire*, as crianças perceberam de uma maneira diferente e ao mesmo tempo divertida de utilizar este material de outra maneira sem ser estudar as suas cores e os valores. As crianças tiveram um pouco de dificuldade no início do exercício mas estavam motivadas para a sua consecução.

Migueis e Azevedo (2007) defendem que “ é preciso que os professores sejam capazes de motivar e dar significação à aprendizagem da matemática.” (p. 18). Neste caso a educadora, desta forma diferente, motivou as crianças a saber e compreenderam mais sobre estes sinais.

Estes autores acrescentam que

A possibilidade de colocar a criança num movimento de construção dos conhecimentos matemáticos para a vida é introduzir no jogo a necessidade da utilização destes conhecimentos de forma significativa. Fazer isto é colocar o pensamento da criança em acção, em situações interactivas, de modo que os sujeitos tenham a necessidade de construir colectivamente a solução de situações-problema. (p. 61).

Neste caso a educadora, desta forma diferente, motivou as crianças a saber e compreenderam mais sobre estes sinais.

Esta concretização dos sinais, foi de fácil entendimento para as crianças pois realizaram-na rápido e de forma acertada, embora eu repetisse no quadro o mesmo exercício e circulasse pelo espaço.

segunda-feira, 12 de novembro de 2012

Como já é habitual, as crianças tiveram aula de Cartilha Maternal a letra “r” e os seus dois valores. Após a leitura de algumas palavras como (cedo e caco) fizeram uma proposta de trabalho relativamente à letra que aprenderam no dia anterior.

Na Educação Física, jogaram futebol humano sentados e tinham que se transformar em aranhas. Todos participaram na atividade com grande entusiasmo, pois eles é que escolheram o que fazer neste dia.

Na segunda parte da manhã no Domínio da Matemática estiveram a trabalhar com o material 4.º Dom de Fröebel e fizeram a cama. A educadora lembrou a forma de pegar nos paralelepípedos. Para completar esta área, colocou perguntas aleatórias sobre os números pares e ímpares, contar de dois em dois e de três em três para estimular o cálculo mental. Todas as crianças conseguiram fazer o cálculo mental de dois em dois, em contrapartida, poucas conseguiram fazer o cálculo de três em três.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia trabalharam com o **4.º Dom de Fröebel** e fizeram a construção da cama. Este material é constituído por uma caixa de madeira e tem 8 paralelepípedos. Como refere Caldeira (2009), “é importante levar as crianças a concluir que o volume dos 8 cubos” como o 3.º Dom “é igual ao volume dos 8 paralelepípedos” (p. 260).

Este material, permite às crianças que explorem mais e há mais diversidade de construções (há 17) como por exemplo: Cadeiras, banco, cadeira e mesa (s), cadeirão, ponte, tanque, poço, piano, carrocel, muro, escadas de degrau estreito, escadas de degrau largo, escadas de caracol, escadas duplas, cama e soldados).

As crianças conseguiram realizar a cama, apesar de algumas mostrarem dificuldade a pegar nas peças. É um material que gostam de manipular e respeitam todas as regras.

Nos dias que correm é muito importante a **realização de cálculos**, e estes diariamente estão presentes, de acordo com Ponte e Serrazina (2000) “ no dia-a-dia, a maioria dos cálculos que fazemos são mentais. Nem sempre se pode usar papel e lápis, nem é necessário” (p. 155) pois com materiais, as crianças utilizam a

imaginação, manipulam e assim elaboram o que lhes é solicitado de outra forma, para eles mais atrativa, sem dúvida.

A educadora aproveita vários momentos para promover o cálculo mental recorrendo muitas vezes a situações do dia a dia das crianças.

terça-feira, 13 de novembro de 2012

Hoje começámos pelo Domínio da Matemática. As crianças trabalharam com o material *Cuisenaire* com a barra 7 (preta). A educadora lembrou ainda no quadro como fazer a indicação e a operação. Chamou ao quadro vários alunos para exemplificarem os exercícios. Perguntou também a cada aluno os números ímpares de dois em dois visto ser importante as crianças terem a noção do sentido do número e saberem desde logo fazer o cálculo mental.

De seguida, a educadora pediu para pegarem na peça preta que vale sete unidades e para os alunos encontrarem as peças de outras cores para fazerem o total de sete unidades. Deu algum tempo para as crianças realizarem vários exemplos utilizando várias peças de outras cores.

Depois do intervalo, a educadora apenas deu Cartilha Maternal a dois alunos por não haver muito tempo e começou a ditar palavras para os alunos irem ao quadro escrever.

Inferências e fundamentação teórica

Quando a educadora colocou no quadro a indicação e a **operação**, muitas crianças não se lembravam. Mais uma vez a educadora trabalhou a relação dos números e das operações. Abrantes, Serrazina, e Oliveira (1999) referem que “o sentido do número constitui uma referência central do ensino dos números e do cálculo desde os primeiros anos.” (p. 46).

As crianças ainda não sabiam muito bem a diferença que existe entre os números ímpares e pares e esta aula demorou um pouco mais visto se ter perdido mais tempo, mas tempo necessário para elas entenderem com exemplos vivos.

Para Estanqueiro (2010), os **bons educadores** “**esforçam-se** por conhecer e valorizar as capacidades, os saberes, os interesses, o estilo e o ritmo de aprendizagem dos seus alunos.” (pp. 12-13). Um dos pontos muito positivos que esta educadora tem é de manter a calma nos momentos em que todos falam ao mesmo tempo e respeitar o tempo que cada um demora a fazer o que lhe é proposto.

sexta-feira, 16 de novembro de 2012

Neste dia a colega deu mais uma aula sobre os planetas. Iniciou-a na sala de vídeo. Começou por sentar as crianças em U e contou uma história “À procura das estrelas, uma viagem pelo espaço” de Theresa Heine, dizendo que iam entrar numa viagem no espaço e pediu para vestirem os fatos de astronautas, o que deixou desde logo as crianças atentas e ao mesmo tempo divertidas pois estavam a sorrir e com vontade de ouvir a história. No final da história, colocou perguntas e falou um pouco sobre os planetas. Fomos para a sala de aula. No quadro estava escrito um poema que teve como título *Quanto custa?* Leu o poema e dialogou com os alunos sobre o mesmo. Chamou dois alunos ao quadro para circundar várias vogais numa palavra e uma consoante já dada na Cartilha Maternal na palavra (sol). Os alunos executaram o trabalho corretamente.

Na segunda parte da manhã, a colega não deu aula, pois a educadora foi falar sobre a festa de Natal com a Diretora do Jardim-Escola. Assim, estivemos a assistir aos ensaios da festa com a educadora da outra sala.

A Colega dará no próximo dia de estágio, as aulas no Domínio da Matemática e na área de Conhecimento do Mundo.

Inferências e fundamentação teórica

Por vezes, há alunos que chegam atrasados à escola o que não é bom para o seu desenvolvimento. Quando isso acontece, a educadora chama-os à atenção e faz-lhes ver que já não acompanham tão bem o que se está a passar.

As crianças adoraram quando a minha colega disse que tinham de utilizar o fato de astronautas, cativando logo a atenção das crianças para ver o viria a seguir.

Visto a primeira parte da aula ter sido noutra sala, a Colega demorou bastante tempo na mudança de sala, o que lhe fez perder tempo.

Apresentou um **poema**, que para Agüera (2008), “ quando as crianças são mais pequenas, devem ler-se-lhes quadras e poemas muito curtos e fazer com que os repitam e aprendam” (p. 25).

Como já disse, o que correu menos bem nesta aula foi devido à perda de tempo que a colega teve de mudar de sala. No entanto também considero positivo ela ter diversificado os espaços.

segunda-feira, 19 de novembro de 2012

A Colega continuou as suas aulas. Começou com a Área do Conhecimento do Mundo. Levou vários materiais para demonstrar o movimento de translação e rotação. (figura 8).

Chamou duas crianças para a frente da sala e uma segurou no Sol, outra na Terra e a criança tinha de fazer cada um dos movimentos que explicou posteriormente. (figura 9)

De seguida, deu uma proposta de trabalho com várias figuras (alface, cebola e cidade) visto ter dado na Cartilha Maternal a letra “Cêke” e as respetivas palavras para ligarem as imagens às palavras.



Figura 8 – Sol e Terra

No Domínio da Matemática, fez contagens com os planetas; com dois dos planetas fez com que cada um tivesse um valor diferente para trabalhar o sentido do número.

Assim, o Saturno valia 5 unidades e o Urano 2 unidades.

Depois colocou diversas perguntas em relação ao número ímpar e ao par e em relação à soma e à subtração.

Acabando esta Área, a educadora pediu-lhe para realizar com as crianças uma proposta onde elas tinham de fazer a indicação da conta e a sua operação.



Figura 9 – Planetas

Inferências e fundamentação teórica

O exercício da proposta de trabalho no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, foi difícil para as crianças visto a colega não ter lido antes as palavras com os alunos e não ter explicado sucintamente o que era para fazer no exercício. Há crianças que já sabem ler facilmente, outras não, assim, deveria ter lido com elas o exercício, repetir se necessário e só depois começariam a trabalhar.

Em relação ao Domínio da Matemática, a colega poderia acrescentar algarismos móveis para colocarem por baixo dos planetas enriquecendo mais a sua aula.

No recreio, reparei que as meninas já se juntam mais e fazem um grupo à parte dos meninos e falam muito da amizade que existe entre elas. A **amizade** como citam

Papalia, Olds, e Feldman, (2001) “ (...) começa com uma escolha. Um amigo é alguém por quem a criança sente afecto, com quem se sente à vontade, com quem gosta de fazer coisas e com quem pode partilhar sentimentos e segredos.” (Hartup, 1992).

Constatei que gostam de sentir a presença do adulto por perto pois assim sentem-se mais seguras. A hora de brincar tem de ser respeitada sempre.

Com crianças desta idade, já se começa a notar que as raparigas gostam de fazer os seus grupos, já os rapazes brincam com todos.

terça-feira, 20 de novembro de 2012

Começámos com a aula do Domínio da Matemática em que trabalhámos o material Calculares Multibásicos. Os alunos tinham de fazer o jogo na base 9. Este jogo consiste em não ter 9 peças ou mais de 9. Ver resultado na figura 10.

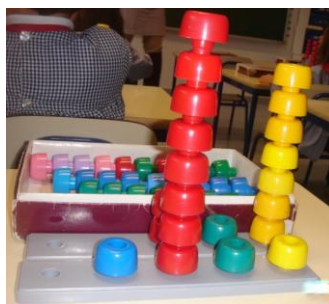


Figura 10 – *Jogo da torre do 8*

A educadora circulou por todos os lugares para ver se estavam a fazer o trabalho corretamente e a quem estava a fazer mal, ajudou individualmente.

Inferências

Quando a educadora da sala disse que ia jogar com o material Calculadores Multibásicos, viu-se logo um sorriso na cara deles. É importante que as crianças gostem de brincar ao mesmo tempo que também aprendem.

Todas as crianças realizaram esta atividade, algumas com ajuda, até hoje foi com este material que as crianças tinham mais gosto em manipular e queriam fazer o mais rápido possível para ver quem acabava o jogo mais rápido.

sexta-feira, 23 de novembro de 2012

Na primeira parte da manhã, enquanto algumas crianças estavam na Cartilha Maternal a aprender a lição do Pedro, as outras estavam a fazer uma proposta de trabalho sobre a letra “l”. Reparei que existe uma criança que precisa de especial atenção no sentido de estar sempre a necessitar de ouvir elogios pois está consecutivamente a perguntar à educadora e a nós estagiárias se está a fazer o trabalho corretamente ou não. Por estar a assistir à aula de Cartilha da educadora chamou-me a atenção esta característica muito vincada desta criança. É importante a educadora conhecer cada criança e ter uma boa relação com elas porque assim torna-se mais fácil o diálogo e a aprendizagem.

Na segunda parte da manhã o primeiro grupo foi para a informática e o outro grupo ficou a treinar para o teatro de Natal. Quando o primeiro grupo acabou, foram para a sala treinar também o teatro.

Sugerimos à educadora darmos algumas lições da Cartilha Maternal. Concordando com a nossa sugestão, vai-nos dar essa oportunidade.

Inferências e fundamentação teórica

Na leitura da Cartilha Maternal, a criança que visualizei com mais atenção, mostrou ser uma criança insegura e com medo de errar. A educadora está sempre a **elogiá-la**, assim como sustenta Cordeiro (2007), “a vida não pode ser um constante apontar de erros, e o caminho para o aperfeiçoamento faz-se sobretudo de elogios e demonstrações de que as coisas foram bem feitas.” (p. 206).

Estabelecer uma **boa relação com os alunos** facilita o ensino-aprendizagem. Segundo Sprinthall e Sprinthall (citados por Vieira, 2000), “a qualidade da relação interpessoal entre o professor e os alunos tem, de facto, um impacto em muitas facetas da interação na sala de aula e em relação ao grau de aprendizagem real do mundo” (p. 39).

segunda-feira, 26 de novembro de 2012

Neste dia foi-nos dito que havia uma visita de estudo ao “Hospital dos bonecos” no Hospital de Santa Maria situado em Lisboa.

Nós, as estagiárias, fomos convidadas também para ir na parte da manhã das 9h até às 12h.

Como foi falado na 6.^a feira dia 23 de novembro de 2012, começámos a dar Cartilha Maternal. A colega deu os dois valores da letra “z”, e eu dei a letra “r”. Os alunos já tinham dado estas letras, estivemos a relembrar e a treinar para aulas surpresa para nos sentirmos mais à vontade e sabermos colocar bem as questões. A educadora esteve sempre presente quando estávamos a dar a aula e as crianças respondiam acertadamente. Quando a minha colega e eu não sabíamos colocar a questão corretamente a educadora alertou-nos e corrigiu-nos de imediato.

Neste dia não houve Educação Física pois até ao dia da Festa de Natal, nesta hora vão treinar o teatro no ginásio.

Na segunda parte da manhã, estiveram a trabalhar no Domínio da Matemática, em que cada aluno estava a fazer o trabalho que tinha em atraso. Ajudámos neste tempo os alunos, pois a educadora estava a corrigir outros trabalhos.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora ao dar-nos a possibilidade de nós podermos dar aulas, neste caso de Cartilha foi um aspeto bastante positivo, visto as educadoras terem muito trabalho e planos para cumprir. Sendo assim, como refere Morgado (1999) “a **relação pedagógica** (...) torna imprescindível uma atitude de cooperação.” (p. 82).

Ao questionarmos a educadora da sala sobre as questões ao ser colocadas às crianças, a educadora respondeu prontamente sem hesitar o que deu a entender que estava confiante e sabia o que estava a dizer. Segundo Vieira (2000), “uma pessoa que exhibe confiança é alguém que transmite segurança, que fala com convicção, que acredita em si, nas suas ideias, que sabe decidir e não se intimida com situações difíceis” (p. 56). A docente desta sala, tem confiança em si, logo as crianças correspondem àquilo que lhes é solicitado sem medo de errarem. Gosto de ver a forma carinhosa como esta educadora se relaciona com o grupo. Sabe ser firme e sabe brincar e as crianças estão muito adaptadas à educadora.

terça-feira, 27 de novembro de 2012

Um dia diferente! Neste dia as crianças de 5 anos das duas turmas foram ao Hospital dos Pequenininhos (Lisboa) das 9h às 13h. Na visita, as crianças tinham de levar um boneco para informarem o médico do problema que o boneco tinha (triagem), de seguida, passaram pelos vários espaços reservados à doença que o seu boneco tinha. Todas as crianças participaram nesta visita.



Figura 11 – Máquina de raio x



Figura 12 – Entrada para o Hospital dos Pequenos

Inferências e fundamentação teórica

Todas as crianças participaram nesta visita de estudo, e levaram o boneco que mais gostavam e estavam todas com um sorriso na cara.

Arregui, Pérez e Villalba (2000b) diz-nos que as **visitas de estudo** “pressupõem um contacto directo com o mundo laboral.” (p. 433).

Estes autores dizem também que “quando as escolas têm por hábito visitas culturais, estas mesmas visitas podem ser aproveitadas dando-lhes um enfoque de informação profissional” (p. 433).

Jensen (2002) refere que “as visitas de estudo são a maior mudança de localização possível e são bem valiosas quando bem organizadas” (p. 83).

As visitas de estudo, na minha opinião, servem para conhecer as crianças e a educadora fora do contexto escolar. Existe uma maior ligação pois estamos num contexto diferente em que não estamos a ensinar, mas sim a acompanhá-los nestas viagens que elas adoram e esta proximidade ajuda-nos a conhecer melhor as crianças.

sexta-feira, 30 de novembro de 2012

Hoje, foi dia de aulas surpresas no nosso Jardim-Escola para algumas alunas. Na sala dos meninos de 5 anos foram duas professoras ver a aula da minha colega no

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Foi-lhe pedido para dar uma lengalenga, e que trabalhasse com as letras móveis e desenvolvesse o vocabulário.

A minha colega Patrícia apresentou a lengalenga “réu réu”.

Repetiu a lengalenga duas vezes e formou com as letras móveis as palavras réu e rei. As crianças que estão mais atrasadas na Cartilha Maternal, realizaram as palavras eu e via. Como os alunos nunca tinham visto aquelas letras móveis pois eram da outra sala, ficaram entusiasmados e só queriam manipular este material. As letras eram maiúsculas, o que por vezes provocou confusão pois alguns alunos mudavam-nas de posição. Por exemplo, a letra “l” em maiúscula, viravam e faziam um “r”.

Inferências e fundamentação teórica

Após as aulas, as estagiárias, educadoras e professoras da equipa de supervisão pedagógica, reunimo-nos no ginásio analisar e **avaliar** as aulas surpresas. Estas reuniões são muito importantes pois a formação que nós temos é contínua. Alarcão (1996) diz que, “o supervisor surge como alguém que deve ajudar, monitorar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidades no professor” (p. 93).

Agüera (2008) refere que “as **lengalengas** repetitivas, pelas suas características, pela sua simplicidade, pelo seu ritmo e musicalidade, são uma boa estratégia para as crianças.” (p. 29).

Diariamente as crianças estão em contacto com a Cartilha Maternal, é muito importante pois, como sustenta Mata (2008) “os contactos precoces com a leitura, no jardim-de-infância, são determinantes para a formação de “pequenos leitores envolvidos” (p. 71).

A aula da colega não decorreu muito bem visto, visto ter reparado que as crianças ainda não estavam bem ambientadas às letras móveis. A educadora que está à frente da turma, deveria trabalhar mais com este material para que as crianças se vão habituando e não estranhem.

segunda-feira, 3 de dezembro de 2012

Este dia foi marcado pelos ensaios para a festa de Natal, com a presença da diretora da escola. Assistimos aos ensaios das crianças de 3 anos até às crianças de 5 anos.

Embora os ensaios ocupassem praticamente a manhã inteira, os alunos dos 5 anos não deixaram de fazer exercícios no caderno de escrita.

Inferências e fundamentação teórica

A festa de Natal é para ser vista e vivida pelos familiares das crianças.

Segundo Marques (2001), o **envolvimento dos pais nas atividades** letivas “aumenta a motivação dos alunos (...)” (p. 20). Considera-se, portanto, importante o facto de a escola proporcionar momentos que envolvam de forma direta ou indireta os familiares nas atividades escolares e até mesmo festas para as crianças se aperceberem que estes estão de certa forma ligados à instituição e atentos ao seu sucesso e progresso. No Natal, visto haver uma festa em que as crianças vão todas participar é importante a presença de pais e familiares das crianças.

Para uma abordagem mais consistente, Reis (2008) diz-nos que

(...) o envolvimento parental contemplado no projecto educativo consiste na participação dos pais em acontecimentos na escola (Festas de Natal, Dia do Pai e da Mãe), sendo que actividades que envolvem uma participação mais proactiva dos pais e uma presença mais sistemática dos pais nas escolas (participação em projectos, participação em actividades de voluntariado na escola) aparecem com pouca frequência nos projectos educativos. (p. 157).

A mesma autora acrescenta que “as festas e outras datas festivas da escola são importantes mas as limitações de tempo que os pais têm parecem ser um factor que influencia negativamente o envolvimento parental.” (p. 198).

Por outro lado, esta autora refere que também pode ser interessante os pais terem uma participação mais ativa na escola “com o objectivo de melhorar o espaço escolar” e deu um exemplo muito engraçado em que referiu “os pais (e avós) podem participar, por exemplo, na supervisão de recreios, no apoio à biblioteca e sala de estudo e na organização de actividades de tempos livres.” (p. 256). Porque não aproveitar estas ideias?!

Os pais podem-se envolver mas não interferir. Cabe aos educadores e professores promoverem uma relação de proximidade utilizando uma linguagem clara, acessível e adequada para que estes se sintam bem.

Depois dos ensaios, as crianças continuavam a trabalhar, para Teixeira (2006) “tempo intensivo resulta por vezes de fadiga e desequilíbrio na aula” (p. 145). As crianças embora cansadas continuavam a trabalhar, mas a um ritmo mais lento.

sexta-feira, 7 de dezembro de 2012

Começamos o dia a realizar uma proposta de trabalho onde tínhamos de fazer ligações entre um objeto e a palavra. As crianças não sentiram dificuldades a realizá-la, pois já conhecem bem as letras e palavras e, como nós (estagiárias) estávamos a dar uma volta por todos os alunos, reparámos que nenhum aluno tinha dificuldades em fazê-lo. As palavras eram: bota, vela e bolo.

Fomos interrompidos! Uma professora da equipa da Supervisão da Prática Pedagógica pediu a uma colega para dar uma aula surpresa, em que lhe disse para contar uma história com fantoches, dando-lhe assim dois fantoches para a mão. Depois de contar a história, tinha de trabalhar com as letras móveis duas palavras.

A Colega começou por colocar os fantoches na mão e pediu ajuda a alguns alunos para serem algumas personagens. Assim, a criança A foi o caçador em que tinha de fazer um gesto com a mão e o som que a pistola fazia; A aluna B era a mãe do Capuchinho Vermelho em que tinha de dizer para ter cuidado com o caminho; e por fim, a criança C era o lobo mau que tinha de fazer o som do mesmo. Contou a história com a ajuda dos alunos. A colega não sabia bem a história, e os alunos ajudaram-na a contar pois iam-lhe dando pistas.

Inferências e fundamentação teórica

À semelhança da semana anterior nós, as estagiárias, a diretora e as professoras da equipa de supervisão estivemos uma reunião para analisar as aulas.

Primeiro, fala quem deu e depois as colegas que assistiram. De seguida, a educadora e por último a professora da **equipa de Supervisão da Prática Pedagógica**.

Vasconcelos, D`Orey, Fernandes e Cabral. (2003) salientam que uma aula tem de ser “ (...) participada e avaliada, torna-se necessário introduzir práticas de supervisão (...)” (p. 256).

Quando recebemos os professores de Prática Pedagógica é um momento importante da nossa formação, pois é através da comunicação que tomamos consciência das nossas dificuldades e das nossas virtudes em relação às aprendizagens que temos de desenvolver durante estes anos. Segundo Fernandes (2005) é fundamental que nós (estagiários), durante a nossa formação, saibamos “aprender, interpretar e relacionar com as qualidades que desenvolvam e utilizar para perceber como melhorar as suas aprendizagens” (p. 83).

Enquanto estagiários precisamos de orientações sistemáticas para sabermos se estamos ou não a fazer um bom trabalho, e que nos ajudem a melhorar consoante a experiência de quem nos avalia, dando sempre apoio quando as aulas não correm como o desejado. Pelo facto de serem aulas surpresa permite-nos improvisar a sabermos reagir à situação sendo o mais importante é desenvolvermos essa capacidade tentando aplicar aquilo que todos os dias de estágio vemos a educadora fazer.

segunda-feira, 10 de dezembro de 2012

Este dia foi marcado pela minha aula surpresa, mas ainda assistimos à atividade da colega que estava na sala das crianças que tinham 3 anos. A Telma contou a história *O casamento da gata* da autora Luísa Ducla Soares, A colega ao mesmo tempo que mostrava as figuras. Não utilizou muitos gestos, não fez inflexões de voz nem mostrou muito dinamismo, embora os alunos estivessem todos sossegados e com atenção, pois estavam à espera de algo inovador e portaram-se muito bem. Pena ela não ter aproveitado bem esta situação!

Depois da atividade da colega, foi a minha vez. A professora que foi assistir à minha atividade deu-me um avental, uma bandeleite com folhos e uma moeda e disse para eu apresentar uma história e posteriormente trabalhar com as letras móveis. E escolhi a história da *Carochinha* pois tinha já máscaras feitas de feltro. Uma das colegas perguntou-me se eu queria uma vassoura e eu aproveitei a sugestão da colega. Comecei por vestir-me e colocar os acessórios de que iria precisar ao meu lado. (figura 13)

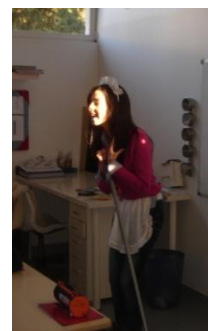


Figura 13 –
Carochinha em ação

Contei a história com a participação ativa das crianças, chamando-as para colocarem máscaras e seguirem as instruções que lhes dava. No final dei o moral da história em que referi que as pessoas não devem ser bisbilhoteiras.

De seguida pedi para construírem uma palavra com as letras móveis que foi a palavra rato (figura 14). De seguida, pedi para construir a palavra ai (figura 15). Como havia uma criança que ainda não tinha aprendido várias letras, pedi-lhe para construir as palavras “eu” e “ia”.

Ao pedir as palavras ia vendo individualmente se estavam a ordenar as letras corretamente e ajudava soletrando bem as palavras que havia pedido. Muitas crianças faziam confusão com a letra “L” e com a letra “r”, pois quando invertidas parecem iguais como se pode observar na figura 16 e na figura 17.

Terminou assim a minha aula surpresa que tanto ansiava!



Figura 14 - Palavra rato



Figura 15 - Palavra ai



Figura 16 - Letra L invertida



Figura 17- Letra L

Inferências e fundamentação teórica

Adorei esta aula! Não só por gostar de contar histórias, mas também porque as crianças estavam curiosas com o que se iria passar naquela parte da manhã. Surpreendi-me pois era a minha primeira aula surpresa. Day (2004) cita que “**ter emoções fortes** constitui uma parte significativa e contínua de ser professor hoje em dia.” (p. 80). Fiz inflexões de voz, pedi a participação das crianças, utilizei material já trazido de casa o que me ajudou bastante. O que não me correu bem foi dizer a moral da história, pois já tinha aprendido que não a devemos dizer. Em relação às palavras que pedi, algumas crianças realizaram num abrir e fechar de olhos, outras nem tanto pois confundiam as tais letras já referidas. Expliquei que as letras eram todas maiúsculas e não minúsculas. Quando fomos para a reunião, a professora da equipa da Prática pedagógica elogiou-me e também reforçou a ideia de não dizer a moral da história. Fiquei muito feliz por esta aula surpresa me ter corrido bem!

Como afirma Haigh (2010) temos de proporcionar “às crianças **admiração e surpresa** sempre que possível” (p.153).

Teixeira (2006) defende “**contar uma história** deve suscitar interesse à criança e paralelamente ser uma fonte de prazer.” (p. 87). Acrescenta que ouvir histórias “(...) implica alargar a curiosidade até ao imaginário (...)” (p. 88).

Sendo a história que contei um conto tradicional não posso de deixar de referir a sua importância. Para Ribeiro e Oliveira (2002) “o conto tradicional, especialmente o que possui características de maravilhoso, representa um papel fundamental na iniciação literária das crianças, mesmo muito antes destas começarem a ler.” (p. 15).

Contar e ouvir histórias até poderá ser um ato de diversão!

terça-feira, 11 de dezembro de 2012

Estando a aproximar-se a festa de Natal, o dia foi essencialmente para a realização da mesma. Assistimos aos ensaios das crianças da sala dos 4 e 5 anos.

Nós (estagiárias) estivemos a recortar notas musicais para os fatos que as crianças iriam utilizar no dia da festa.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo destes dias constatei que a organização de uma festa é muito mais complexa do que se possa pensar. As crianças ficam mais entusiasmadas pois é um momento onde vão estar presentes familiares e amigos. Assim, como fomenta Agüera (2008) “ as festas e celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças.” (p. 73).

Marques (1997), afirma que na Lei de Bases do Sistema Educativo se aponta “inequivocamente, para **o direito dos pais de participarem na vida das escolas** e na definição política educativa” (p. 63) O autor acrescenta ainda que a “participação dos pais nas escolas surge associado a dois tópicos: a democracia na escola e do aumento da qualidade do ensino.” (p. 30). Para além destas vantagens posso acrescentar que o trabalho de equipa entre profissionais é muito importante e fundamental.

Para Homem (2002) a educação pré-escolar pode-se definir como “um conjunto de acções familiares e extra-familiares de atendimento à criança. Desde o nascimento até à entrada na escolaridade obrigatória” (p. 23). Assim, é importante os pais terem uma vida familiar constante e sistemática com os filhos na escola.

sexta-feira, 14 de dezembro de 2012

Este dia foi reservado para o ensaio Geral da festa, em que todas as crianças desde os três anos até aos 6 anos ensaiaram todos como se fosse o dia a sério. Já só faltava um dia!

Inferências e fundamentação teórica

É de grande importância para as crianças a participação dos pais nestes eventos, como o que decorre nesta altura do ano, como a festa de natal. Assim, como afirma Reis (2008) defende que o **relacionamento familiar** é uma fator fundamental para “o desenvolvimento individual, a integração da criança no universo colectivo, a mediação entre ela e o mundo, entre ela e o conhecimento, a sua adaptação ao meio escolar (...) são factores decisivos para o seu desenvolvimento social.” (pp. 38-39).

Quando se aproximam as festas de Natal, as crianças ficam com uma grande euforia pois estão a fazer um teatro para os seus familiares verem, logo ficam com umas grandes expectativas sobre este dia. Os pais, em contrapartida, ficam cheios de alegria e orgulhosos dos seus educandos. Foi muito gratificante ver e ajudar as crianças a atuar e ao mesmo tempo o orgulho dos pais e familiares com um sorriso na cara. Terminou o primeiro momento. Vou sentir falta e saudades destas crianças e da educadora.

1.2. Segunda Secção- Grupo de crianças com três anos

A segunda secção diz respeito ao momento de estágio feito no período de dia 4 de janeiro de 2013 a dia 5 de abril de 2013. Este momento decorreu na sala de crianças com 3 anos.

1.2.1. Caracterização da turma

Este grupo de crianças de 3 anos é constituído por 29 crianças, treze são do género masculino e dezasseis do género feminino. Em termos de idade é uma turma homogénea havendo duas crianças que completam quatro anos no final do ano letivo.

A educadora, pelo que me foi transmitido, refere que é um grupo que gosta muito de aprender e só três crianças são difíceis a nível de comportamento. Quanto à aprendizagem, é um grupo que gosta muito de participar, de falar, embora haja algumas crianças que mostrem algumas dificuldades na aprendizagem e aquisição de conhecimentos.

Nesta sala, não existe nenhuma criança que tenha Necessidades Educativas Especiais.

Ballenato (2008) afirma que “as crianças aprendem a pensar, a sentir e a fazer as coisas, e geralmente fazem-no muito mais a partir do que veem e ouvem do que

por aquilo que se lhes diz ou se lhes manda fazer.” (p. 112). Com a frase deste autor, considero que esta é a que melhor descreve as crianças de 3 anos.

1.2.2. Caracterização do espaço

A sala do grupo dos 3 anos é pequena. É de forma retangular e está dividida por vários cantinhos. Existe o cantinho da magia (figura 18) em que as crianças podem brincar e ver um livro. Na figura 19 pode-se ver os cabides deles. Cada aluno, quando chega coloca a mochila e o casaco. A sala (figura 20) tem 5 mesas com as respetivas cadeiras. Não há muito espaço entre as mesas, limitando por vezes o trabalho da educadora e o movimento das crianças. Existe uma janela grande e 3 janelas pequenas dentro da sala. Sendo partilhada com o outro grupo de 3 anos havendo um arco entre estas. Esta sala tem um ar acolhedor embora seja pequena as crianças gostam de aí estar.

A sala tem muita luz e está decorada com gosto e muita cor, o que permite criar um bom ambiente de trabalho.



Figura 18 - Cantinho da Magia



Figura 19 - Cabides



Figura 20 - Disposição da sala

1.2.3. Rotinas/ horário

A rotina deste grupo é feita inicialmente com o acolhimento na roda e cantam-se músicas. De seguida, fazem a higiene, têm atividades diversas, a hora do almoço, a sesta, o recreio, novamente atividades e por final o recreio (quadro 3).

Haight (2010) “as crianças precisam de se sentir seguras e “uma parte disso parte por conhecer as rotinas: o que fazer, o que acontece a seguir e” o educador demonstrando ao mesmo tempo o seu habitual estado “«calmo e atencioso»”. (p. 95). A rotina é um porto seguro para a criança visto que esta já sabe o que fazer e quando fazer. Por exemplo, já sabem que depois da roda vão à casa de banho, e assim sucessivamente.

Quadro 3 - Horário do grupo dos 3 anos

Dias/ Horas	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
9:00 - 9:30	Partilha de saberes	Acolhimento/ Canções de roda		Partilha de saberes	Acolhimento
9:30 - 10:00	Área de Projeto: estimulação à leitura			Conhecimento do Mundo	Estimulação à leitura
10:00 - 10:30	Ed. do Movimento	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Música	Ed. do Movimento
10:30 - 11:00	Partilha de saberes	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Iniciação à Matemática
11:00 - 11:30	Recreio				
11:30 - 12:00	Higiene/Preparação para o almoço				
12:00 - 12:30	Almoço				
12:30 - 14:30	Recreio (livre e orientado / Hora da sesta)				
14:30 - 15:00	Higiene				
15:00 - 16:00	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação á leitura; aulas de descoberta				
16:00 - 16:20	Higiene				
16:20 - 17:00	Lanche/Saída				

1.2.4. Relatos diários

sexta-feira, 4 de janeiro de 2013

Por motivos de organização, mudei de local de estágio mantendo-me no entanto num jardim-escola da Associação, assim, fiquei com a Colega e com mais três colegas do mestrado de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A educadora pediu-nos para a ajudarmos a fazer um placard com coroas para o dia dos Reis, pois segunda-feira dia 7 de janeiro de 2013, os pais das crianças iam tomar o pequeno-almoço a cada sala.

As minhas colegas e eu, enquanto estava a decorrer a aula de música, estávamos a elaborar com cada criança a sua coroa com vários materiais que nos deram à escolha (palhinhas, cortiça, tintas, lã, carimbos, massa, rafia, entre outros).

De seguida, a educadora deu pela primeira vez o material *Cuisenaire*. Começou por perguntar algumas características do material e as crianças chegaram logo a algumas (cor e tamanho). Uma criança disse que o material se chamava “cozinheiro”, já teria ouvido com certeza mas não sabia soletrar a palavra. a educadora disse-nos que como foi a primeira aula os deixava brincar com o material e estava sempre a relembrar o nome deste e a fazer com que repetissem a palavra, pois a mesma é difícil.

Explicou-nos também que há sempre crianças escolhidas para realizar tarefas. Como o chefe de arrumação, o chefe dos recados, etc., e acrescentou que eles aderem de uma maneira incrível pois gostam de ser eles o centro das atenções.

Este dia ficou marcado com o trabalho em grupo entre as estagiárias.

Inferências e fundamentação teórica

Na sala dos 3 anos apenas se trabalha até á peça da cor amarela (5 unidades). Como são pequenos podem-se trabalhar os seguintes aspetos: Caldeira (2009) “Iniciação à matemática; desenvolvimento da criatividade; iniciação à compreensão da noção de número (...)” (p. 245).

Esta mesma autora refere que “arrumar o conteúdo na caixa, poderá ser uma actividade a sugerir.” (p 129). Acho de extrema importância as crianças arrumarem o material, pois é assim que elas se apercebem que depois de trabalhar também se arruma.

Haigh (2010) afirma que “quando a educadora escolhe as crianças para alguma tarefa de sala de aula “há uma necessidade de assegurar que estas responsabilidades estejam disponíveis para todos.” (p. 100). É muito importante dar responsabilidades às crianças. Porém, é de realçar que as crianças também são responsáveis e capazes de assumir as responsabilidades dadas.

Ao mudar de Jardim-Escola, considereei que o atual, e bastante maior devido às valências existentes, de resto, não existem grandes diferenças a nível de organização e espaço de salas de aula.

segunda-feira, 7 de janeiro de 2013

A educadora e nós, tínhamos feito com as crianças coroas para o dia dos Reis Magos. Estas estavam decoradas com vários materiais e ao gosto de cada um. Nós, as estagiárias, estivemos a experimentar as coroas com os alunos para ver se lhes serviam e assim ajudarmos a educadora.

Como as aulas programadas estão cada vez mais próximas, estivemos a falar com a educadora sobre os temas que poderíamos dar. Disse-nos também para ficar à nossa escolha pois poderíamos querer dar algo que nos cativasse mais. Enquanto isso, assistimos a um teatro que houve na escola sobre os Reis Magos. Quem assistiu foram os meninos de 3, 4 e 5 anos. Como houve este teatro, não houve educação física pois o teatro *O traseiro do rei*, decorreu no ginásio.

De seguida as crianças foram para o recreio seguindo-se a sua rotina diária.

Inferências e fundamentação teórica

A hora do conto e a **animação da leitura** são muitos bons em termos de conseguir gerar possivelmente bons leitores. Assim, como cita Dohme (2010): “histórias são bastantes úteis para trabalhar os seguintes aspectos internos da criança: carácter, raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico, disciplina.” (p. 18).

O **recreio** também faz parte da educação das crianças, pois elas fazem o que querem abrindo assim a sua imaginação. Para Cordeiro, (2007) o recreio a criança tem uma “brincadeira livre, imaginação, correria, possibilidade de fazer movimentos que estimulam a motricidade (...)” (p. 374).

Diz ainda que “ o recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas.” (p. 377). Quando dialoguei com uma criança, neste caso um menino, perguntei-lhe o que sentia quando estava no recreio. A criança respondeu-me “corro, brinco e os meus “atadores” desmontam-se.” A criança no recreio tem a liberdade de fazer o que quer, podendo levar os brinquedos que trouxe de casa sabendo diferenciar que os brinquedos são só para os momentos de brincadeiras e não quando se está dentro da sala.

Sempre que posso, brinco um pouco com as crianças por forma a estabelecer uma melhor relação pedagógica com eles.

terça-feira, 8 de janeiro de 2013

Ao iniciar o dia, a educadora fez com as crianças uma proposta de trabalho que continha o algarismo 0. As crianças tinham de fazer dedadas por dentro do algarismo e também para pintarem o aquário vazio, pois havia outro que continha dentro um peixe. Todas souberam fazer o exercício dado pela educadora.

A educadora falou também de cada aluno, para sabermos quem tem mais dificuldades de aprendizagem e também para sabermos como era o comportamento.

Enquanto os alunos estavam no recreio, as estagiárias estavam a colocar os trabalhos das crianças por ordem visto os pais no dia anterior estarem a ver as capas dos trabalhos tendo assim desordenado os trabalhos.

No Domínio da Matemática, a educadora mostrou uns materiais muito apelativos. Tinha vários canteiros feitos de esferovite de várias cores, mas todos do mesmo tamanho e espessura. Para completar este material, tinha flores, das mesmas

cores do que os canteiros. A educadora trabalhou assim as cores, o sentido do número, a orientação espacial, o diferente e o igual. Fez pedidos como por exemplo: “Coloca a flor roxa em cima do canteiro da mesma cor”, “Tira 3 flores de cor diferentes e coloca ao lado do canteiro verde”, “Coloca a flor da cor azul por baixo da mesa azul que está na sala”, entre outras questões relevantes. Gostei muito do material da educadora, pois era grande, colorido e chamava a atenção. Assim, as crianças têm outra disponibilidade para aprender de maneira divertida.

Inferências e fundamentação teórica

Esta atividade foi muito interessante, dinâmica e criativa. O material que a educadora elaborou foi uma mais-valia para as crianças e para mim pois quero tirar essa ideia para o meu futuro enquanto educadora. As crianças aprendem de uma forma didática e com ânimo.

A educadora trabalhou vários conceitos evidenciando a lateralidade. Assim, Para Condemarín e Chadwick (1987) “a **lateralidade** é expressa em actividades de manipulação” (p. 29).

Cabe ao educador criar as condições necessárias para as crianças aprenderem como foi hoje o caso relativamente no Domínio da Matemática quando não entendiam o que estava a ser solicitado.

sexta- feira, 11 de janeiro de 2013

A primeira parte da manhã foi dedicada à área da Expressão Musical. Como é habitual, o professor de música conta uma história para introduzir o tema que quer que eles cantem. Este dia contou que ia de carro para a escola e encontrava vários animais pelo caminho, cantando assim várias músicas ao longo do discurso.

Decorreu também uma aula surpresa na outra sala dos 3 anos. Quem avaliou a Colega foi a diretora do Jardim-Escola. Foi-lhe proposto contar a história *A que sabe a lua?* de Michael Grejniec em que tinha de trabalhar a estimulação à leitura. A colega começou por perguntar o que estava na capa do livro, e logo de seguida começou por contar a história sem fazer interrupções. Por fim deu um pouco da lua aos alunos, perguntando que sabor gostariam mais que a lua tivesse. Como não obteve muitas respostas, a Colega disse primeiro o sabor que a lua tinha para ela, e assim, com a esra ajuda eles já sabiam responder à questão colocada.

Quando finalizou a atividade, a diretora pediu para a colega colocar questões relacionadas com a história, como a sequência dos animais que apareciam na história, dando-lhes ideias para a continuação da atividade visto ainda ter tempo para trabalhar a interdisciplinaridade.

Na segunda parte da manhã, estivemos na reunião para falar sobre as aulas surpresa que houve nesse dia. Reunimo-nos na sala dos 5 anos com as professoras da prática pedagógica e as educadoras/professoras de cada sala onde as estagiárias estão. Nestas reuniões são-nos dados elogios, referem-se também os pontos fortes e menos fortes dando assim conselhos para um melhor desempenho do nosso lado.

Terminou mais um dia de estágio.

Inferências e fundamentação teórica

O Domínio da **Expressão Musical**, é importante para a criança pois como cita Amaral (2004)

1. As sessões de Expressão Musical, quando vivenciadas regularmente, podem favorecer a formação pessoal e social na criança;
2. A Expressão Musical promove a alegria e bem-estar da criança;
3. As secções de Expressão Musical podem condicionar a noção que a criança tem de si e do outro,
4. A Expressão Musical pode dar um importante contributo para o Domínio da linguagem verbal;
5. A Expressão Musical pode favorecer uma aproximação entre o subsistema parental e o subsistema fraternal, reforçando laços de estrutura familiar. (p. 21).

Como afirma Figueiredo (2004) “a Expressão Musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.” (p. 82).

Gostei muito da aula surpresa da Colega e da história que lhe foi dada para contar. No meu ponto de vista a aula poderia ter feito mais inflexões de voz e pedido a participação das crianças para imitarem os sons que cada animal fazia e o seu modo de locomoção.

segunda- feira,14 de janeiro de 2013

Como é habitual, este dia começou com a aula de educação física, em que os alunos estiveram a brincar com os arcos, enquanto nós estagiárias estivemos a cortar máscaras.

Quando chegámos à sala de aula, a educadora sentou-os no chão em U e trabalhou com o 1.º Dom de Fröebel. Começou por perguntar de que material era feita a caixa, como se abria a caixa, se a caixa estava aberta ou fechada e por fim se estava cheia ou vazia. Os alunos responderam corretamente a todas as perguntas colocadas pela educadora.

Posteriormente, chamou um aluno de cada vez para tirar uma bola de dentro da caixa. Perguntou a quantidade das bolas, as cores e a lateralidade.

Para complementar a atividade, a educadora tinha umas estrelas da mesma cor das bolas do material e pediu aos alunos para colocarem as estrelas da mesma cor ao lado da bola da mesma cor, bateu três vezes as palmas para as crianças irem buscar a quantidade de estrelas que a educadora tinha batido.

Esta atividade foi muito interessante pois a educadora estava a estimular as crianças não só com o material estruturado, mas também com material não estruturado o que cativou bastante a atenção dos alunos. Foram colocadas muitas perguntas pertinentes sobre as cores, a lateralidade e a quantidade.

Depois da atividade foram para o recreio, de seguida à casa-de-banho, almoçar e por fim a, sesta.

Inferências e fundamentação teórica

O 1.º Dom contem 6 bolas pequeninas que são revestidas por lã. Cada bola tem a sua cor: encarnada, cor-de-laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. As bolas são guardadas dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo. O anil não é utilizado neste Jardim-Escola. O interesse pedagógico que este material tem segundo Caldeira (2009) é o seguinte: “aprendizagem das cores; estruturação espacial; lateralização; desenvolvimento verbal; enriquecimento de vocabulário; jogos de memória; seriação; conjunto; contagem.” (p. 243).

Em relação às Capacidades/ destrezas : “Distinguir cores; Diferenciar formas; Desenvolver os sentidos do tacto, visão, audição; Lateralidade; Equilíbrio; Sequenciar, Relacionar, Desenvolver a memória; Orientação espacial; Desenvolver a criatividade.” (p. 244).

Adorei esta aula e este material tão apelativo, pois as crianças ficaram logo apaixonadas pelas bolinhas. Com apenas 6 bolas de variadas cores podemos ensinar infinitas coisas às crianças. Foi a primeira vez que tive contacto com este material e fiquei com vontade de trabalhar com este.

terça-feira, 15 de janeiro de 2013

Três aulas surpresas. Assisti a uma que foi vista pela diretora do jardim-escola, na minha sala. Foram 2 estagiárias da sala onde estou a ter a prática pedagógica. Foi pedido para a colega dar a subtração com material alternativo. A colega foi pedir emprestado material à sala dos 4 anos, este consistia em várias peças de roupa feitas em feltro e de várias cores. A colega começou por se apresentar e contar uma história, para que a aula tivesse um fio condutor, em que tinha ido ao centro comercial comprar roupa e espalhou a roupa pelo chão da sala.

Colocou perguntas sobre as cores da roupa que tinha comprado, e a quantidade das mesmas. Por fim, chamou várias crianças para que elas participassem na atividade e respondessem corretamente às perguntas que colocava (associações, correspondências).

Inferências e fundamentação teórica

Esta aula foi muito prática e as crianças tiveram uma **participação** ativa no decorrer da mesma. Uma criança não quis participar quando foi solicitada, e a colega não insistiu com ela, pois esta é tímida. Eu não concordo, pois as crianças por medo ou timidez, não querem responder e temos de insistir e perceber o porquê e fazer com que a criança responda, podemos ir ter com ela, falar mais calmamente e explicar que não faz mal ela errar.

Como sustenta Estanqueiro (2010) “os alunos têm de participar activamente nas actividades da aula.” (p. 39).

A colega conseguiu atingir o que lhe foi proposto e demorou 20 minutos a dar esta aula.

sexta-feira, 18 de janeiro de 2013

A manhã começou com a área da Expressão Musical. Mais uma vez o professor contou uma breve história para chegar ao tema da música que queria no momento.

No Domínio da Matemática, assisti a uma aula que tinha como principal objetivo fazer perceber aos alunos o sentido do número. A educadora usou como material não estruturado, palhinhas. Nós, as estagiárias colocámos em cima das mesas dos alunos um copo com palhinhas e os algarismos 1, 2 e 3. A educadora de

seguida pediu a cada criança para tirar 2 palhinhas e disse-nos a nós, estagiárias para não ajudarmos as crianças que estavam a fazer o exercício de forma incorreta pois, disse que era para perceber o que cada um sabia e para ajudá-los a chegar ao resultado correto. Usou também como material musical um triângulo para as crianças contarem quantas vezes a educadora tocava no instrumento. Disse-nos que era a primeira vez que estava a falar sobre este tema e que algumas crianças já poderiam trazer de casa algumas ideias. Para finalizar a aula, a educadora deu uma proposta de trabalho para os alunos passarem pelo tracejado o número 1 e para colarem uma tampa de plástico ao lado do algarismo 1.

A segunda parte da manhã, estivemos a ver uma aula surpresa de um colega em que lhe foi pedido para contar uma história *A zebra Camila* de Marisa Núñez. Decidiu utilizar o ginásio para dar a sua aula. Começou por sentar os alunos em U, mas demorou muito tempo a fazê-lo pois não sabia como havia de dispor as crianças. Iniciou por dizer que as crianças podiam ouvir a história deitadas ou sentadas. Muitas delas, deitaram-se. O colega usou muito a expressão, fazendo gestos, expressão fácil, e várias vozes para cativar a atenção das crianças. Quando acabou de ler o livro, fez perguntas de interpretação, como por exemplo : “Quantas riscas tinha a nossa amiga zebra?”, “Quantas vezes a zebra chorou?” e “ quem levou as riscas da nossa amiga zebra?”

De seguida fomos ajudar as crianças a almoçar para depois irem dormir a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

Castro e Rodrigues (2008) citam que, “é através da **experimentação e comunicação** que utilizando estratégias diversificadas (algumas eficazes e outras não), que se adquire prática na construção de relações entre número e assim as crianças vão desenvolvendo o sentido número.” (p. 12).

Segundo Hohmann e Weikart (2004) “(...) a música é um importante aspecto da infância precoce, pelo facto das crianças mais novas estarem tão abertas a ouvir e a fazer música, e a moverem-se ao seu som.” (p. 658).

O colega, por vezes viu-se desamparado quando havia conversas paralelas entre as crianças. Para Haigh (2010), o educador deve ser “perspicaz (...) **ter um atitude séria e objectiva**, vozes diferentes para ocasiões diferentes” e usar os olhos como ponto fundamental. (p. 70).

Gostei muito da aula do meu colega, pois colocou as crianças à vontade. Foi muito expressivo fazendo gestos e inflexões de voz do início ao fim da história nunca perdendo o ritmo e a expressão.

segunda-feira, 21 de janeiro de 2013

O dia foi dedicado a mais aulas surpresas feitas pela educadora da sala de aula. Foi pedido à minha colega que fizesse uma estimulação à leitura. O livro que ela escolheu foi, *Já sou grande, mamã* de Angela McAllister. A colega começou por ir para o ginásio com as crianças. Sentou-as em U e alternou menina, menino. Disse que ia começar por contar a história e disse que depois as crianças é que iam dizer o título que achavam mais apropriado. Iam chegando crianças ao longo do conto e a colega soube acolhê-las dando-lhes o bom dia e pô-las ao corrente da história.

Ao longo da história, a colega usou várias vozes o que os cativou e os manteve mais atentos no decorrer da atividade. Quando concluiu a história, colocou perguntas e quando não sabiam responder a colega ia mostrando as imagens do livro. Os alunos estavam sossegados a ouvir com atenção, mas como a história tinha muita informação por vezes não sabiam dar respostas.

De seguida, foi outra colega a dar a aula. A educadora pediu-lhe para trabalhar a orientação espaço-temporal. A colega, antes de começar a aula, escondeu alguns fantoches (animais). Criou um fio condutor à atividade contando uma história com um fantoche (Branca de Neve). A Branca de Neve queria brincar às escondidas, e pediu ajuda às crianças para encontrarem os animais que estavam escondidos dentro da sala. Ia dando pistas como por exemplo: "o coelho está entre as duas mesas de cor encarnada", "a vaca está debaixo da cadeira da cor amarela", entre outras pistas. As crianças interagiram muito bem e estavam atentas pois a colega estava sempre a fazer vozes diferentes consoante os animais que eles encontravam. A finalização da aula fez-se com a despedida da Branca de Neve.

Depois deu-se a rotina diária.

Inferências e fundamentação teórica

Gomes (2000), afirma que **contar histórias** é "uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler " (p. 35).

As crianças queriam participar verbalmente nesta atividade, e a colega deixou-as falar arranjando estratégias. A estratégia que arranjou foi pedir às crianças que fossem dando pistas. Para Ballenato (2008) “**ouvir as crianças** e dar-lhes a palavra também é uma demonstração de autoridade responsável.” (p. 19). Quem não gosta de falar e ser ouvido?! Desde cedo, as crianças têm de ser estimuladas a falar e principalmente a não ter medo de o fazer. A docente, ao promover o diálogo, está a confiar nas suas crianças e a ter sentido de responsabilidade.

terça-feira, 22 de janeiro de 2013

Neste dia, a colega deu uma manhã de atividades. O tema era a Roda dos Alimentos. Começou por dar em primeiro lugar a Área de Conhecimento do Mundo em que levou vários alimentos que constituem a Roda dos Alimentos e uma roda grande com a divisão das cores por percentagem. Quando os alunos entraram na sala de aula, a colega fez a disposição das mesas e cadeiras. Tinha tapado a mesa com os alimentos para o elemento surpresa estar presente. As crianças com pozinhos mágicos faziam com que o cobria a mesa se destapassem. A Colega disse que iam às compras. Chamou 4 meninos, um de cada vez para ir às compras, dando-lhes pistas do que deveriam comprar para de seguida colocarem em cima da cor que ela dizia. As crianças só queriam tocar na roda, pois chamava muito a atenção e como as crianças estão em fase de descoberta, queriam tocar.

No Domínio da Matemática, a colega levou-os até ao ginásio, mas como ia decorrer aula de educação física voltámos novamente para a sala de aula. Fizeram um pequeno exercício para esticar os braços e as pernas e voltaram a sentar-se no tapete. A colega levou 5 cestos das cores do material do 1.º Dom de Fröebel (encarnado, amarelo, cor de laranja, azul, roxo e verde) e levou ainda fruta em plástico (uvas, maçã, e manga). A colega pediu individualmente para a criança colocar a fruta da cor encarnada no cesto da cor da mesma, e assim com os outros frutos.

Para terminar esta Área, pediu para a criança colocar as bolas do 1.º Dom de Fröebel em cima, ao lado e por baixo das frutas que ia dizendo.

Por fim, no Domínio da Linguagem Oral, a colega contou uma história adaptada do livro Hanna. Levou como suporte um livro grande feito por ela com feltro, e ia colocando as imagens ao longo da mesma. Relembrou a história no final perguntando a sequência da fruta que os animais tiravam à menina. No final, levou um cesto e colocou as frutas que estavam no cesto da história e deu às crianças um gomo de clementina.

Neste dia também aconteceu um facto muito interessante que foi uma menina que não costuma falar, outra criança ouviu-a e disse “ a M. já é crescida e sabe falar”.

Inferências e fundamentação teórica

No seu quotidiano a criança, desde cedo, lida com diversas situações e objetos que sobre a sua ação, direta ou indiretamente, originam vários efeitos.

Na Área de Conhecimento do Mundo, a Colega fez com que as crianças fossem colocar na roda os alimentos, dizendo sempre os nomes e algumas características. Martins *et al.* (2009) consideram que “as aprendizagens que a criança realiza (...) decorrem principalmente da acção, da **manipulação** que faz dos objectos que tem à sua disposição, sendo, por isso, do tipo causa/efeito (...)” (p. 12). O educador deve orientar e direccionar as aprendizagens com o objetivo de que as crianças adquiram conhecimentos. Através das suas vivências, na partilha de experiências, levar as crianças a terem espírito de pesquisa, de curiosidade, de colaboração com os outros, que estas consigam ser críticas, de modo a que individualmente tenham uma linha de pensamento e depois a saibam expor. A minha colega, consegui a partir daquilo que sabia e tinha estudado, transmitir para as crianças as suas experiências.

Foi uma aula enriquecedora para elas, mas um pouco repetitiva pois durante 15 minutos colocou sempre as mesmas questões sobre os alimentos que iriam colocar por cima da roda.

Em relação à história que contou, usou apenas as imagens, colocando-as no placard colorido. É uma maneira diferente e outro exemplo de várias formas de apresentar uma história. Cury (2011) refere que “**contar histórias** é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade.” (p. 132).

Em relação à criança que fez um comentário positivo, quando menos esperamos podemos ouvir o que menos esperamos. As crianças estão mais atentas do que poderíamos imaginar. Já se apercebem do que está ao seu redor e vão conhecendo os seus amigos e educadores.

sexta-feira, 25 de janeiro de 2013

Neste dia, como é habitual, aula de Música em que o professor cantou com as crianças e explicou que não se deve deitar lixo para o chão cantando uma música sobre este tema.

De seguida, houve a aula de Cerâmica em que a minha colega e eu assistimos. O professor dialogou com as crianças e pediu para moldarem uma moldagem à sua vontade o pedaço de barro.

Terminada a aula, a educadora fez uma rima *Três pombinhas a voar no chão* em roda com as crianças. A educadora escreveu com letra grande porque posteriormente ia ser colocado na parede da sala.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora disse-nos que nós com uma lengalenga podemos trabalhar o 1.º Dom de Fröebel, como as cores, modificando as cores das pombinhas. Aprendi com isto, que com tudo o que uma educadora, neste caso, faz, se pode aprender uma grande variedade de metodologias. Penso que é de muita importância, conseguirmos adaptar cada material, cada trabalho, aproveitando cada pormenor.

Para Agüera (2008)

a **rima** e o ritmo estão totalmente vinculados ao processo psico-evolutivo da infância. Os pequenos poemas, as canções, as lengalengas, etc. têm, pois, um enorme valor significativo do qual deveríamos tirar partido se queremos uma educação de infância criativa, que tenha como ponto de partida os interesses dos mais pequenos.(p. 23).

Através das rimas, podemos brincar com a troca de sílabas, possibilita articular sons, e ao mesmo tempo estimulam o gosto pela futura leitura.

Fiquei também admirada com a facilidade das crianças para memorizarem a lengalenga.

segunda-feira, 28 de janeiro de 2013

Este dia, foi marcado por aulas surpresas pela educadora da sala. Quem começou foi a colega, foi-lhe pedido para dar uma aula de estimulação à leitura. A colega leu um livro chamado *A que sabe a lua* de Michael Grejniec. Começou por sentar os alunos em U e dizer que iam entrar na porta mágica que iam ouvir uma história muito gira. Disse o título do livro, e posteriormente leu-o. Quando existiam palavras difíceis para as crianças, a Colega dizia na altura que apareciam o seu significado. Quando acabou de ler a história, perguntou a cada aluno que animais gostariam de ser. No final, mostrou a capa do livro e perguntou: "que cor vês em maior quantidade?" As crianças não entenderam a pergunta, então, a colega resolver perguntar que cores eles viam na capa.

Seguidamente a outra colega deu aula no Domínio da Matemática trabalhando as contagens. A colega fez a sua atividade no mesmo local da colega anterior, também com as crianças sentadas em U. Utilizou como material, roupas feitas de feltro. Escondeu dentro da sala algumas roupas para posteriormente utilizar e dar continuidade à aula. Iniciou por contar uma história em que disse que no fim-de-semana passado tinha havido um grande vendaval e a roupa tinha voado pelos ares. Seguidamente colocou uma corda para servir de estendal. Perguntou as cores de cada peça de roupa, pediu para individualmente irem procurar as peças que tinham voado. Fez contagens para saber quantas peças haviam no total e quantas peças tinham voado. Para terminar, com as peças todas, que no total eram onze. Pediu para as crianças fecharem os olhos e a colega retirou uma peça de roupa, e eles tinham de adivinhar qual era e que cor era, logo após este exercício retirou duas peças de roupa. Para finalizar a aula, a colega perguntou se já estavam todos prontos para irem para a educação física.

Inferências e fundamentação teórica

Ao colocar as crianças sentadas em U, Estanqueiro (2010) afirma que “a **comunicação da sala de aula**, em plenário, pode ser condicionada pela disposição das mesas e das cadeiras (em filas ou em U). Em geral, os alunos comunicam melhor quando estão sentados frente-a-frente e se veem uns aos outros olhos nos olhos.” (p. 59).

Fazia **elogios** no momento certo e eles esboçavam um sorriso de contentamento. Os elogios em todas as idades, são de extrema importância porque se dá o reforço positivo para a criança continuar a responder e ficar cada vez mais segura de si.

Como Estanqueiro (2010) afirma, “o elogio eficaz reforça a auto-estima do aluno e promove a sua autonomia (...)” (p. 25). Realça também que “habitualmente, os elogios são individuais.” (p.24).

A minha colega elogiou bastante as crianças que acertavam no que pedia.

Atrevo-me também a elogiar as minhas colegas que conseguiram realizar com sucesso as suas aulas.

terça-feira, 29 de janeiro de 2013

Esta manhã foi reservada à minha colega. Começou o dia com a lengalenga da formiga e do escaravelho. As crianças estavam de pé em U a ouvir a colega e a imitar os gestos. Após a lengalenga, pediu às crianças para se sentarem nos seus lugares. Em cima da mesa estavam colocadas as caixas com o material Blocos Lógicos. Trabalhou no Domínio da Matemática as sequências. Pediu a uma criança de cada mesa para abrir a caixa e colocar a tampa por baixo desta. Construiu um comboio e ia pedindo as figuras geométricas para copiarem no lugar. A colega pediu para retirarem uma peça da cor encarnada de forma triangular, e um quadrado de cor azul, não trabalhando a espessura nem o tamanho, que são duas das características deste material. Como as crianças estavam agitadas pois não paravam de mexer no material, a colega decidiu por lhes pedir para arrumarem o material dentro da caixa. Utilizou o comboio que tinha feito, para lhes dizer que tinham de formar um comboio para irem para o ginásio.

No ginásio trabalhou a Área do Conhecimento do Mundo. Sentou de novo as crianças em U. Como material utilizou um cartaz em consistia em viajar por um safari. Explicou que o comboio, que havia utilizado também no Domínio da Matemática ia ser o comboio das crianças de 3 anos. Em várias estações que o comboio parava, havia um animal. Dava algumas características sobre estes, as cores, o som que faziam, de que se alimentavam, dando a referência que estavam a falar de animais selvagens que moravam muito longe das nossas casas porque eles gostam de correr muito ao ar livre, e alguns deles são muito perigosos para os humanos.

Como o ginásio ia ser utilizado pela professora desta disciplina, tivemos-nos de mudar para o salão da escola em que a colega continuou a sua atividade na Área de Conhecimento do Mundo fazendo um jogo com os animais selvagens.

Para finalizar o dia da colega, trabalhou no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita a história *O Cuquedo* de Clara Cunha. Não utilizou livro para a contar, levou uma maquete (figura 21) feita por ela. A cada passo que a história se desenrolava a Colega ia pondo os animais que apareciam, fazendo gestos. Recapitulou a história e a sequência dos animais que apareciam na história.



Figura 21- Maquete

Inferências e fundamentação teórica

Quando a colega começou por contar a lengalenga em pé, foi bastante interessante e as crianças faziam os gestos conforme esta os fazia. Tentou estabelecer uma relação entre o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o Domínio da Matemática, mas faltou o elo de ligação no sentido em que a lengalenga não teve a ver com as sequências que posteriormente a colega trabalhou.

A colega ao contar a história fê-lo de uma forma dinâmica e original utilizando apenas uma maquete.

O que correu menos bem foi o facto de a colega não ter falado anteriormente com a professora de educação física para saber se o ginásio estava livre neste dia a esta hora, pois as crianças tiveram de mudar de local e continuar noutra sala.

Segundo Fourez (2002), “(...) a **interdisciplinaridade** é, geralmente, concebida como uma prática de interconexão das disciplinas” (p. 74).

Para Pombo *et. al.* (1994) a interdisciplinaridade é entendida como a “simples cooperação de disciplinas do seu intercâmbio mútuo, a uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina e alcançar uma axiomática comum” (p. 10).

sexta-feira, 1 de fevereiro de 2013

Este dia foi destacado por serem aulas surpresas feitas pela educadora da sala. Em primeiro lugar foi a colega, em que lhe foi pedido para trabalhar no Domínio da Linguagem Oral. A colega escolheu utilizar fantoches e contou uma história inventada por ela. A história falava de uma princesa que queria ter um animal de estimação, mas que o seu pai, o rei, não a deixava ter, até que apareceu um ratinho que o rei gostou e a princesa ficou muito contente. A Colega fez inflexões de voz, e coordenou bem as falas e o ritmo da história. Depois de ter contado a história, questionou todas as crianças sobre o terem ou não um animal de estimação.

Após a aula da Colega, foi a vez da outra colega. A educadora pediu-lhe para trabalhar no Domínio da Matemática as cores. A colega utilizou os discos, para trabalhar este tema. Começou por espalhá-los no chão da sala e pedia aos alunos para contarem quantos discos estavam no chão. Pediu a uma criança para lhe dar três discos de cor verde, a outra 2 discos de cor azul. Pediu também para colocar em cima da mesa de cor encarnada um disco da mesma cor, trabalhando assim a orientação espaço temporal. Pediu a uma criança para ir apontar na sala uma figura geométrica

igual à do disco. Não conseguiu agarrar por muito tempo as crianças, dando a aula como terminada.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula, a colega utilizou outra estratégia para as crianças se sentarem, criando assim outro ambiente, embora as crianças estivessem mais dispersas.

Pereirinha e Lopes (2007), afirmam que é importante a utilização de fantoches pois “contribuem para desenvolver a fantasia, a imaginação e a liberdade de expressão.” (p. 44).

Achei muito original a maneira que a minha colega trabalhou as cores com as crianças pois utilizou material que elas conheciam. Isto fez-me ver que se pode trabalhar com qualquer material aquilo que queremos ensinar, neste caso as cores. Foi uma nova experiência que vi e que vou utilizar como futura Educadora pois além das crianças conhecerem este material, podemos trabalhá-lo de uma maneira lúdica aproveitando aquilo que temos dentro da sala. Migueis e Azevedo (2007), “(...) um objectivo importante da educação deve ser o de **criar condições** para a resolução de problemas (significativos para a criança e do seu quotidiano) e, consequentemente para o desenvolvimento do pensamento” e memória. (p. 19).

Na minha opinião a colega não soube imprimir um bom ritmo de aula e não foi desafiante para as crianças. Temos de estar confiantes e passar a mensagem com alegria.

segunda-feira, 4 de fevereiro de 2013

Dia de concerto na escola! Na primeira parte da manhã foram as crianças de 3, 4 e 5 anos foram para o ginásio assistir. Logo após, os restantes alunos. Cantaram músicas inglesas e fizeram com que as crianças repetissem os refrões. Deram especial atenção aos vários instrumentos que a banda apresentava.

O resto da manhã, nós, estagiárias estivemos a decorar as máscaras de Carnaval com as crianças.

Inferências e fundamentação teórica

Foi a primeira vez que assisti a um concerto no Jardim-Escola. Como estou na sala dos 3 anos, para muitas crianças também foi a primeira vez que muitas também

assistiram. Sousa (2003) a educação pré-escolar é importante que haja um envolvimento da “**audição** e a execução de padrões tonais e rítmicos.” (p. 119).

Algumas crianças adoraram o concerto, outras nem tanto pois choraram e queriam estar ao colo das educadoras e estagiárias. Fiquei todo o concerto com uma criança ao colo visto esta ter medo, não sabendo se do barulho, da confusão ou até mesmo porque não está habituada.

Como diz o provérbio “de pequenino é que se torce o pepino”, ainda bem que estas crianças têm estas oportunidades.

terça-feira, 5 de fevereiro de 2013

Esta manhã, reparei que nesta sala, as gavetas onde as crianças têm os lápis de cor, as canetas, os brinquedos e os livros de histórias estão ao alcance das crianças.

A educadora para trabalhar o Domínio da Matemática, trabalhou com palhinhas. Colocou um copo com palhinhas no centro do tampo de cada mesa. Pediu às crianças para retirarem 5 palhinhas. De seguida, para voltarem a colocar 3 palhinhas das 5 que tinham retirado. Duas crianças não conseguiram fazer o que lhes foi pedido. Posteriormente a educadora foi ajudar individualmente cada criança.

Inferências e fundamentação teórica

Na minha opinião é de extrema importância os **materiais** estarem ao alcance das crianças, porque desde logo elas têm de criar responsabilidades e tratar do que é delas e dos outros. Alguns materiais são perigosos, mas esses estão dentro de um armário em que as crianças não conseguem alcançar. Como Chateau (s.d.) afirma, uma pedagoga de nome Maria Montessori defende que se deve criar à criança “um ambiente apropriado à sua necessidade de experimentar, agir, trabalhar (...)” (p. 343).

Para esta pedagoga, os materiais, os brinquedos, estão sempre ao alcance das crianças, escolhendo elas aquilo que vão fazer, solicitando sempre a educadora da sala.

Deve-se promover a autonomia e a responsabilidade pois só assim teremos cidadãos, no futuro, com princípios e regras.

sexta-feira, 8 de fevereiro de 2013

Não há nada que as crianças gostem mais do que o Carnaval! As crianças foram para o Jardim-Escola já mascaradas. As duas salas dos 3 anos juntaram-se e ouviram-se músicas e tiraram-se fotografias de grupo e individuais.

Na segunda parte da manhã, as turmas de pré-escolar juntaram-se e fomos dar um passeio à volta do Jardim-Escola.

Inferências e fundamentação teórica

Esta manhã foi de pura brincadeira! Posto isto, pretendo salientar a brincadeira e tê-la como palavra-chave neste dia. Assim, a frase que achei importante de salientar é: “**brincar** pode promover o desenvolvimento das crianças, a aprendizagem, a imaginação, a criatividade e a independência. É uma atividade propiciadora da aprendizagem da sociabilidade.” (Referência 2)

Para mim, a brincadeira é o mais importante que as crianças fazem. Aprendem a partilhar a saborear os prazeres que a vida lhes propõe. O brincar significa assim o trabalho que a criança tem no dia-a-dia nos primeiros anos de vida.

Este dia, foi apenas de brincadeira, muitos risos e muita fantasia!

1.3. Terceira Secção- Seminário de Contacto com a Realidade Educativa

1.3.1. Caracterização da turma

Este grupo é constituído por 27 crianças. Pelas informações dadas pela educadora cooperante da sala quase todas as crianças têm 5 anos. As crianças desta sala falam todas corretamente, gostam de aprender e são crianças muito curiosas. A educadora ensina bem as regras da sala e sabem que não podem faltar ao respeito à educadora.

Havendo vários cantinhos na sala, gostam de brincar em todos, salientando o facto de gostarem mais do cantinho da leitura, em que a educadora me disse que era o primeiro ano que as crianças quase todas se interessavam e gostavam mais deste cantinho contando histórias umas às outras.

1.3.2. Caracterização do espaço

A sala onde estive a estagiar, era de tamanho médio, tinha uma parede corrida só com janelas que davam para o recreio, logo existia muita luminosidade o que é bom, e deveria existir em cada sala. Há vários cantinhos onde as crianças podiam estar.

A sala tem 4 mesas com as respetivas cadeiras e os cabides ao longo de duas paredes. Existe ainda um quadro de giz numa parede com gizes de diversas cores e ao longo das paredes trabalhos efetuados pelas crianças. Ao nível das crianças estão copos que as crianças guardam os lápis de cor e de carvão. Tem um cantinho de leitura e um tapete onde de manhã ouvem histórias e têm inglês.

1.3.3. Rotinas

As rotinas desta sala começam pelo convívio à volta do tapete com músicas e acompanhados pelas respetivas educadoras das 9h às 9h 30m. Depois vão à casa de banho e voltam para a sala onde começam por estar no tapete a falar um pouco ou com esta a contar uma história.

De seguida trabalham o Domínio da Matemática e vão novamente à casa de banho para tomarem o lanchinho da manhã às 10h 30m. Após o recreio vão para o recreio voltam para a sala. Às segundas e quintas-feiras há educação física, terça-feira têm inglês, quartas e sextas-feiras têm atividades de expressão plástica.

A parte da tarde está reservada a atividades realizadas com a Área de Conhecimento do Mundo e jogos.

1.3.4. Relato semanal – Seminário de Contacto com a Realidade Educativa

25 de fevereiro de 2013 a 1 de março de 2013

Nesta semana, estive a estagiar num Jardim-Escola na área do Porto, na sala dos 4 anos. O grupo era constituído por 27 crianças. A educadora começou por me apresentar, e cada aluno dizia o seu nome e a sua idade. Nesta semana trabalhou-se no Domínio da Matemática com o material o 4.º Dom de Fröebel em que a educadora ensinou a fazer o cadeirão. De seguida, realizou uma proposta de trabalho para fazerem o algarismo 1 e 2 dando sempre exemplos e realizando a soma de 1 com 1,

utilizando várias expressões para o significado de somar. A educadora também deu às crianças para trabalharem com o material Calculadores Multibásicos e realizaram a Torre do 3, pois pedi à educadora para dar este material nesta semana para uma melhor aprendizagem da minha parte. Trabalham também com o material Blocos Lógicos em que a educadora pediu para um aluno retirar de olhos fechados dentro de um saco uma peça. Posteriormente tinha de adivinhar as características da peça que tinha retirado.

Esta semana foi dedicada a falar sobre os peixes, assim, as crianças visionaram um vídeo noutra sala sobre os peixes (a sua constituição, onde habitam, e como se reproduzem).

Realizaram no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita uma proposta de trabalho com a letra O e a letra A em maiúscula, visto a educadora dizer que era de fácil perceção, e só posteriormente na sala dos 5 anos iriam aprender em letra minúscula. Conteí uma história *Não faz mal ser diferente* de Todd Parr. Pedi às crianças que se sentassem em roda e comecei por ter uma conversa com elas visto ainda não as conhecer bem.

Em relação à Expressão Motora, fizeram o jogo das estações em que tinham de saltar entre arcos, dar uma cambalhota para a frente, saltar no trampolim e saltar por cima de um banco corrido.

No último dia de estágio neste Jardim-Escola, na parte da tarde, realizei jogos dentro da sala em que trabalhei a lateralidade, as cores e a sequência.

Aprendi um jogo que ainda não tinha visualizado em que as crianças estão todas em roda com as pernas esticadas. Uma criança é escolhida para ir para o centro da roda e tem de ver durante pouco tempo os sapatos que correspondem a cada criança. A criança que está ao centro, fecha os olhos e a educadora pede a várias crianças que tirei um sapato e colocam no centro da roda. De seguida, as crianças cruzam as pernas e põe o bibe por cima. A criança que está no centro da roda tem de descobrir de quem são os sapatos.

Esta semana terminou com uma canção de adeus por parte do Jardim-Escola.

Inferências e fundamentação teórica

Esta semana foi diferente! A educadora da sala usa muito os estímulos para captar a atenção de todas as crianças dando ânimo para continuar a atividade que estão a elaborar. Esta estratégia dos elogios é ao mesmo tempo um instrumento pedagógico muito importante que se deve usar diariamente.

Segundo Vieira (2000)

As mensagens e os estímulos que recebemos ao longo da nossa infância condicionam o modo como cada um de nós se posiciona perante a vida. Uma criança que é constantemente estimulada no sentido positivo, que recebe mensagens fortes, de confiança, de apoio pode vir a construir uma imagem de si positiva (...) e a acreditar nos outros que a rodeiam (...) (p. 27).

Esta semana aprendi mais uma vez apesar de ser outra realidade a nível profissional, que quero retirar para o meu futuro como educadora. O que retirei de positivo? Durante estes 5 dias, visualizei técnicas diferentes, desde vídeos, propostas de trabalho, materiais, histórias e um diálogo constante. Um aspeto também muito positivo foi a higiene sempre muito cuidada e à hora do almoço cada criança tinha tempo para o fazer sozinha.

Ao longo desta semana vi que as crianças tinham uma grande ligação com a educadora e que brincavam muito com ela no recreio.

O que achei menos positivo foi a professora de educação física, porque a meu ver não estava nem com vontade nem com disponibilidade de dar a aula. A meu ver as pessoas que trabalham no ramo da educação, claro que há dias menos bons, mas não podemos transparecer isso para as crianças, porque elas notam, e porque temos de estar felizes em fazer o que escolhemos e queremos.

As diferenças que senti em relação ao Jardim-Escola de Lisboa e do Porto foram basicamente: não haver tantas estagiárias; ser um espaço mais calmo; menos pressão. A nível da aprendizagem, são muito idênticos, pois utilizam os mesmos materiais a nível da matemática, contam-se histórias e têm-se em atenção a necessidade de cada criança. Um ponto positivo, foi assistir durante o dia todo, isto é, das 9h até às 17h.

segunda-feira, 4 de março de 2013

Este dia foi marcado pela minha aula avaliada pela professora da equipa da Prática Pedagógica. O tema que escolhi dar foi a galinha. Realizei as 3 Áreas no ginásio, em que levei todo o material para o ginásio e dividi o ginásio em três partes. Comecei pelo Domínio da Matemática e trabalhei os conjuntos. Fiz linhas fronteiras e galinhas com cartolinas às cores. Pedi às crianças para me dizerem o que tinham em cima da mesa. A criança não sabia o que era a linha fronteira e eu expliquei no quadro fazendo um círculo e colocando algo fora e dentro para a criança entender o dentro e o fora e a linha era o que delimitava. A criança compreendeu e voltou para o lugar.

Expliquei em voz alta para todas crianças ouvirem, pois poderia haver sempre alguém que ainda não soubesse. Após, pedi às crianças para colocarem 1 galinha dentro da linha fronteira. Visualizei cada criança e chamei a atenção a três crianças que estavam a conversar e não tinham ouvido.

Quando todos terminaram, pedi novamente para colocarem 4 galinhas por fora da linha fronteira. Pedi a uma criança que estava desatenta para contar as galinhas que estavam dentro da linha e fora e as juntasse e qual o valor que tinham no total. A criança respondeu acertadamente sem hesitar. Visto as crianças chegarem atrasadas, e a cada criança explicar o que estávamos a fazer não tive mais tempo para a elaboração destes exercícios.

Segui para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita em que li *Os ovos misteriosos* de Luísa Ducla Soares. Mudei de local, fomos para o chão, sentados em U.

Levei ovos feitos em velcro de vários tamanhos e cores. Ao longo da história iam aparecendo animais que estavam dentro dos ovos, e ia pedindo a cada criança para retirar de cada ovo as personagens que faziam parte da história. Chamei as crianças que não tinham participado tanto na outra aula.

Na Área de Conhecimento do Mundo, mudámos novamente de sítio e pedi às crianças para se sentarem no banco. Levei um pinto dentro de uma gaiola, levei a comida, penas e por fim, realizei em *k-line* e palha, a parte da frente da capoeira. Todas as crianças tocaram, cheiraram e participaram verbalmente nesta atividade. Expliquei as características das galinhas, e disse que o pinto que havia levado, quando crescesse iria ser uma galinha. Por fim, levei um ovo, parti-o à frente das crianças, mostrei e questionei se todos já tinham experimentado e que várias maneiras havia de confeccionar o ovo e se já as tinham experimentado. Expliquei o que era a clara e a gema, pois quando coloquei a pergunta não me sabiam responder.

Quando a aula terminou, dei uma fatia de bolo a cada criança confeccionada com ovos e laranja.

Inferências e fundamentação teórica

Optei por sentar as crianças em semicírculo o que vem ao encontro de Cury (2011) quando refere “em círculo aquieta o pensamento, melhora a concentração diminui a ansiedade (...)” (p. 125).

Deixei as crianças falarem o mais possível, pois com 3 anos, ainda estão a adquirir linguagem e a aprender bem as palavras ouvidas. Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) afirmam que “saber escutar é uma tarefa activa com grande valor informativo

no que respeita quer à comunicação, quer á aprendizagem.” (p. 37). Acrescentam ainda que “adquirir e desenvolver a linguagem implica muito mais do que aprender palavras novas (...) é um processo complexo e fascinante, através da interacção com os outros (...)” (p. 11).

Gostei de dinamizar esta manhã pois as crianças estavam alegres e com curiosidade no decorrer da mesma. O que falhou, foi o facto de me demorar muito na leitura da história que era grande demais para crianças de 3 anos ficarem tanto tempo sentadas a ouvir a história, o que fez com que nas últimas páginas do livro as contasse muito rapidamente. O que mudaria nesta manhã? Encurtar mais a história para conseguir terminá-la a tempo, para serem as crianças no fim a colocarem os ingredientes do bolo no *placard*.

terça-feira, 5 de março de 2013

Neste dia, a educadora pediu para realizarem um desenho com lápis de cor para o presente do Dia do Pai. Quando terminassem esse trabalho, a educadora, pediu a nossa ajuda, para perguntarmos às crianças “porque gostas do Pai?”. O que a criança dissesse, nós escrevíamos no postal. Ao longo da manhã também estivemos a embrulhar alguns presentes que já estavam feitos. O presente do Dia do Pai, era um pano do pó com carimbos de carrinhos.

Inferências e fundamentação teórica

Dá muito trabalho realizar estas atividades, como o presente para o dia do Pai, com as crianças, pois muitas vezes não fazem nada.

Teria sido engraçado, em vez de perguntar “porque gostas do Pai?”, se o Pai fosse uma cor, qual seria? Se o Pai fosse um animal, qual seria? Ou ainda, se o Pai fosse uma música qual seria?

É importante que a criança saiba ouvir para depois se saber expressar, porque as crianças tendem sempre a copiar as pessoas mais velhas. Para o presente do dia do Pai, é importante haver um **diálogo** com a criança para esta se expressar e dizer o que sente no momento. Como citam Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) “no que respeita a oralidade, a escola deve confrontar os alunos com o valor de “saber ouvir” e saber “expressar-se” (p. 35). Com o presente do dia do Pai, nós, estagiárias fizemos com que as crianças falassem, mostrassem os seus sentimentos mantendo um diálogo com elas.

A importância da Expressão Plástica no pré-escolar, é importante porque daí a criança consegue expressar o que sente, demonstrar as suas emoções sobre si e o mundo que a rodeia. Todas as crianças, adoram desenhar porque é uma atividade lúdica, divertida que a criança tem de se expressar com riscos, rabiscos e muitas cores. As crianças deveriam desenhar todos os dias na minha opinião, devia criar-se isso como rotina. Neste caso, o dia de hoje, tinham de criar um bilhete postal desenhando o Pai no mesmo, portanto foi um tema imposto.

sexta-feira, 8 de março de 2013

Hoje a educadora esteve a fazer contagens com as crianças. Cada criança contava até ao número que sabia. Colocou os algarismos no chão da sala e pediu individualmente para as crianças retirarem o algarismo que a educadora pedia e pusesse por baixo da mesa da cor encarnada, trabalhando assim a lateralidade e as cores. De seguida, contou uma história com a ajuda das crianças, dizendo o nome das personagens e o que mais gostavam de fazer no fim-de-semana.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia foi diferente. Ao longo da manhã, tive especial atenção a uma criança pois tinha reparado ao longo deste estágio que esta criança mal abria a boca para falar quando questionada para algum trabalho ou para brincar dentro da sala.

Quando fui para o recreio, vi que aí falava, curiosamente só com as meninas, fui-lhe dizer que estava muito contente por a ver a falar. A criança em causa, esboçou um sorriso. Haigh (2010) comenta que “entre as muitas alegrias de um” educador “encontram-se as **recompensas** e as satisfações diárias” que se recebe das crianças. (p. 84).

É importante avaliar, fazer uma avaliação diagnóstica, fazer os registos do que cada criança já sabe e já aprendeu e as grelhas de avaliação do comportamento. A educadora deve sempre fazer com rigor, por forma a saber o que as crianças já sabem.

segunda-feira, 11 de março de 2013

A manhã ficou marcada pela minha aula surpresa, que teve a duração de 20 minutos. A educadora da sala pediu-me para trabalhar com o material *Cuisenaire*, os valores e as cores até à peça da cor amarela que equivale a 5 unidades. Comecei por distribuir o material antes das crianças estarem sentadas. Utilizei o quadro com giz e as peças em tamanho grande. Comecei por questionar os alunos do nome do material, se era todo igual e qual a peça mais pequena e a maior. Disse para as meninas retirarem do centro a peça mais importante (peça branca), e aos meninos para retirarem a peça que valia 3 unidades (cor verde-clara). De seguida, pedi a uma criança que me apontasse com o dedo o algarismo 2 e pedi para me dizer a cor da peça e o seu valor. Por fim, para relembrar as cores das peças e os seus valores, fiz perguntas alternadas como: "qual é a peça que vale 2 unidades?", "qual a sua cor?". Pedi para uma criança de cada mesa arrumar o material dentro das caixas.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei de dar esta aula surpresa. O material escolhido é aquele com que me sinto mais à vontade para trabalhar pois tive mais oportunidades de contacto. Senti-me mais confiante, mais tranquila e mais calma em relação às outras aulas dadas até agora. Embora as crianças já tenham trabalhado muitas vezes com este material, sendo assim uma rotina para elas, Haight (2010) "algumas **aulas** podem ser muito **rotineiras**, até chatas, e os alunos vão aceitá-lo desde que não seja sempre assim.

No entanto, nem todas as aulas podem ou devem ser a cantar e dançar; se fossem, provavelmente deixavam-nos esgotados a todos." (p. 106).

Estanqueiro (2010) refere que "o **prazer de ensinar** revela-se em certos sinais de comunicação: postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gestos vivos, contacto visual com os alunos, brilho nos olhos e bom humor." (p. 32).

Ao dar esta aula surpresa senti-me descontraída mas ao mesmo tempo pensava antes de colocar perguntas bem elaboradas para não cometer erros a nível do português. A voz estava confiante e o ritmo da aula foi animado embora tivesse sido um pouco teatral demais.

terça-feira, 12 de março de 2013

Esta terça-feira, dei aula durante a manhã. A aula foi sobre as plantas, um tema já escolhido há algum tempo junto com a educadora cooperante da sala. Fui vestida com umas jardineiras, com uma camisa aos quadrados e com um chapéu de palha. Comecei pelo Domínio da Matemática em que elaborei uma flor em papel com as figuras geométricas do material Blocos Lógicos. Distribui uma folha a cada um, e o material Blocos Lógicos feitos em feltro. Utilizei o quadro para colocar uma flor em tamanho maior para as crianças conseguirem visualizar. Perguntei os atributos de cada peça, e disse que não íamos trabalhar um atributo, o da espessura, visto o meu material não tem espessura. Perguntei o que viam na imagem e como era constituída a planta. As crianças responderam todas acertadamente. Pedi para começarem a construir a planta por baixo. Ao concluírem a atividade, questionei várias crianças sobre as cores, as formas e os tamanhos que este material tem. De seguida perguntei qual o atributo que não tínhamos trabalhado para relembrar todos os atributos deste material,. visto ser uma palavra complicada de eles dizerem, diziam da sua particular maneira “espura”; “espeças” e “espessuras”.

Terminado este Domínio, trabalhei o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Li uma história *A árvore Generosa* de Shel Silverstein. Solicitei às crianças que fossem para o tapete, e se sentassem à sua volta. Levei de casa uma árvore feita de esferovite e cartolina para utilizar na sequência da história. Ao longo da história fui retirando partes do tronco como a história indica, deixei cair maçãs de plástico e tentei dramatizar a história o mais possível, para captar a atenção das crianças.

Por fim, na Área de Conhecimento do Mundo, realizei em cartolina uma flor com a raiz, caule e flor. E perguntei a uma criança a sua constituição para relembrar. Foi notória a sua resposta, visto ter-me respondido de imediato. Para uma melhor aprendizagem, pedi a três crianças para se levantarem e ir até ao quadro apontar cada uma das características repetindo em voz alta. No final, plantei com as crianças malmequeres. Coloquei no chão um saco de tamanho grande em que coloquei terra, coloquei os vasos, as pás e o regador. Todas as crianças participaram nesta aula, tocaram na terra, cheiraram, regaram, e acima de tudo sorriam com o trabalho que estavam a realizar.

Inferências

Adorei realizar esta aula, devido ao tema, à turma e à educadora cooperante desta sala. Quer a educadora quer o grupo, mostraram ter um grande carinho por

mim. Não posso deixar de referir que este sentimento era recíproco. No Domínio da Matemática tentei ser criativa em trabalhar o material de outra maneira realizando assim algo diferente e que chamasse a atenção. Algumas crianças não perceberam o que era para fazer e perdi mais tempo derivado a isso pois expliquei individualmente mas em voz alta. Em voz alta porquê? Porque outra criança também pode ter dificuldades na realização, mas por medo ou vergonha não pergunta. Apesar de sentir dificuldades no Domínio da Matemática penso que atingi o necessário para esta aula decorrer bem.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita senti que as crianças estavam comigo desde o início até ao fim da história, pois a minha dramatização e inflexões de voz ajudaram a uma melhor realização.

Por último, e não menos importante, trabalhei a Área do Conhecimento do Mundo, em que todas as crianças tocaram, cheiraram e olharam para o que queriam trabalhar.

Cumpri com o horário da sala, mas devido a querer que todos participassem demorei um pouco mais nesta última Área.

Foi, sem dúvida a aula que mais gostei de dar até ao dia de hoje!

sexta-feira, 15 de março de 2013

Na primeira parte da manhã, as crianças estiveram sentadas no tapete a conversar com a educadora sobre o dia do Pai. Nós, estagiárias estivemos a recortar e a plastificar trabalhos para as educadoras. As crianças de manhã também tiveram Domínio da Expressão Musical e Cerâmica. Na hora do intervalo estive com uma criança a acabar o presente para o dia do Pai.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas de Cerâmica são importantes pois as crianças através daquilo que sentem podem transparecer isso para o trabalho que estão a fazer e enriquecem o sentido estético. Figueiredo (2004) cita que “os contactos com a pintura, a **escultura**, etc. Constituem momentos privilegiados de acesso à arte e à cultura que se traduzem por o enriquecimento da criança, ampliando o seu conhecimento do mundo e desenvolvendo o sentido estético” (p.73).

Não quero deixar de refletir sobre esta questão: “O que é verdadeiramente a educação, **educar** e **instruir**?” Ballenato (2008) defende que se utilizam “com

frequência os verbos <educar> e <instruir> como sinónimos. Há uma semelhança importante entre os seus significados. <Instruir> : É informar, comunicar determinadas ideias, conhecimentos ou doutrinas de modo sistemático. <Educar> significa dirigir, encaminhar, orientar “ (p. 33). Desperta as aptidões naturais que nós temos, para as podermos encaminhar para o futuro.

Pelo facto de ajudarmos a elaborar o material para todas as crianças, pois dá muito trabalho, é uma mais-valia para a educadora. As crianças aprendem melhor usando todos os sentidos.

terça-feira, 2 de abril de 2013

Este dia foi marcado por aulas surpresas feitas pela educadora da sala. Em primeiro lugar fui eu que fiz uma estimulação á leitura em que fiz uma dramatização da história *Caracolinhos Dourados e os três ursos*. Comecei por desenhar no quadro uma casa, e de seguida apresentei as personagens dos três ursos e a Caracolinhos Dourados. Conte a história e pedi a participação das crianças para ajudarem a colocar nomes nas personagens. Ao longo da história ia questionando as crianças e no fim da história perguntei-lhes quais as personagens que preferiam.

De seguida foi a colega, em que lhe foi pedido para trabalhar no Domínio da Matemática o material 1.º Dom de Fröebel. Começou por perguntar às crianças se a caixa era opaca ou transparente, em que uma criança respondeu que era opaca porque transparente era o vidro. De seguida, perguntou o que estaria dentro da caixa e as crianças responderam bolas. Abriu a caixa e ia pondo as bolas por ordem de cores mas enganou-se e a educadora interveio dizendo que estava errado. Depois pediu a uma criança para identificar um objeto ou algo que estava dentro da sala que tivesse a cor das bolas do material deste. Por fim fez um exercício de lateralização pedindo para uma criança colocar em frente, ao lado, atrás e por cima de um colega. As colegas de estágio estavam sempre atentas e a ajudar a que a aula decorresse com mais sucesso.

No intervalo falámos sobre as nossas aulas com a educadora, que nos fez críticas construtivas.

Inferências e fundamentação teórica

Na minha aula surpresa, contei uma história em que tinha levado as personagens feitas de casa, visto serem aulas surpresas, andei desde o princípio do

ano com material previamente arranjado para eventuais aulas. Utilizei uma caixa de música para começar a aula para as crianças ficarem calmas para estarem atentas à minha história.

Segundo Gomes (2000)

(...) a '**hora do conto**' ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das atividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias (p. 35).

Este mesmo autor acrescenta que, a “defesa da hora do conto na perspectiva de contador/leitor visa sensibilizar para a importância desta prática no desenvolvimento das competências da leitura” (p. 38).

É importante todos os dias, criar hábitos de leitura, embora ainda tenham 3 anos. Ficam com curiosidade para saber, de certa maneira de descobrir o que são as letras e a magia que elas têm, porque é através delas que ouvem histórias, e as deixa num mundo que só elas conseguem sentir e dar asas à imaginação.

Em relação à aula da colega, embora não tenha decorrido muito bem, houve da parte do grupo de estágio muita colaboração. Estanqueiro (2010) refere que “o **trabalho em equipa** produz resultados positivos no comportamento na aprendizagem dos alunos.” (p. 73). Quando a colega se enganou na ordem das cores, a educadora ajudou e as colegas também o faziam através de gestos e do olhar. Apesar de não considerar que se deva ajudar desta forma, fiquei bastante satisfeita por ver que estas colegas funcionavam bem em equipa.

sexta-feira, 5 de abril de 2013

Este final de semana foi marcado pela aula programada da colega de estágio. Foi assistida por uma professora da Equipa Prática Pedagógica. Iniciou as aulas às 9h 45m no ginásio do Jardim-Escola. Começou por dar a Área de Conhecimento do Mundo em que mostrou uma planta e explicou onde estava a raiz, mas não tirou a terra do vaso para se verem as raízes. Explicou também, que existia um caule, em que na planta que mostrou às crianças não dava para ver o caule e explicou também as folhas. De seguida mostrou uma árvore grande feita com o material chamado k-line, e com cartolina elaborou uma árvore, relva e flores. Explicou que a árvore tinha uma raiz, o tronco, e ramos, esquecendo-se de explicar que também existia uma copa. Terminada esta Área, trabalhou a Estimulação à Leitura em que contou uma história *A menina que não gostava de fruta* com fantoches. Não assisti durante todo o tempo

pois ia com as crianças à casa-de-banho. Por fim no Domínio da Matemática, a Colega já tinha colocado em cima da mesa linhas fronteiras e fruta feita de esponja. Não fez bem a gestão do tempo excedendo assim o tempo da aula, só conseguindo fazer um exercício em que bateu as palmas três vezes e os alunos tinham de colocar três maçãs dentro da linha fronteira.

De seguida, foi a reunião com as professoras da Equipa da Prática Pedagógica, as educadoras e as estagiárias que tinham dado aula, tivessem um *feedback* do que se tinham passado, dando críticas construtivas e animo para continuar a fazer um bom trabalho.

Inferências e fundamentação teórica

A aula da colega não decorreu como planeado. Como já referi, a aula foi dada no ginásio, o que na minha opinião, visto já ter lecionado no ginásio, foi uma boa opção. Como dividiu o ginásio por áreas, as crianças mantiveram-se ativas e sempre se mexiam um pouco dada a disposição da sala.

Em relação Área de Conhecimento do Mundo, faltou-lhe tirar a planta do vaso para mostrar a raiz, porque é a **observar** que as crianças aprendem. Para comprovar, na opinião de Estanqueiro (2010) “os alunos, especialmente os mais novos, aprendem por observação e imitação.” (p. 107).

Daquilo que assisti da história, a colega foi demasiado calma, não fazendo inflexões de voz e teve uma atitude fria e distante com as crianças. Haigh (2010) cita que “o que realmente determina o **ritmo da aula** é a atenção dada ao objectivo da aprendizagem.” (p. 133) e acrescenta que “um bom ritmo leva a um bom progresso da aprendizagem” (p. 136). A colega, podia ter feito inflexões de voz para cativar as crianças, fazendo também gestos para chamar a atenção das crianças.

Houve depois uma reunião com a educadora e comigo para que a colega tivesse um *feedback* do que se tinha passado, com críticas construtivas e ânimo para continuar a fazer um bom trabalho.

E assim terminou mais um momento de estágio.

1.4. Quarta Secção- Grupo de crianças com quatro anos

A quarta-secção diz respeito ao momento de estágio feito no período de dia 8 de abril a dia 21 de junho de 2013. Este momento decorreu na sala de crianças com 4 anos.

1.4.1. Caracterização da turma

Este grupo é constituído por 30 crianças. São 13 do género feminino e 17 do género masculino. Há só uma criança que necessita de mais atenção visto ser distraída embora saiba com tempo responder ao que lhe é pedido. Ao falar com a educadora, disse que era um grupo que gostava bastante de trabalhar e que tinha uma grande curiosidade de saber ler. Algumas crianças são mais faladoras do que outras mas também é normal devido à idade e por vezes ao entusiasmo que têm a vivenciar as coisas que lhes são mostradas. Há uma criança que entrou na sala em janeiro, o que se adaptou rapidamente e os amigos não o deixaram de parte perguntando sempre se queria brincar com eles.

Nesta sala, não há nenhuma criança com Necessidades Educativas Especiais.

1.4.2. Caracterização do espaço

Em relação ao espaço, desta sala, é muito amplo, ao contrário das salas que referi anteriormente. Existem 4 mesas com as respetivas cadeiras, um cantinho para a leitura, têm as gavetas onde as crianças têm o material, ao longo da sala, há janelas ao longo da sala devido ser no centro do Jardim-Escola.

Zabalza (2001) sustenta que

uma das variáveis fundamentais da estrutura didáctica da escola infantil é a organização de contextos adequados de aprendizagem, de espaços que promovam a alegria, o gostar de estar na escola, e que potenciam o desenvolvimento integrado das crianças que neles vão passar uma parte importante do seu tempo.”(p. 119).

Horowitz citado por Zabalza (1992) diz-nos ainda que “uma bonita sala de aula afecta a manutenção da atenção, a participação dos estudantes, a informalidade e a coesão do grupo.” (p.148).

Arends (1995) afirma que a maneira como o espaço é orientado “tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos. Embora os professores não controlem a qualidade de espaço disponível, têm uma considerável liberdade de acção no que diz respeito à sua acção” (p. 85).

O espaço influencia de certo modo a aprendizagem das crianças para que elas se sintam bem, não tendo cores escuras nem berrantes demais. Ter materiais ao nível das crianças também é importante.

As educadoras destas salas mais conhecida como salão, têm a preocupação que este seja colorido, apelativo e esteticamente bonito e cuidado.

É também no salão que as crianças permanecem nos finais de tarde, nos dias mais chuvosos de inverno brincam neste espaço, bem como a festa de final de ano. É dos espaços mais importantes e que caracteriza o Jardim-Escola.

1.4.3. Rotinas/ horário

As rotinas das crianças de 5 anos começam por volta das 9h com canções de roda com as educadoras e as estagiárias terminando com o Hino João de Deus. Após esse momento fazem a sua higiene, e, todos os dias às 9h 30m começam a trabalhar a nível do Domínio da Matemática, inglês e Domínio da Expressão Motora. Às 10h 30m normalmente vão ao recreio e voltam para a sala de aula às 11h. Na parte da tarde, embora nunca tenha visualizado trabalham mais a nível da expressão plástica conforme se pode observar no quadro 4.

Quadro 4 - Horário do grupo dos 4 anos

Dias/ Horas	segunda- feira	terça-feira	quarta-feira	quinta- feira	sexta-feira
9:00 9:30	Canções de roda / Acolhimento				
9:30 10:00	Diálogo sobre o fim-de-semana	Iniciação à Matemática (contagem/material alternativo)	Iniciação à Matemática (contagem/material alternativo)	Grafismos	Iniciação à Matemática (Blocos Lógicos/ Diagramas/Conjuntos)
10:00 10:30	Inglês	Ginástica	Descobrir o que se sabe	Iniciação à Matemática (<i>Cuisenaire</i>)	Recreio
10:30 11:00	Recreio	Partilha de saberes	Recreio	Recreio	Conhecimento do Mundo
11:00 11:30	Iniciação à Matemática (Dons de Fröebel)	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Música
11:30 12:00	Jogos de Roda / Preparação para o Almoço				
12:00 12:30	Almoço				
12:30 14:30	Recreio orientado e recreio Livre				
14:30 15:00	Expressão corporal	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica	Atividades Gráficas	Descobertas dos pequenos cientistas
15:00 15:30	Área Projeto	Expressão Plástica	Jogos de mesa		Estimulação à Leitura
15:30 16:00	Dobragens	Atividades nos cantinhos	Picotagem	Jogos Tradicionais	Formação cívica
16:00 16:30	Lenga-lengas Rimas Poesias	Partilha de saberes	Expressão Dramática	Trabalhos de grupo	Reflexão semanal

1.4.4. Relatos diários

segunda-feira, 8 de abril de 2013

Hoje, a minha colega de estágio e eu mudámos de sala. Fomos para a sala dos 4 anos. A educadora pediu-nos ajuda logo de início para plastificarmos as capas do 3.º Período. De seguida tiveram aula de Inglês em que fizeram exercícios de cores e sequências com o livro.

Continuámos a plastificar as capas e a educadora fez uma Estimulação à Leitura, recorrendo às rimas. Perguntou individualmente a cada aluno se sabia o que era uma rima, e um aluno respondeu “é uma palavra que termina com o mesmo som”, a educadora aceitou a resposta e elogiou-o. Todas as crianças tinham levado para a escola um papel com algo que rimasse feito com a ajuda dos pais. A educadora leu as rimas todas e ia colando numa cartolina.

Leu várias rimas do livro *Tudo ao contrário* da escritora Luísa Ducla Soares. Perguntou ainda se os alunos sabiam o que era o abecedário. Um aluno respondeu “é um conjunto de letras”, a educadora disse muito bem e adiantou ainda que eles podiam escrever com as letras do abecedário “todas as palavras do mundo”. Assim, com giz apontou no chão as vogais em letra maiúscula em que cada letra tinha a sua função: A letra A era para as crianças se porem de pé, a letra E era para saltarem em bicos de pés; a letra I era para baterem as palmas; a letra “O” e a para se sentarem; e, a letra U era para ficarem em estátua. A educadora ia apontando para as letras que escolhia e os alunos faziam o que correspondia a cada uma.

Após esta atividade, a educadora aproveitou para nos apresentar às crianças.

Inferências e fundamentação teórica

Ao mudarmos de sala, vamos retirando informações, ideias, observamos as atitudes dos educadores para depois tirar **bom partido** e usarmos o que achamos importante e queremos utilizar para o futuro. De acordo com Vieira (2000) “à medida que nos vamos relacionando com o(s) outro(s) é inevitável darmos e recolhermos alguma informação. Abrimos, aos poucos, a «janela» do conhecimento.” (p. 14).

O mesmo autor refere, ainda, que “um professor que, na sua sala de aula, fomenta este processo de *feedback* que pode facilitar a comunicação interpessoal, na medida em que favorece a construção da auto-estima e o envolvimento dos alunos nas tarefas.” (p. 14). “A comunicação faz parte do nosso dia-a-dia e as formas de comunicar são tão diversas que até em silêncio comunicamos (...) Os nossos gestos,

o olhar, as mãos, a expressão facial, que fazem parte da comunicação não-verbal, são poderosos meios de mensagens.” (p.15)

Sendo o espaço da sala grande, Arends (1995) afirma que a maneira como o espaço é orientado “tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos. Embora os professores não controlem a qualidade de espaço disponível, têm uma considerável liberdade de acção no que diz respeito à sua acção” (p. 85). O mesmo autor refere, ainda, que “a maneira como o espaço é usado afecta a atmosfera de aprendizagem das salas de aula, influência o diálogo e a comunicação tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos”. (p. 97)

É importante a educadora fazer a nossa apresentação às crianças para nos conhecerem, e nós a elas. Esta atitude permite estabelecer uma melhor relação entre todos e que haja respeito por nós estagiárias.

A educadora deste grupo sabe utilizar bem o espaço, comunica bem e expressa-se bem junto do grupo.

terça-feira, 9 de abril de 2013

Este dia começou com o Domínio da Matemática em que a educadora pediu para as crianças se sentarem nas cadeiras. Deu uma linha fronteira a cada uma e peixinhos de várias cores. Começou por perguntar se os peixinhos eram todos iguais, como se chamava a um conjunto de peixes e como se chamava a linha que estava à frente deles, pedindo para que com essa linha formassem um círculo. Pediu para colocarem dois peixes encarnados no interior da linha fronteira, outro peixe encarnado por cima da linha e por fim um no exterior da linha. No decorrer da aula, a educadora fez no quadro o que lhes ia pedindo. Fez a revisão de alguns sinais que já tinham aprendido (cardinal, sinal de subtração, sinal de adição, sinal de igual, sinal de maior e menor) e, iniciou uma matéria nova com os sinais pertence e não pertence.

Perguntou se a bandolete da Rita pertencia ao Bruno. Logo, a criança para saber o significado da palavra pertence, chegou rapidamente à resposta.

De seguida tiveram aula de Educação Física com várias estações. Na estação um, tinham de saltar dez vezes no trampolim; na estação dois, tinham de saltar para um lado e outro do banco; na estação três tinham de rebolar; e na estação quatro tinham de saltar por entre os arcos que estavam no chão.

Na Área do Conhecimento do Mundo a educadora fez a revisão das classes de animais que já tinha dado e recapitulou a constituição da planta. Mostrou várias cartas

onde estavam inseridos vários alimentos e perguntava para que servia a semente, a raiz, o caule, e como se alimentava a planta.

Reparei que uma criança colocou numa parte do armário um desenho, que dobrou e pô-lo dentro de um envelope colorido com um cara contente.

Inferências e fundamentação teórica

Quando a educadora deu as linhas fronteiras a cada criança com os respectivos peixes, cada criança manipulou-os a seu tempo, pois a educadora respeita muito o tempo que cada um tem. Esta disse, que é muito importante o **manuseamento dos materiais** que lhes são dados, pois assim aprendem com mais facilidade e de uma forma mais didática. Assim, para Zabalza (2001), “O desenvolvimento intelectual está também ligado ao pensamento matemático, enquanto capacidade crescente de manusear símbolos e de desenvolver e manipular representações abstractas da realidade.” (p. 46)

Ao dialogar com a educadora da sala, percebi que esta tinha elaborado envelopes com várias caras de bonecos (sorrir, triste, aborrecido) e que quando as crianças estivessem com vontade de se exprimir com um desenho, ao final da manhã, poderiam colocar o desenho dentro dos envelopes. Para Zabalza (2001), “(...) toda a criança é um repositório de **sentimentos**, fantasias, pulsões, emoções, etc. É também evidente que estes componentes, assumem, nas diversas condutas, a forma de temores, desejos, necessidades, etc.” (p. 19).

Para este mesmo autor, “(...) o risco da relação aberta com os outros sem medo de ser rejeitado, isto é, pode estabelecer a relação com confiança (...). Segurança e confiança estão muito ligadas à experiência relacional que a criança manteve inicialmente com a mãe.” (p. 19). Ao reparar neste cantinho especial, perguntei à educadora quando as crianças faziam os desenhos, a educadora respondeu-me que era quando eles quisessem. Perguntei a uma criança se ela já tinha feito algum desenho para colocar dentro dos envelopes, e respondeu-me que “fiz uma vez quando a minha mãe não me deu o carro que queria e fiz uma carinha triste no desenho.”

Percebe-se a facilidade que existe um bom ambiente entre a educadora e as crianças.

sexta-feira, 12 de abril de 2013

Na primeira parte da manhã, as crianças fizeram grupos de dois e umas foram para a Cerâmica e as outras ficaram na sala. Nós, estagiárias ficamos na sala a ver a educadora a trabalhar no Domínio da Matemática com o material *Cuisenaire*. Espalhou o material por cada mesa. Começou por perguntar como se chamava o material os valores e as cores de cada peça. Fez também o jogo dos comboios, e com um dado grande chamou três crianças para lançarem o dado para ver com que peça do material iriam jogar. Na soma dos três lançamentos a educadora perguntou a um aluno com que peça iriam jogar e ele respondeu automaticamente com a peça castanha que vale 8 unidades. A educadora disse que neste jogo dos comboios só poderiam utilizar 2 peças.

De seguida, os alunos que estavam na Cerâmica voltaram para a sala e os do outro grupo foram para a cerâmica, e com iam dar a mesma matéria, fomos assistir à atividade de Cerâmica. Nesta aula as crianças ficam em fila sentadas nas cadeiras e com uma mesa à sua frente. O professor dá um pouco de barro a cada criança e ali fazem o que querem, não tendo tema específico neste dia. Esta aula tem a duração de 30 minutos e depois de cada criança estar a mexer no barro, vamos à casa de banho ainda com o professor de Cerâmica.

Na segunda parte da manhã, as crianças tiveram Expressão Musical, em que o professor se baseou no tema das árvores, para ter cuidado com o planeta e que as crianças a partir do dia de hoje iam ser os polícias para ver quem tratava mal as árvores.

De seguida, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a educadora leu um livro *Papá, por favor, apanha-me a Lua* de Eric Carler. Disse às crianças para se porem como quisessem, colocou uma vela no chão e apagou as luzes.

Depois de ter contado a história, desenhou no chão, com giz, as várias faces da lua e disse que a lua era muito brincalhona porque andava sempre a dar voltas.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora, tem especial atenção com a forma como que chega até eles e faz intuitivamente e sabe a melhor maneira de lidar com situações que me fazem parecer de difícil resolução. Utiliza muito os olhos como forma de expressão e as suas crianças apercebem-se logo. Haigh (2010) afirma que os educadores “manipulam o

comportamento” das crianças “ao recompensarem o comportamento que desejam ver” (p. 74).

Achei muito interessante a estratégia da educadora para explicar as fases da lua com giz no chão. É uma maneira diferente, criativa e que se torna simples num tema que por vezes complicado de explicar.

De acordo com Carvalho (citado por Ferreira e Estevão, 2003)

a escola é uma das estruturas sociais, que melhor habilitada está para colmatar as lacunas existentes na educação das crianças em geral e, muito particularmente, ajudar os conhecimentos, as atitudes e os comportamentos correctos na nossa sociedade, fomentando uma verdadeira educação para a cidadania. (p. 40)

As crianças gostam muito de ir para a aula de **Cerâmica** pois gostam de mexer, de criar objetos que eles próprios não sabem identificar o que é. Para Sousa (2003) a Cerâmica é “arte de criar objectos” (p. 263). É mesmo isso que as crianças nestas aulas fazem sempre com grande vontade de ir. Quando questionei uma criança se gostava de ir à aula de barro, esta respondeu-me “eu gosto porque sujo as mãos”.

segunda-feira, 15 de abril de 2013

Como é habitual, sendo segunda-feira, a educadora começa o dia por perguntar como correu o fim-de-semana. Cada criança tem o seu tempo para falar.

Seguiu-se a aula de Inglês em que a professora ensinou a dizer alguns brinquedos em inglês (urso, bola, boneco, carro).

A segunda parte da manhã foi reservada a um jogo com cartas. As crianças estavam sentadas em U no chão da sala e a educadora chamou uma criança de cada vez, não indo todas para mostrar um conjunto de seis cartas. As cartas tinham desenhos com várias figuras e cores. A criança escolhia uma. A educadora de seguida perguntava em segredo à criança uma palavra que simbolizava a carta. A educadora punha as cartas no chão para todos as verem e quando a criança dizia a palavra duas crianças iam ver qual a carta que esta tinha escolhido.

Nós, estagiárias estivemos também a fazer em feltro e em goma eva os meses do ano.

Inferências e fundamentação teórica

Quando as crianças são solicitadas pela educadora para **falar sobre o fim-de-semana** torna-se numa conversa informal. Sendo esta, como refere Figueiredo (2004) “uma troca de impressões, de conhecimentos e de ideias.” Esta conversa tem como objectivo “exercitar a expressão, tornar mais clara a dicção, elaborar frases, usar adequadamente o vocabulário, compreender ideias, saber ouvir, aguardar pela vez e falar, não interromper quem fala.” (p. 111)

Ao diversificar as estratégias de ensino, a educadora tem de manter um ritmo adequado e ao mesmo tempo respeitar o ritmo que cada criança tem para adquirir o seu conhecimento e aprendizagem. Estanqueiro (2010) cita que “um **bom ritmo** da sala é vivo, mas não apressado. A educação exige tempo e paciência.” (p. 47). É o que acontece nesta sala. A educadora diversifica as estratégias diariamente, o que cativa cada vez mais as crianças tendo um bom ritmo, sem nunca esquecer as crianças que têm mais dificuldades.

É engraçado verificar que a maioria das crianças gosta de contar o que fez no fim-de-semana se bem que por vezes respondem igual ao amigo que contou algo engraçado.

terça-feira, 16 de abril de 2013

Começámos o dia pelo Domínio da Matemática, em que a educadora distribui por cada mesa copos de plástico com algarismos móveis e alguns sinais de operação (adição, subtração e o sinal de igual). Disse para os alunos começarem por pôr os números por ordem crescente. De seguida contou uma pequena história e disse que no dia anterior tinha ido à praia e bebeu um batido de morango que levava: morangos, leite, açúcar e um bocadinho de água. Perguntou a um aluno quantos ingredientes foram precisos fazer o batido. A criança não respondeu à primeira, mas a educadora repetiu e soube responder. Continuou a história e disse que se tinha deitado e acordado com marcas de conchas na perna e no braço. Disse a quantidade de marcas que tinha no corpo para eles somarem, adicionarem a quantidade, com isto trabalhando as situações problemáticas. Seguidamente escreveu no quadro o algarismo sete e pediu às crianças para colocarem à sua frente o algarismo que vem antes do algarismo sete.

Tiveram na segunda parte da manhã a aula de educação física, e nós estagiárias estivemos a falar com a educadora sobre as aulas e as datas em que vamos realizar atividades com as crianças.

Inferências e fundamentação teórica

A utilização de **algarismos móveis**, é uma maneira lúdica e pode promover um maior desenvolvimento com os números. Serrazina (2008) afirma que “é indispensável que o educador, na sua sala, disponha de materiais que apresentem numerais e que deles faça uso, de modo a permitir que as crianças se apropriem e compreendam o seu significado e os comecem a utilizar.” (p. 38)

As crianças ainda fazem uma certa confusão com a diferença entre **número** e **algarismo**, assim Ruas e Grosso (2002) “algarismos são símbolos com os quais se representam os números, enquanto os números são as quantidades representadas pelo algarismo ou conjunto de algarismos, ou por outro qualquer processo.” (p. 15).

Reparei que ainda algumas crianças fazem confusão a fazer o número dez, pois trocam a ordem. A maior parte das crianças já sabem escrever o algarismo de forma correta. No entanto, sabem contar mais do que escrevem.

sexta-feira, 19 de abril de 2013

Este dia foi marcado por nós, para ajudarmos as educadoras na elaboração do presente do dia da Mãe, que irá ser dia 5 de maio. O presente será um colar feito com *clip's*, trapilho e papel autocolante prateado. Recortámos vários materiais para ajudar a educadora.

Enquanto estávamos a recortar, as crianças, a educadora e nós estagiárias fomos para uma sala diferente. Fomos para a sala das crianças dos 6 anos, visto estas terem uma visita de estudo. Assim, a educadora aproveitou para trabalhar com o material Calculadores Multibásicos pela terceira vez. Começou por rever as regras para o utilizar, perguntando aos alunos como se abria a caixa e que não se deve arrastar as placas do material. Disse para tirarem as duas placas que tivessem a mesma cor e que as colocassem à frente delas. Iriam trabalhar só na primeira placa que tivessem à frente. Relembrou ainda que este material era muito maroto pois começava-se a fazer o exercício da direita para a esquerda e lia-se da esquerda para a direita. Para trabalhar as cores das peças do material, a educadora pediu para

formar uma fila para quem soubesse as cores de cada buraco da placa (cor amarela, cor verde, cor encarnada e cor azul).

As crianças que sabiam diziam ao ouvido da educadora e reforçava-as e dizendo “muito bem, estou muito contente com os meus meninos”. Fez o ditado da placa, dizendo que queria 4 peças da cor amarela, 3 peças da cor verde e 3 peças da cor encarnada. De seguida trabalhou a divisão com as 4 peças da cor amarela dividindo-as por 4 de forma a obter a mesma quantidade.

Na segunda parte da manhã, continuámos na sala dos 6 anos. A educadora como não conseguiu aceder à internet pelo quadro interativo, colocou uma história no computador *Adivinha o quanto eu gosto de ti* de Sam McBratney e contou-a através deste. Fez várias vozes ao longo da história e contou-a até ao final sem pausas. Posteriormente, colocou perguntas sobre sentimentos, o que sentiam uns pelos outros e fez a comparação do longe, do perto, do grande e do pequeno.

Terminou assim mais um dia de estágio.

Inferências e fundamentação teórica

Foi a primeira vez nesta sala que vi este material. Foi numa sala diferente, mas as crianças estiveram impecáveis e já se sentiam crescidos pois estavam numa sala diferente. É de salientar que a criança tem de ter disciplina, mas esta para Teixeira (2006) “não é um conjunto de regras (...)” (p.78) mas “é um acto involuntário” (p. 83).

Com o material **Calculadores Multibásicos** como refere Catita (2007)

As crianças aprendem através de experiências práticas iniciais. As ideias que se desenvolvem através dessas experiências práticas vão-se transformando em conceitos, como resultado da acumulação de informações e experiências que se confrontam com os conhecimentos adquiridos e que contribuem para a construção do mundo real da criança. (p. 6).

Na leitura da história, quero salientar um aspeto muito importante que foi a palavra **sentimentos**. Posto isto, Curto, Morillo e Teixeiró. (2000) citam que a leitura é uma atividade que ajudam as crianças a comunicar, “expressar ideias, experiências, opiniões, sentimentos, fantasias, realidades” (p.69). Não quero deixar de citar algumas frases que algumas crianças disseram: “gosto dos meus pais”; “gosto da minha avó” “gosto do meu cão.”

segunda-feira, 22 de abril de 2013

Começaram o dia, como é habitual, a falar do fim-de-semana. Cada criança falou e disse o que tinha feito. De seguida foi a aula de Inglês em que ouviram uma música relativamente ao tema dos brinquedos e pintaram uma proposta de trabalho que continha brinquedos para as crianças colorirem das cores que a professora dizia.

Hoje, a educadora ia dar a aula programada para a diretora do Jardim-Escola avaliar, então, nós estagiárias estivemos a ajudá-la na decoração da sala.

Continuámos na ajuda do presente do dia da Mãe, em que as crianças tinham de fazer o colar com os *clip*’s e acabar o cartão para colocar no envelope do presente.

Este dia ficou marcado pela educadora ficar contente por uma criança conseguir fazer o trabalho completamente sozinha, o que até ao dia de hoje ainda não tinha acontecido.

Inferências e fundamentação teórica

É de salientar a importância da aprendizagem de outra língua, assim, este Jardim-Escola tem a escolha do **inglês** visto ser uma língua universal. Assim, “o nível da pré-primária é crucial no processo de aquisição de uma segunda língua. Neste nível as crianças têm uma enorme capacidade natural para adquirirem línguas e por iniciarem a aprendizagem das línguas cedo. Assim, podemos explorar o seu entusiasmo e curiosidade.” (Referência 3)

Quando a criança conseguiu fazer o trabalho sozinha, a educadora ficou muito contente dando-lhe elogios. Estanqueiro (2010), diz que “sem **optimismo**, a profissão docente não faz sentido.” (p.29).

Os **elogios** têm de ser feitos a todas as crianças. O elogio para Sanches (2001) “tem de ser oportuno, adequado, no momento exacto e de acordo com o perfil de quem o faz e de quem o recebe.” (p. 58). Quando a criança recebe um elogio, sorri, e quando vemos um sorriso na cara, não é preciso um agradecimento.

terça-feira, 23 de abril de 2013

Na primeira parte da manhã, a educadora perguntou-nos o que queríamos ver na Domínio da Matemática. Escolhemos o material *Tangram*. A educadora começou por distribuir o mesmo e lembrou algumas regras com as crianças. Ao lembrar a

Lenda, a educadora disse-nos que se mascarou de chinesa para lhes contar, uma maneira de os cativar e saberem a origem deste material. Ao trabalhar com o material, a educadora pediu para fazerem o espelho com as 7 peças.

Umhas crianças fizeram tudo corretamente, outras ficaram à espera que alguém as ajudasse. A educadora, tinha em tamanho grande as peças do material *Tangram*, e colocou-as no quadro para a correção do espelho, e relembrou as regras que ela própria utiliza para ensinar os alunos. Em primeiro lugar para iniciar o espelho colocasse os triângulos grandes, de seguida o quadrado, os dois triângulos pequenos, o triângulo médio e por fim o paralelogramo. Posteriormente, havia um baralho de cartas que continham várias figuras que davam para utilizar com as 7 peças. Uma criança foi chamada, tapou os olhos e retirou uma carta. Retirou então um laço (figura 22) e começaram a tentar fazer sem ajuda. A educadora começou então a colocar as peças no quadro ao mesmo tempo que as crianças faziam no lugar.

Na segunda parte da manhã, tiveram a aula de Expressão Motora e algumas crianças terminaram o presente do dia da Mãe.



Fig. 22 – *Tangram* (laço)

Inferências e fundamentação teórica

Quando a educadora nos contou, como tinha feito a explicação do material *Tangram*, achei muito interessante, embora não tenha visto, até porque fez esta explicação, por assim dizer, contou a lenda vestida de chinesa.

Este material, que tem de nome ***Tangram***, é segundo Caldeira (2009) “um jogo “quebra-cabeças” de origem chinesa (...) Este jogo tem como base um quadrado, que tem vindo a inspirar a criação de muitos outros com as mesmas características” (p. 391).

Mais uma vez constatei que os alunos gostam de manipular materiais e que a educadora soube transmitir e proporcionar descobertas.

segunda-feira, 29 de abril de 2013

Nesta manhã, as crianças estiveram a falar do fim-de-semana e de seguida tiveram a aula de Inglês. Fizeram um separador de livros para o presente do dia da mãe. Nós, estagiárias estivemos a ajudar a professora a recortar o separador de cada criança e a colar.

Este dia foi marcado pela aula surpresa da colega. A docente deu-lhe o livro *O gato gatão* de Graça Breia. A colega leu a história e nas palavras difíceis ia perguntando se sabiam o significado de algumas palavras como por exemplo “outeiro”. Acabando de ler o livro, a colega questionou as crianças sobre a história, apelando aos sentimentos, e vivências pessoais. As crianças estavam a acompanhá-la na história e interessadas pois estavam caladas a ouvir até ao final da história.

Inferências

Ao falarmos com a educadora sobre a aula, a colega referiu que não sabia o que tinha achado da sua prestação e disse que mudava algumas estratégias, como por exemplo ter falado mais nas vivências das crianças. Depois falei eu, disse que a colega ao longo deste ano letivo melhorou bastante pois já tem um fio condutor e mais expressividade, e isso viu-se no decorrer do conto.

Por fim falou a educadora que disse que a colega esteve bem, que os sentou corretamente. Disse ainda que explicou a capa, contracapa e a lombada. Devia sim, ter mais atenção no final da história que eles estavam mais dispersos para optar por arranjar outra estratégia, como por exemplo, falar só sobre a experiência de cada um. Por fim comentou que nós, estagiárias podíamos pedir adereços, fantoches, etc para enriquecer a nossa prestação.

terça-feira, 30 de abril de 2013

O dia de hoje foi ocupado com os presentes do dia da Mãe. Depois estiveram a trabalhar com o material *Cuisenaire*, pois a colega dará uma aula com este material e era para ver como a docente trabalhava com eles. Começou por perguntar que material estava em cima da mesa e de seguida ensinou que a peça cor de laranja que valia 10 unidades. Para visualizarem que estava correto, puseram as peças da cor branca por cima dessa peça.

A educadora fez também em tamanho grande no quadro para eles visualizarem. De seguida, deu a cada criança, e a nós estagiárias, um cartão para jogarmos ao bingo com o material *Cuisenaire*. Quando calhasse a peça do valor que a educadora tirasse da caixa, as crianças punham com a peça branca, as peças do valor que tinham no seu jogo quando acabassem, tinham de dizer bingo com a voz alta.

Inferências e fundamentação teórica

O **jogo** que a educadora fez com as crianças foi muito engraçado e criativo. O bingo, neste caso, dá para utilizar com outros materiais matemáticos, dá para trabalhar os algarismos e os números, operações, uma infinita gama de atividades. Migueis e Azevedo (2007) defendem que “trabalhar com matemática na educação de infância não se restringe a trabalhar com o jogo. Aliás, há um mal-entendido que deve ser desfeito: o jogo não é um conteúdo matemático, mas um recurso metodológico para.” (p. 29). A educadora utilizou como recurso o jogo para trabalhar com o material *Cuisenaire* o que se tornou bastante lúdico, e principalmente pôs todas as crianças a participar e a estarem com atenção.

Abrantes, Serrazina e Oliveira citam que (1999) “**aprender Matemática** é um **direito básico** de todas as pessoas – em particular, de todas as crianças e jovens (...)” (p. 17).

Com este jogo as crianças aprenderam ludicamente e estavam com muito entusiasmo e atenção. É uma boa estratégia que eu quero utilizar futuramente.

A associação de um jogo comercial “Bingo” com o material estruturado *Cuisenaire* foi bem conseguido e permitiu juntar o jogo com a aprendizagem matemática.

sexta-feira, 3 de maio de 2013

Hoje as crianças tiveram aula de Cerâmica, por isso o grupo separou-se. A docente trabalhou no Domínio da Matemática o sentido do número, e utilizou como material ursos feitos de feltro. As crianças estiveram sentadas no chão da sala em U. A educadora começou por perguntar se o material era todo igual. As crianças responderam que era diferente na cor. Todos os alunos participaram na atividade, em que a educadora ia colocando perguntas e dialogando com todos. De seguida tiveram a aula de Expressão Musical em que o tema tratado foi a primavera. Na segunda parte

da manhã, ocorreu a minha aula surpresa pedida pela educadora da sala, mostrou-me dois livros que não tinham legendas, para eu escolher um deles, mas ao perguntar-me se eram difíceis, eu disse que sim. Deu-me então outro livro, com o título *Tanto, tanto!* de Trisk Cooke.

Tive 15 minutos para ler a história e pensar na melhor maneira de a apresentar. Comecei por colocar os discos no chão em U para as crianças se sentarem posteriormente pois tinha 20 minutos de apresentação. Arranjei a roupa, um boneco de cor e acessórios que iriam aparecer na história para caracterizar cada personagem. Comecei por colocar uma caixa de música no chão da sala, e perguntei o que estaria dentro da caixa. Muitos tiveram respostas diferentes, como por exemplo “muitos carrinhos”, “uma caixa de madeira”, “bonecos”. Abri-a e disse e perguntei se alguém sabia o que era. A criança respondeu que eram cartas “com letras”. Após a música iniciei então a história, comecei por falar da capa, disse o título e perguntei quem sabia o que era a lombada e a contracapa. Comecei a contar a história e utilizava os adereços conforme a história se ia desenrolando, fazendo as várias vozes. No final da história, não tendo já muito tempo, perguntei qual a personagem que tinham gostado mais, e para pensarem no nome para o bebé, pois não tinha nome no livro e na 2.ª feira dia 6 de maio de 2013, iria perguntar que nome tinham pensado no fim-de-semana para darmos ao bebé da nossa história.

Inferências e fundamentação teórica

Em relação à minha aula, tive uma má atitude em negar as histórias que a educadora que propôs, porque deveria ter arriscado. Negando à partida não foi a melhor forma até porque ultrapassando obstáculos é que as pessoas vão evoluindo na sua carreira sem medos. Para comprovar, segundo Vieira (2000), “uma pessoa que exhibe **confiança** é alguém que transmite segurança, que fala com convicção, que acredita em si, nas suas ideias, que sabe decidir e não se intimida com situações difíceis” (p. 56).

Em contrapartida, a história que contei, adorei tê-la contado em pouco tempo, e consegui arranjar acessórios para as personagens da história. A história relatava que um membro familiar ia batendo à porta. Assim, a educadora, disse-me que poderia ter aproveitado sair da sala para o aparecimento de outra personagem.

segunda-feira, 6 de maio de 2013

Sendo segunda-feira, as crianças falaram do fim-de-semana e depois tiveram aula de Inglês, onde continuaram a falar sobre os brinquedos, e para completar, a professora leu uma história com imagens.

Na segunda parte da manhã, as crianças estiveram sempre no recreio e nós, estagiárias estivemos a arrumar as capas dos trabalhos dos alunos por ordem de datas.

Inferências e fundamentação teórica

Segundo Carvalho (citado por Ferreira e Estevão, 2003), “ os momentos do **recreio** e do **almoço** revestem-se de uma enorme importância na educação e na aquisição de uma plena **cidadania**” (...) “o docente deve transmitir o exemplo que a criança admira. (...) e para concluir dizem-nos que, “muitos valores e atitudes incorrectas se podem adquirir nos recreios” (p. 41).

De acordo com Papalia *et al.* (2001), “(...) **brincar** é o trabalho dos mais novos. Brincando, as crianças crescem. Elas estimulam os seus sentidos, aprendem a usar os músculos, a coordenar o que veem com o que fazem e ganham Domínio sobre os seus corpos.” (p. 365). Quando a criança brinca está a evoluir enquanto ser humano, começa a partilhar e desenvolve competências.

Fico sempre muito contente quando tenho a possibilidade de os ver brincar no recreio e de interagir quando eles o solicitam. Brincar é o trabalho da criança!

terça-feira, 7 de maio de 2013

Hoje dei duas aulas. A primeira decorreu às 9h 30m com no Domínio da Matemática. Distribui as propostas de trabalho e o material estruturado *Cuisenaire* e não estruturado (animais e flores). Fiz um itinerário em que a Mafalda tinha de ir ter com o amigo, passando por vários sítios. Comecei por explicar o que era um itinerário e dei algumas regras. De seguida, comecei por dar as pistas das peças com sons de instrumentos (pandeireta, triângulo e copinhos de plástico com arroz). Conforme ia dando, questionava as crianças sobre o valor das peças. No decorrer da aula ia surgindo dúvidas em relação ao dobro de 5 e se o número três era um número par ou ímpar e tentei responder acertadamente.

Com o decorrer da aula, muitos alunos diziam que não tinham os animais todos, assim, entreguei-os visto ter levado a mais o que perdi algum tempo com isto. Ia tentando ver se o que estavam a fazer estava correto. Utilizei como elemento surpresa uma cartola em que tinham os instrumentos. Utilizei esta estratégia para os cativar e manter a atenção. No final da aula, visto já ter ultrapassado 30 minutos, não acabaram de o realizar pois tinham de pintar a proposta de trabalho conforme as peças do *Cuisenaire*. De seguida, as crianças tiveram Educação Física em que a professora nos pediu para fazermos um breve comentário sobre o que algumas crianças diziam durante a aula, pois estaria a realizar um trabalho.

Na segunda parte da manhã, dei uma história *Olá, eu sou o Blop!* de Hervé Tullet. Mas inicialmente comecei por perguntar que nome dariam ao bebé da história que tinha contado na sexta-feira passada. Perguntei quem se lembrava da história, e muitos deles puseram o dedo no ar pois recordavam-se do nome da história. Perguntei individualmente a cada criança. Assim, de seguida, comecei a minha aula em que levei o livro para mostrar como era, mas não o li. Fiz em tamanho maior pois o livro era de um tamanho reduzido para todas as crianças conseguirem ver. Assim, escolhi 16 imagens e elaborei o meu próprio livro. Para criar um elemento surpresa, à frente de cada imagem coloquei uma folha de cor branca. Chamava uma criança de cada vez para retirar a folha e ver o que estava por detrás desta. Li as pequenas frases do livro e ia questionando as crianças sobre o que viam nas imagens. Por fim, como está no livro, haviam várias perguntas sobre o Blop: “onde o Blop’s vivem?”, “O que comem os Blop’s”, “os Blop’s podem fazer disparetes?”, entre outras. Como atividade, entreguei Blop’s de cor branca a cada criança e desenharam o seu próprio Blop.

Inferências e fundamentação teórica

Em relação às aulas dadas, senti-me confortável, mas com mais dificuldades na Domínio da Matemática, pois é mais difícil para mim dar materiais.

Gostaria também de salientar um aspeto interessante que ocorreu quando coloquei perguntas sobre o Blop “será que o Blop toma banho?” uma criança disse que não porque o Blop não precisa. À pergunta “O que comem os Blop’s?” uma criança disse “carninha com massinha e muitos blop’s”. São respostas, em que todas as crianças vão falando do que gostam, sabem e pensam apelando aos sentimentos.

Quando terminei a aula, houve uma reunião entre a educadora e nós estagiárias em que tínhamos de falar sobre a aula que decorreu neste dia. Comecei por falar eu. Disse que o tempo foi um inimigo e que não me sentia ainda muito à vontade com a Domínio da Matemática. Disse também que tinha demorado a entregar

os vários animais que faltavam a cada criança e a colocar questões corretas e mais diretas. Em relação ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, que não voltaria a contar este tipo de história, pois tem mais a ver com imagens e com as próprias vivências das crianças do que propriamente uma história com um fio condutor. A Colega concordou comigo e acrescentou ainda que em relação ao Domínio da Matemática poderia ter feito menos questões pois perdi muito tempo a querer colocar várias perguntas relacionadas só com uma peça do material *Cuisenaire*.

A educadora começou por elogiar-me dizendo que tenho uma grande presença, que o material era bom e apelativo e que quis trabalhar muitas Áreas. Deu-me vários conselhos. Disse-me que utilizei elementos a mais, pois tendo só 30 minutos de aula era demasiados materiais. Recomendou-me fazer menos materiais e colocar menos questões pelo facto do tempo ser reduzido. Segundo Morgado (2004) “um aspecto relativo à **gestão do tempo** prende-se com os sobejamente conhecidos «tempos mortos» na sala de aula, designadamente na transição das actividades.” (p. 94).

Quando existe dispersão na sala, “esta situação que consensualmente se considera ser de evitar, pode facilitar a emergência de situações menos positivas como comportamentos de indisciplina, desmotivação, etc.” (p. 94).

Não cometi nenhum erro científico. Sublinhou que devo ter atenção e andar por entre as mesas para ver se as crianças têm o trabalho feito corretamente e que por vezes não o fiz. Em relação ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, disse que fiz muito bem em ter perguntado o nome do bebé da história *Tanto, tanto!* pois, as crianças lembram-se e por vezes ficam tristes se não cumprimos com o que prometemos. Disse que tenho um bom tom de voz e que sou muito expressiva. O material estava bom e utilizei elemento surpresa. Deu-me também um conselho que foi devido a uma parte do livro eu não saber responder a uma questão feita por mim, e disse-me que quando não sei responder, mais vale não perguntar, assim não temos o risco de não saber a resposta.

Vou integrar as críticas que me foram feitas e tentar não repetir os mesmos aspetos. Aprendemos fazendo!

sexta-feira, 10 de maio de 2013

Este dia foi marcado pela aula avaliada pela educadora da sala à colega. A colega começou por iniciar a aula no Domínio da Matemática. Iniciou de uma maneira diferente pois colocou o som de um avião para as crianças adivinharem de que meio de transporte se tratava. De seguida, chamou pelo número da mesa as crianças para se sentarem. O material estruturado (material *Cuisenaire*) e o material não estruturado (sabonete, pasta dos dentes, escova do cabelo) já estavam em cima das mesas. A colega começou por dizer para retirarem de dentro do saco os seus elementos.

A colega pediu para retirarem três elementos à escolha e pediu que os colocassem à sua esquerda. Pediu para levantar a mão esquerda, posteriormente, com a mão direita fez o mesmo mas com dois elementos. Não exemplificou no quadro. Após este exercício com o material não estruturado, pediu para que realizassem com o material *Cuisenaire* uma soma. Então, tinham três elementos do lado esquerdo, e tinham de colocar a peça que valia três unidade que equivale à peça verde clara por baixo dos elementos, e com a peça que vale duas unidades que é da cor encarnada para colocá-la por baixo. Realizou assim uma soma. Pediu a uma criança que se levantasse e fosse ao quadro realizar esta indicação. Colocou o sinal de soma e o de igual. Perguntou a outra criança quanto era três mais dois. A criança respondeu acertadamente.

Na segunda parte da manhã, deu a aula no Área do Conhecimento do Mundo em que abordou os transportes aéreos. Mostrou fotografias de aviões, foguetões, balões e avionetas e utilizou como recurso o *Powerpoint*. Colocou perguntas dirigidas e utilizou ainda uma imagem de um avião de passageiros e um avião de mercadorias para mostrar as diferenças que existiam. Explicou também a diferença de transportes coletivos e transportes individuais.

Por último, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, leu uma história *O menino e a nuvem* de Luísa Ducla Soares. Contou a história sentada e utilizou mais uma vez o *Powerpoint* como suporte em que mostrou algumas imagens do livro. No fim da história, elaborou um jogo com nuvens. Distribuiu uma nuvem a cada criança, e colocou perguntas da história. Quem acertasse ganharia uma peça para montar um puzzle.

Inferências e fundamentação teórica

Visto estar com esta colega desde o princípio do ano letivo, tenho de salientar que a sua postura, dedicação e empenho têm vindo a ser muito positivo na minha opinião. A colega já tem mais segurança nas perguntas que coloca. A sua atitude está mais positiva e com vontade de melhorar dia a dia. Em relação às atividades que a colega fez decorreram bem e fez com que todas as crianças participassem. Estas conseguiram perceber e aprender o que são transportes coletivos e individuais. Muitas vezes dar uma manhã de atividades não se prende só por dar matéria, temos de fazer com que aprendam realmente algo e que tenhamos segurança naquilo que dizemos. A nível da história, adorei pois utilizou um pano grande e as crianças questionaram logo para que servia. Não utilizou o livro para ler, não se prendendo com um livro mas as palavras fluíam-lhe sabendo bem a história. Cury (2011) salienta que **“Educar é contar histórias”** para se contar uma história “é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição. É preciso produzir gestos (...)” (p. 132).

Utilizou como recurso o computador e o **Powerpoint** que para Sousa (2003) é de uma grande “(...) riqueza visual (...)” (p. 360). A colega organizou bem a aula, os materiais, e fez uma boa gestão do tempo tendo assim ouvido críticas positivas dando força para continuar o bom trabalho.

segunda-feira, 13 de maio de 2013

Esta manhã, a colega da sala dos 5 anos deu a aula surpresa pedida pela diretora do Jardim-Escola, no Domínio da Matemática com o material *Cuisenaire* a ordem crescente e a ordem decrescente. Utilizou como recurso, o material em tamanho grande, para as crianças conseguirem visualizar. Distribuiu inicialmente o material pelas mesas e utilizou uma tartaruga que gostava muito de ver as crianças a utilizar este material. A tartaruga ficou em cima do quadro para ver o que eles estavam a fazer. Começou a perguntar as diferenças que este material tinha e qual a peça padrão. De seguida começou a colocar por ordem crescente as peças do material. Colocou a peça branca, encarnada e verde clara e pediu para as crianças continuarem a fazer. Pediu a uma criança para ler por cores e a outra para ler por valores. Em relação à ordem decrescente, explicou que era da peça maior para a mais pequena e as crianças fizeram o exercício sozinhas.

Na segunda parte da manhã, não assisti à reunião pois a educadora da minha sala, queria mostrar-nos uma aula com o material Dons de Fröebel.

A educadora pediu para fazerem um comboio e irem buscar o material. Cada criança levou o material para as mesas e colocaram no centro do tampo da mesa. Iam trabalhar com o 4.º Dom de Fröebel. Antes de iniciar a aula, a educadora contou uma história em que disse que vivia sozinha numa casa pequenina, mas que havia umas escadas. Mas certo dia, estava com tanto sono que caiu nas escadas e fez uma nódoa negra no braço, e mais 4 na perna. E questionou uma criança para saber quantas nódoas negras tinha feito no total. Perguntou de seguida se queriam montar as escadas da casa da educadora. Posteriormente, a docente começou por falar das regras do material e abriram a caixa. Fizeram uma construção nova, a escada de degrau largo. Primeiro viam duas a três peças que a educadora fazia e copiavam posteriormente. Após a elaboração da cama a educadora continuou a história para uma nova construção, tinha tantas nódoas negras que resolveu ir descansar um pouco para a cama. Então, as crianças construíram a cama conforme as regras do material.

Neste dia, realizei uma proposta de trabalho na Área do Conhecimento do Mundo depois do horário de estágio com os meninos de 5 anos para o capítulo dos Dispositivos de avaliação.

Inferências e fundamentação teórica

Em relação à aula surpresa da minha colega, posso referir que esta decorreu bem pois trabalhou o que lhe foi solicitado. Utilizou uma tartaruga como elemento surpresa prendendo desde logo a atenção das crianças. Circulou por cada mesa para ver se estavam a fazer tudo corretamente emendando e explicando quem não tivesse bem. O que mudaria? Uma participação mais ativa das crianças quer em questões quer em mexer no material em tamanho maior.

Cada educadora usa a **metodologia** consoante o grupo que tem, a sua personalidade e a vontade de aprender. Desta forma Ferreira e Santos (s.d.) salientam que as “opções metodológicas devem inscrever-se numa constante observação e reflexão sobre as práticas lectivas (...)” (p. 48).

A educadora, como todos os que estão no mundo da educação, tem uma grande responsabilidade. Esta educadora, tem, na minha opinião um desempenho que não posso deixar de salientar. Ballenato (2008) afirma que “a pessoa que aborda a tarefa da educação tem entre mãos uma enorme **responsabilidade** e dispõe de um grande poder de influência que também tem de saber gerir de modo adequado.” (p. 25).

Em relação à maneira como a educadora da sala onde estou dá as atividades, chama-me muito a atenção devido à alegria e empenho que mostra diariamente.

terça-feira, 14 de maio de 2013

Nesta manhã, a colega deu as aulas durante a manhã. Começou por colocar os materiais em cima da mesa (conchas e algarismos móveis). De seguida chamou as crianças por grupos das mesas. Começou por falar das regras e pediu para ninguém mexer no material que estava em cima do tampo da mesa até lá dizer.

Trabalhou o sentido do número e realizou contagens. O material que a colega utilizou foi o material não estruturado (conchas) e utilizou também algarismos móveis. Falou sobre a cidade de Lagos, e aproveitou para perguntar se algumas crianças já lá tinham ido. Começou por contar uma história sobre as duas primas que tinham ido à praia e que tinham apanhado cinco conchas. Assim, as crianças retiraram do centro do tampo da mesa cinco conchas e pediu para colocarem do lado esquerdo. De seguida, pediu para colocarem do lado direito três pares de conchas. Sendo este exercício ainda um pouco difícil, chamou uma criança ao quadro para representar os três pares de conchas. Quando todas as crianças ficaram com as seis conchas à sua frente, a colega pediu para ficarem com meia dezena de conchas à sua frente, questionando uma das crianças com a pergunta “quanto é meia dezena?”.

Na Área do Conhecimento do Mundo elaborou um *Powerpoint* sobre a praia. A colega estava vestida de Nadadora Salvadora. Falou da torre onde o Nadador Salvador observa os banhistas, as bandeiras e suas cores, as várias praias e o mar. Questionou as crianças com a pergunta “o que podemos encontrar na praia?”, respondendo elas “areia”, “mar”, “peixes”, “há ondas”, “eu já vi uma praia que via-se rio”. Questionou ainda “que tipo de água temos na praia, será que é água doce?”. As crianças responderam “salgada”. A colega levou como recurso conchas e búzios mostrando-as e questionando sobre seus tamanhos, formas e cores. Uma criança comentou que já tinha visto um búzio e que o búzio tem um bicho lá dentro.

Aproveitando a roupa que a colega tinha vestido, utilizou o apito como forma de chamada de atenção perguntando para que este servia, em que uma criança respondeu “para avisar outros nadadores”. Fez uma breve apresentação dos utensílios que o Nadador Salvador utiliza para salvar e socorrer banhistas. Concluiu ainda que é muito importante o uso do protetor solar, as horas que não devemos estar ao sol e recomendou ainda o uso de óculos de sol. No final da aula, apresentou às crianças

uma amostra de água salgada e areia, proveniente de uma praia local. Todas as crianças puderam visualizar e tocar individualmente.

O Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita realizará no dia 21 de maio de 2013, pois não teve tempo para concluir.

Inferências e fundamentação teórica

Mais uma manhã reservada à colega. O que pretendo salientar desta manhã foi o seu sorriso desde o princípio ao fim das atividades. Haigh (2010) salienta que “um **sorriso** e um «obrigado» podem levar longe” (p. 78).

Concordo plenamente com este autor pois quando sorrimos damos a entender que estamos felizes, com ânimo para continuar e acima de tudo seguros do que dizemos e sabemos.

Quero salientar que foi na Área do Conhecimento do Mundo que a colega esteve melhor pois as crianças tocaram, cheiraram, olharam. Não posso deixar de referir que as crianças deviam ter falado mais.

As crianças já têm uma ideia daquilo que já viram, falaram ou ouviram falar. Portanto já sabiam alguma coisa sobre a praia. Estanqueiro (2010) “antes de entrar na escolar, a criança é muito **curiosa**. O seu desejo natural de aprender satisfaz-se na escolar da vida. A aprendizagem é espontânea e, em geral, agradável.” (p. 23).

Marques (1988) afirma que quando as crianças brincam com **areia** torna-se “uma criança activa” (p. 58) salienta ainda que quando “as crianças brincam com a areia, conversam sobre a cor, a textura e a forma dos grãos (...)” (p. 59). A minha colega poderia ter explorado mais a nível da expressão verbal o que sentiam em relação à areia como o autor descreve.

sexta-feira, 17 de maio de 2013

Neste dia, decorreram as aulas que planifiquei para uma manhã, cujo tema geral e principal era os transportes. Comecei pelo Domínio da Matemática em que coloquei uma cartola na cabeça e tinha uma varinha na mão. Comecei por pedir a um grupo de cada vez, que se sentasse nas cadeiras e não mexesse no material que estava em cima do tampo da mesa. De seguida pedi para uma criança me dizer qual era o material que tinha em cima da mesa, e qual o material não estruturado. Disse-lhes que eram dois amigos que foram jantar a minha casa que se chamavam Olívia e Sebastião. Tinham ido de camioneta e tinham levado três pacotes de pipocas para o

jantar. Como iam jantar a minha casa, questionei as crianças se queriam conhecer a minha mobília da sala. De seguida fizemos a construção da mobília da sala com o 3.º e 4.º Dons de Fröebel e de seguida a camioneta. Enquanto estava a exemplificar com os Dons que tinha em tamanho maior, promovi o cálculo mental com soma e subtração.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contei uma história *A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça* de Werner Holzwath e Wolf Erlbruch. Contei a história e levei material para mostrar os animais que tinham ido passear dentro do carro até à quinta. Levei ainda material para exemplificar os vários tipos de cocós que passavam pela história. De seguida perguntei qual o animal que tinham gostado mais da história e cantaram uma música do porquinho.

Em relação à Área de Conhecimento do Mundo, mascarei-me de taxista, levei em *k-line* uma figura de um táxi e comecei por dizer que era taxista e a perguntar que tipo de transporte eu conduzia. Comecei por contar a minha história, que era taxista, mas que no caminho, passava por muitos outros transportes. Assim, com o som dos transportes terrestres, eles adivinhavam e eu mostrava as imagens que estavam dentro do jornal. Falei assim do camião, do carro, da mota, da bicicleta, da ambulância e do carro dos bombeiros. Disse algumas características de cada um e por fim realizaram um jogo. No chão tinha colado três autocolantes. Um da cor azul, outro da cor amarela e por fim da cor de laranja. Ao som dos transportes que ia colocando para eles ouvirem, deslocavam-se até às cores que eu indicava

Inferências e fundamentação teórica

Começando pelo Domínio da Matemática, utilizei o elemento surpresa a varinha mágica e um chapéu, o que captou inicialmente a atenção das crianças. Nunca tinha trabalhado com este material, estando por isso mais ansiosa e nervosa. Trabalhar com o 3.º e o 4.º Dom ainda mais difícil foi. Fiz duas construções e só deveria ter feito uma para melhorar a minha prestação nesta aula. Foi-me difícil explicar as indicações que queria transmitir.

Como a minha manhã foi programada para falar sobre os transportes terrestres, adaptei a história que contei começando por dizer todos os animais que estavam dentro de um carro. Poderia ter falado no meio da história sobre outros meios de transportes terrestres. Apesar da falta deste detalhe, as crianças gostaram muito da história, embora seja um tema menos comum. Utilizei vários materiais e criei um ambiente lúdico e curioso. Ao contar a história, quero salientar a **importância de hábitos de leitura**. Mata (2008) afirma que “a leitura de histórias é uma actividade

muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica” (p. 78).

Por fim, na Área do Conhecimento do Mundo, levei imagens apelativas, coloridas e de tamanho grande o que agradou às crianças. Falei de todos os transportes terrestres, mas demorei muito tempo na caracterização destes, tornando-se muito repetitivo. Percebi que muitas crianças não sabiam o nome do transporte metro, e que nunca tinham andado de elétrico. Promovi o diálogo, ao perguntar que transporte tinham gostado mais de ver. Foi uma aula divertida e ao mesmo tempo aprenderam sobre os meios de transporte terrestres.

segunda-feira, 20 de maio de 2013

Como é habitual, a educadora falou do fim-de-semana com as crianças. De seguida tiveram a aula de Inglês acabaram os trabalhos em atraso. Como nós, estagiárias pedimos para ver a educadora a dar o material Geoplano, esta mostrou-nos o mesmo. Começou por dar uma placa a cada um e também ficou com uma para ela. Distribuiu elásticos e começou por perguntar às crianças que material tinham em cima da mesa. A educadora diz que a placa é a folha mágica. Disse ainda que a sala dos meninos de 4 anos contamos só os espaços e não os pregos. Pediu em primeiro lugar para dividirem a placa ao meio com uma linha na vertical, em que ficassem duas partes iguais. Perguntou “dividi o Geoplano em duas partes iguais. Como se chama a primeira parte? Uma criança respondeu “forma geométrica, de seguida responderam acertadamente metade. De seguida, pediu para dividir em quartos, em quatro partes iguais com uma linha orientada na vertical. Questionou as crianças sobre qual seria a figura geométrica que tem três lados. Pediu ainda para construírem no canto superior do lado direito uma figura geométrica com os lados todos iguais, no canto inferior esquerdo para construírem um retângulo.

Terminou assim esta aula do Domínio da Matemática e o dia de estágio.

Inferências e fundamentação teórica

Não posso deixar de salientar também, que a educadora nesta aula apelou muito ao **respeito** que se deve ter perante os amigos, com a educadora e connosco estagiárias. Como salienta Haigh (2010) “o respeito é um caminho de dois sentidos e

se o mostrarmos aos nossos alunos temos o direito de lhes pedir o mesmo em troca” (p. 79).

Segundo Serrazina e Matos (1996), “os **Geoplanos** são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos (...) No ensino pré-escolar é conveniente a utilização de papel pontado que reproduza exactamente o espaçamento dos pregos do Geoplano.” (p. 13) As atividades que são trabalhadas com este material são “a coordenação visual-motora, isto é a capacidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo e a percepção figura-fundo (...)” (p. 16).

Mais uma vez constatei que as crianças estavam atentas e motivadas e que a educadora gosta de dar aulas com os materiais estruturados.

terça-feira, 21 de maio de 2013

Esta manhã foi reservada para as aulas surpresa. Comecei por dar no Domínio da Matemática o material *Cuisenaire*. A educadora pediu-me para trabalhar as cores e os valores das peças. Distribui o material no centro da mesa, de seguida, os alunos sentaram-se nas cadeiras quando eu os chamava pelo número das mesas. Perguntei qual a peça mais pequena de todas e a maior. Utilizei como recursos o material *Cuisenaire* em tamanho grande para as crianças poderem visualizar. Comecei por pedir para fazer a escada por ordem crescente e decrescente. As crianças já sabiam fazerem as escadas por ordem crescente e decrescente. Perguntei qual era a peça que estava entre a peça encarnada e da cor-de-rosa e quantas unidades valia. Ao mesmo tempo ia contando uma história e disse-lhes que para chegarem a casa tinham de subir e descer muitas escadas.

Inferências e fundamentação teórica

Esta aula surpresa, não decorreu bem. Tenho uma certa dificuldade em questionar as crianças com perguntas objetivas e bem elaboradas. Não cometi nenhum erro científico, mas sou demasiado perfeccionista comigo mesma. Estamos sempre a aprender com os nossos erros, por isso também é bom que os educadores e os nossos colegas de estágio falem connosco depois de cada aula, fazendo de nossos supervisores também pois, com eles aprendemos, evoluímos, fazemos a nossa própria autoavaliação.

Alarcão e Roldão (2008), relatam que “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores das construção e do desenvolvimento

profissional num percurso sustentado de progressivo desenvolvimento de autonomia profissional.” (p. 54).

Caldeira (2009) “a criança vai agora aprender que cada cor corresponde a um valor. A partir da observação da “**escada**”, pode visualizar a sequência numérica de 1 a 10. Vamos chamar *um* à branca, *dois* à encarnada, *três* à verde-clara e assim até à laranja, que é a *dez*.” (p. 132).

Este exercício é feito muitas vezes pelas crianças e já estão familiarizados com este material e com esta atividade.

sexta-feira, 24 de maio de 2013

Assisti à aula avaliada de uma colega da sala dos 5 anos. Enquanto não começavam, nós, estagiárias fomos para o ginásio assistir a um pouco da aula do Domínio da Matemática em que a educadora colocou os bancos em forma de U e colocou os discos para se sentarem. Deu uma folha a cada duas crianças e disse que iam trabalhar a pares. A folha estava dividida com 20 quadrados todos do mesmo tamanho.

A educadora distribuiu os materiais que iriam trabalhar nessa manhã. Sendo assim, colocou no chão uma caixa com o material Blocos Lógicos. Perguntou se as peças eram todas iguais, todos do mesmo tamanho e se eram todas da mesma espessura. Como a aula avaliada da minha colega estava a começar, fomos para a outra sala dos 5 anos.

A Colega trabalhou o material *Tangram*. Questionou as crianças sobre o material. Perguntou se as peças eram todas iguais e exemplificou no quadro os vários tamanhos da figura geométrica do triângulo.

Realizou, então a figura de uma borboleta questionando as crianças para a designação da mesma. Fez no quadro e as crianças copiaram. No final da construção disse que eles neste dia iam ser os exploradores das borboletas.

Dado este Domínio, fomos para a biblioteca da escola com as crianças em que a colega deu no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, uma estimulação à leitura com o livro *A lagarta Comilona* de Sheridan Cain e Jack Tickle a três dimensões. A história estava dentro de uma caixa, que utilizou como elemento surpresa. A colega optou por contar a história com as legendas postas na contracapa para uma melhor visualização das crianças. Em relação à Área do Conhecimento do Mundo, a colega falou sobre o ciclo de vida da borboleta e colocou no quadro as

figuras correspondentes a cada etapa de vida da borboleta, com as respectivas setas. Por fim, mostrou um filme do ciclo de vida da borboleta.

Terminada a aula, fomos para a reunião falar sobre as aulas que se tinham decorrido ao longo da manhã.

Inferências e fundamentação teórica

A colega mostrou-se calma e segura no decorrer da atividade. O ambiente estava muito interessante pois havia borboletas feitas com cartolinas coloridas colocadas nas paredes e cortinas da biblioteca do Jardim-Escola.

Ao colocar o vídeo, sendo em língua inglesa a colega poderia ter posto uma música de fundo e explicar o que se estava a passar no vídeo.

Para Agüera (2008) “ O **acto de contar** ou ler é de maior importância (...) um bom recurso para que o educador acompanhe a narração são os gestos, as encenações, as entoações diante das crianças durante a narração. (p. 35).

Magalhães (2008) afirma que os educadores “por lidarem quotidianamente com crianças,” os docentes “têm naturalmente melhores hipóteses de responder a tão nobre desafio; são eles quem melhor pode ajudar a celebrar o acto de ler e exigir uma melhor sociedade leitora” (p. 69).

O ato de contar histórias, ajuda as crianças a desenvolver a linguagem, a atenção, a criatividade e sonhar um pouco por dentro das páginas.

Sempre que se conta uma história, as crianças ficam muito atentas e interessadas. Penso que neste Jardim-Escola se sabe responder ao *nobre desafio*.

segunda-feira, 3 de junho de 2013

Esta manhã foi marcada por uma experiência diferente que ainda não tinha visualizado. A educadora da sala leu a história *Ainda falta muito?* de Carla Maia de Almeida e Alex Gozblau, contou-a no coreto do Jardim-Escola. Mandou sentar as crianças em roda e iniciou a leitura da história. Mostrou as imagens enquanto a contava. Terminada, a mesma colocou perguntas sobre o tema tais como “quem estava sempre a perguntar ainda falta muito?”, e apelou às vivências das crianças perguntando se elas por vezes também não se portavam assim como o menino da história.

Inferências e fundamentação teórica

Com a pergunta final da educadora, as crianças conseguiram perceber a moral da história. Agüera (2008), “nas **pequenas histórias deve destacar-se a moral**, o valor que esta implica, para que as crianças o reconheçam e interiorizem.” (p. 35).

Em contrapartida, como já tinha referido no dia que dei a minha aula surpresa do dia 10 de dezembro de 2012, foi-me dito que não seria necessário destacar a moral.

A docente leu a **história em voz alta**, devido também ao local onde nos encontrávamos, utilizou várias vozes, pois havia várias personagens e quis diferenciá-las. Segundo Jean (2000) “ler em voz alta é, sem dúvida e com efeito, aquilo que dizemos em voz alta para nos fazermos entender a nós próprios e ou a ouvintes um texto que lemos com os olhos.” (p. 17).

terça-feira, 4 de junho de 2013

Este dia foi rico em aulas, e aula surpresa. A aula foi dada pela colega e foi sobre a Estrela-do-mar. Iniciou o dia pelo Domínio da Matemática e já tinha colocado em cima do tampo da mesa o material necessário para a aula (estrelas do mar de cor encarnada, de cor verde e de cor amarela). Reviu os conceitos sequência e padrão. Realizou no quadro uma sequência e posteriormente. Perguntou aos alunos quais as cores das estrelas que vinham de seguida e quando as não sabiam, chamava-os ao quadro para realizarem o trabalho.

Depois contou a história *Onda* de Susy Lee. Utilizou como suporte as personagens em cartolina. No Área do Conhecimento do Mundo, mostrou uma Estrela-do-mar, em que as crianças tocaram e explicou onde ela vivia e mostrou um *Powerpoint* que continha as várias Estrelas-do-mar que existem.

Inferências e fundamentação teórica

A manhã foi marcada positivamente pela dinamização da manhã da minha colega. Começou pelo Domínio da Matemática em que fez a exploração do material manipulável não estruturado. De acordo com Ministério da Educação (2009) “os materiais manipuláveis (estruturados e não estruturados) devem ser utilizados nas situações de aprendizagem em que o seu uso seja facilitador da compreensão dos

conceitos e das ideias matemáticas” (p. 14). A colega fez uma boa exploração do material e acima de tudo deixou-os manipular.

A Área do Conhecimento do Mundo foi a mais interessante para as crianças visto estarem a ver a Estrela-do-mar, tocarem e olharem.

A perspetiva do Ensino por Descoberta (EPD), ao contrário da EPT, citado por Cachapuz, Praia e Jorge (2002) “parte da convicção que os alunos aprendem, por conta própria, qualquer conteúdo científico a partir da observação.” Através de “trabalhos experimentais”, ou seja, os alunos vão “pela via sensorial, construindo ideias a partir de factos dados ou obtido.” Mas há um senão, esta perspetiva “não tem, pois, em conta uma construção activa do conhecimento.” (p. 146).

Nas OCEPE (ME, 2002) “a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê.” (p. 79). Esta Área é encarada como uma sensibilização às ciências “ (...) que poderá estar mais ou menos relacionada com o meio próximo, mas que aponta para a introdução a aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano: a história, a sociologia, a geografia, a física, a química e a biologia...” sempre adequados às crianças em idade pré-escolar e correspondendo a um rigor científico. (p. 80).

A aula da colega decorreu bem e cumpriu com o tempo estipulado e usou uma estratégia nova em que utilizou a água como elemento surpresa enquanto contava a história. As crianças ficaram logo animadas e sempre cativadas.

sexta-feira, 7 de junho de 2013

Este dia foi reservado para aulas-surpresa. Inicialmente, vi duas aulas de duas colegas também da sala dos 5 anos. Foi pedido a uma colega para dar o material *Cuisenaire* com um suporte de um barco com as peças deste material. Esta começou por pedir para as crianças colocarem as peças no lugar correspondente. As crianças aderiram rapidamente visto ser um material que gostam de manipular. Quando terminaram a construção, a colega questionou para a quantidade de peças que utilizaram na parte de baixo do barco, e na parte de cima. Fez inflexões de voz e foi ao lugar de cada um ver se estavam a fazer o exercício corretamente.

De seguida, foi outra colega, em que lhe faltava uma aula surpresa no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Contou com fantoches a história da Carochinha, utilizou um quadro e um pano para servir de fantocheiro. Fez as várias

vozes ao longo da história e manuseava os fantoches de forma a todos conseguirem visualizar. No fim, cantaram a música da *Carochinha*. Por fim, dei eu a aula surpresa no Domínio da Matemática com o material *Cuisenaire* que já estava distribuído pelas mesas. Foi-me pedido para trabalhar com este material, o jogo dos comboios, a soma, e a subtração.

Depois da sesta das crianças, realizei em grupos pequenos, proposta de trabalho do Domínio da Matemática com as crianças da sala dos 3 anos, para o capítulo dos Dispositivos de avaliação.

Inferências e fundamentação teórica

Como pude constatar, vi outra maneira de trabalhar com este material. Muito apelativo, tanto para mim, como para as crianças. As crianças ainda não tinham feito este tipo de atividade o que ajudou bastante a colega no decorrer da sua aula. As crianças estavam atentas, curiosas e queriam acabar o exercício rapidamente. Foi um exercício que pedia a participação ativa da criança. Segundo Hodson (citado em Almeida, 1998) “qualquer estratégia de aprendizagem que exija num aluno uma atitude ativa em vez de passiva, levando a aprender melhor com a experiência directa, pode ser designada por actividade prática” (p. 43).

Em relação à aula surpresa da outra colega no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizou-a com fantoches como já tinha referido. As crianças estavam atentas e em silêncio. A aula decorreu bem na minha opinião, não excedeu o tempo, fez inflexões de voz, de vez em quando ia vendo se as crianças estavam com atenção e fazia com que os alunos tivessem uma participação ativa no decorrer da história. Como menciona Figueiredo (2004) “é importante desenvolver na criança o hábito de contar e ouvir histórias. Isso tem como objectivos “desenvolver o pensamento lógico; desenvolver a imaginação e a criatividade; trabalhar as sequências lógicas e ampliar o vocabulário.”(p. 109). Cita também “para que a leitura de uma história dê bons resultados, “é fundamental motivar a criança, de modo que ela se interesse pela história.” (p. 109).

Quando se joga o **jogo dos Comboios** com o material *Cuisenaire*, Caldeira (2009) dita regras:

- “- Não pode haver comboios maiores que a estação.
- Não pode haver comboios menores que a estação.
- Não pode haver comboios repetidos (iguais).

- Quando não se conseguir fazer mais comboios para a estação pretendida, fecha-se a estação com uma peça igual.” (p.1 37).

Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010), “o **manuseamento das barras** dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender.” (p. 65).

A minha aula surpresa, não decorreu como o desejado. As crianças tiveram impecáveis a nível de comportamento, mas não consegui, na minha opinião ter um fio condutor pois elaborei dois exercícios e não estava confiante no decorrer da aula. As crianças, na minha opinião não aprenderam nada de novo, mas relembaram os valores e as cores das peças.

Quando foi a hora da reunião, eu estava triste e desiludida porque a aula não tinha decorrido como desejado. Falou inicialmente a educadora da sala onde estou, em que disse que só devia ter feito um exercício do início ao fim, e de seguida foi uma professora da Prática Pedagógica a comentar. Disse que cometi um erro de sinal de adição entre as barras do material estruturado, mas disse que tenho muita alegria a dar aulas e que estive bem em ter dado dois exercícios. Há divergência de pensamentos por isso é que não é só uma pessoa a avaliar. Fiquei contente com as palavras reconfortantes que me foram dadas.

É através da descoberta e da experimentação que a criança assimila os conceitos e entende-os. Gostei muito de os ver a trabalhar a matemática.

terça-feira, 11 de junho de 2013

Nesta manhã dei aula sobre o Ciclo do Azeite. Comecei pelo Domínio da Matemática em que trabalhei a Teoria de Conjuntos. Antes de a começar, coloquei no centro do tampo das mesas a linha fronteira e o material não estruturado (galinhas e garrafas de azeite). Chamei as crianças pelos números das mesas e disse para não mexerem no material que estava em cima das mesas. Comecei por contar uma breve história. contei que tinha almoçado peixe cozido e que me tinha esquecido de comprar azeite. De seguida perguntei a uma criança qual o material não estruturado que estava em cima da mesa. A criança respondeu corretamente dizendo que eram galinhas e garrafas de azeite. Perguntei para que servia a linha que estava à frente das crianças nas mesas e responderam-me dizendo que era a linha fronteira que separava o dentro do fora (o interior do exterior). De seguida pedi para colocarem dentro da linha fronteira 3 garrafas de azeite, e no exterior 3 galinhas. De seguida pedi que retirassem das 3 galinhas, 2 galinhas. Perguntei qual o número maior e para uma criança ir ao

quadro indicar o sinal de maior. Fiz ainda a representação de um conjunto em que pedi a uma criança para me dizer qual o nome da letra que dava ao conjunto, demos assim a letra “B”. Pedi a uma criança para ir representar no quadro que o conjunto B tinha 3 elementos, que neste caso eram as garrafas de azeite. Ficando assim o problema feito que o $\#B=3$.

De seguida, trabalhei no Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita em que realizei um teatro com fantoches em que adaptei a história *O ciclo do azeite* de Cristina Quental e Mariana Magalhães. Fiz dentro da sala e pedi às crianças para se sentarem em cima dos discos que estavam colocados em U. Levei um fantocheiro, e utilizei 3 personagens (Joana – a menina da história, a professora e o varejador). Fiz inflexões de voz e tentei manusear os fantoches para que todas as crianças conseguissem observar.

Em relação à Área de Conhecimento do Mundo, iniciei com uma música *Oliveirinha da Serra* com a guitarra. As crianças conheciam a música e cantámos todos. De seguida mostrei as azeitonas de cor preta e as da cor verde, passei por todas as crianças para verem e cheirarem. Dei a experimentar azeitonas da cor verde sem caroço. Mas muitas não quiseram experimentar pois nunca tinham provado. Mostrei uma oliveira e expliquei com mais pormenor como as pessoas, neste caso os varejadores faziam a colheita das azeitonas para cima de uma rede. Depois escolhem as azeitonas que estão em melhor estado, colocam a rede num grande camião para de seguida serem trituradas com caroço e casca e posteriormente prensadas para se transformar em azeite.

Para terminar a minha aula de preparação para a prova final, realizei um jogo. O “Jogo dos pares”. Coloquei várias imagens alusivas ao tema de que tinha falado a manhã inteira. Expliquei as regras do jogo, e em que é que o jogo consistia. Esta atividade foi elaborada no recreio do Jardim-Escola no coreto em forma de semicírculo. Pedi assim que observassem bem as figuras, que do outro lado, estavam as mesmas figuras no mesmo sítio e tinham de memorizar onde estavam. Este trabalho foi realizado a pares, uma criança virava uma carta, e a outra tinha de adivinhar onde estava o par. Quem não acertasse continuava na roda mas não participava mais, os que ganhavam, continuavam na roda também em jogo.

Para finalizar este dia, a minha colega teve uma aula surpresa do Domínio da Matemática em que lhe foi pedido para trabalhar com material não estruturado que neste caso foram peixes de plástico e para fazer contagens, soma e subtração. A colega distribui os peixes e colocou-os no centro do tampo da mesa. Começou por perguntar se os peixes eram todos iguais e as suas cores e iniciou a história, que no fim-de-semana tinha ido à praça comprar peixe. Pediu para retirarem 2 pares de

peixes da cor que quisessem. Foi ver ao lugar de cada mesa se estavam a realizar o exercício corretamente. Depois pediu a uma criança para ir representar o número 4 ao quadro. De seguida pediu para retirarem meia dezena de peixes da cor amarela e elaborou uma adição dos pares de peixes mais a meia dezena de peixes. As crianças conseguiram chegar ao resultado final.

Inferências e fundamentação teórica

Ao elaborar o jogo com as crianças, fiz com que trabalhassem a **pares**, tal como defendem Papalia *et al.* (2001) , “ fazer coisas com os pares beneficia as crianças de múltiplas maneiras. Desenvolvem competências necessárias para a sociabilidade e para a intimidade, intensificam relações sociais e adquirem um sentimento de pertença. Aprendem competências de liderança, comunicação, cooperação, papéis e regras.” (p. 485).

Ao pensar nesta aula, criei ideias e expectativas acerca da mesma. Para Day (2004), a ideia que temos para fazer **atividades com as crianças** “é apenas o início do trabalho docente. É a transformação da paixão em acções que encerra e integra o pessoal e o profissional, a mente e a emoção, que irá fazer a diferença nas aprendizagens dos alunos.” (p. 39).

Quando iniciei a Área de Conhecimento do Mundo, as crianças ficaram entusiasmadas, pois levei também uma **guitarra**.

Como Agüera (2008) salienta

As crianças em idade pré-escolar encontram na música, nas canções (...) um recurso educativo muito importante, com o qual se sentem identificados. Devem, por isso, incentivar-se, desde cedo, também com um repertório de canções que sejam adequadas e que tenham ritmos fáceis para favorecerem o movimento espontaneamente e a expressão corporal. (p. 97)

Através da música, conseguimos trabalhar muitas coisas e principalmente ficamos bem dispostos.

A reação das crianças ao longo da minha manhã, foi positiva, mas a nível do Domínio da Matemática faltou-me explicar muitos conceitos daquilo que estava escrito no plano de aula. Alonguei-me demais na explicação de um exercício com uma criança. É importante a explicação até a criança perceber, até porque a dificuldade de uma criança pode ser também a de outra. O Domínio que me correu melhor foi o da história com os fantoches pois as crianças participaram na mesma e sinto-me confiante quando dialogo com elas. O jogo, foi a primeira vez que elaborei ao longo destes anos. Escolhi um jogo de memorização o que fez com que as crianças

ficassem com a máxima atenção. Os vencedores, foram as crianças que acertavam nos pares corretos, havendo palmas, risos quando alguém ganhava.

Em geral, gostei de dar esta aula, pois era a preparação para a aula final. É de referir que foi a educadora que a propôs para nos ajudar.

sexta-feira, 14 de junho de 2013

Este dia foi diferente visto o dia anterior, dia 13 de junho ser feriado de Santo António em Lisboa. Foram à escola poucas crianças e algumas educadoras faltaram. As salas dos cinco anos juntaram-se e na parte da manhã, a educadora falou que ia no verão a um lugar diferente. Moçambique, onde estavam crianças que muitas vezes não tinham comida nem livros. Explicou que se os pais derem telemóveis usados, pessoas dão dinheiro aos meninos de Moçambique para comprarem livros, lápis e comida. Assim, a educadora utilizou uma caixa de cartão para colocar os telemóveis e as crianças fizeram desenhos de telemóveis para colarem na caixa. No resto do dia, estiveram no recreio.

Inferências e fundamentação teórica

Quando a educadora falou com as crianças sobre a viagem que iria fazer para Moçambique, pediu às crianças para falarem com os pais ou com os familiares para darem um contributo de alguma forma, neste caso com telemóveis e tinteiros usados, a família também participa na educação dos filhos, desta maneira e de uma forma diferente, da escola que partilha com os pais/familiares, aí já é a família e a escola que trabalham em conjunto. Como refere Estanqueiro (2010) “a **família** e a escola são parceiros na educação.” (p. 111). Acrescenta ainda que “o **trabalho de cooperação** produz bons frutos, na aprendizagem e nas relações humanas.” (p. 47). Com a família a participar, as crianças irão alegrar.

Esta sensibilização deve ser feita desde o início pois devemos ser solidários com quem tem menos e com quem nos rodeia.

segunda-feira, 17 de junho de 2013

No presente dia, a educadora, deu especial atenção ao fim-de-semana, visto muitas crianças terem faltado, pois houve dois feriados. A educadora deixou que todos

os alunos falassem sobre as pequenas férias que tiveram. No intervalo da manhã das crianças, realizei a ficha do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com algumas crianças dos 5 anos, com outro grupo, realizei no intervalo da hora do almoço para o capítulo 3 dos Dispositivos de avaliação.

A outra parte da manhã também ficou marcada pela aula de inglês em que fizeram o jogo do “lencinho vai na mão”, mas a professora ensinou, que os meninos ingleses jogavam de outra forma que se chama *drop a card*, em que se joga da mesma maneira que estamos habituados a ver, mas em vez de ser um lenço, é uma carta.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora desta sala, tem um ponto muito positivo entre outros. Ouve muito os alunos e dá especial atenção ao que cada criança fala, fazendo com que elas se sintam especiais e não tenham medo ou vergonha de falar. Para Figueiredo (2004) “no estímulo à expressão verbal é importante que as crianças não sejam corrigidas nem criticadas.” (p.14).

Em relação à **Área de Formação Pessoal e Social**, o mesmo autor afirma que esse desenvolvimento “(...) deverá assentar na constituição de um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e auto-estima.” (p. 38). Vale a pena observar estes momentos tão bonitos e importantes.

terça-feira, 18 de junho de 2013

Este dia foi diferente. As crianças da sala dos 3, 4 e 5 anos tiveram uma visita de estudo à Quinta Pedagógica Cantar de Galo em Coruche. Nós, estagiárias também acompanhámos as crianças nesta visita. Cada estagiária foi com a sala onde estava estagiar. De manhã, começámos por colocar o almoço dentro das mochilas e de seguida fizemos um comboio para entrarmos dentro do autocarro. A viagem demorou cerca de uma hora e trinta minutos e fomos a cantar pelo caminho. Quando chegámos fomos recebidas por uma senhora que nos acompanhou desde o início da visita em que nos entregou lenços da cor verde para colocarmos no pescoço para distinguir as equipas consoante as salas. Fomos para uma tenda, em que foi mostrado às crianças um coelho e uma chinchila e as crianças tocaram nos animais que estavam dentro de um cesto. De seguida, as crianças, sempre acompanhadas pela educadora, por uma

senhora que estava responsável pelo grupo e por nós, estagiárias, fizeram vários jogos desde acertarem dentro de um arco com uma pinha, andar em cima de pneus, saltar em cima de troncos de árvores, e andar de slide. Em cada jogo, havia pistas para que as crianças pudessem passar ao próximo jogo. No final, estava um saco com rebuçados. Depois destes jogos, fomos ver alguns animais e dar comida. As crianças riam, mexiam na terra davam comida aos animais ao som dos sons da Natureza. No final desta visita, as crianças dos 3, 4 e 5 anos sentaram-se à espera da personagem do Zacarias. Cantámos todos e dançámos a música do Zacarias.

Inferências e fundamentação teórica

Foi a primeira vez que fui, enquanto estagiária, a uma visita de estudo com o percurso mais longo. As crianças estavam muito animadas ao longo da viagem para a Quinta do Zacarias. Cantavam, gritavam, e estavam sempre a questionar quando chegávamos à Quinta. As **visitas de estudo** são gratificantes para as crianças, isto porque elas partilham, convivem, aprendem, e principalmente não se esquecem facilmente daqueles momentos especiais e únicos. Agüera (2008), menciona que “ não há nada mais gratificante para uma criança do que sair com os pais ou educadores e ir passear. Ela diverte-se, aprende e interioriza vivências que ficarão para o resto da sua vida.” (p. 91).

Por outro lado, as personalidades ali vividas, a experiência que cada criança tem é única e muitas vezes conhecemos verdadeiramente a criança fora do seu núcleo, neste caso dentro da escola. Mouro (citado por Almeida, 1998) diz que “ a perspectiva de um dia diferente fora da escola motiva e excita a tal ponto que a sua adesão é total.” (p. 55). Todas as crianças adoraram este dia, com grande alegria e grande euforia. Acrescento ainda que também foi interessante o ambiente que existiu entre adultos, pois o mesmo foi muito acolhedor e divertido.

sexta-feira, 21 de junho de 2013

Efetuada as rotinas habituais da manhã, a educadora, disse às crianças que ia ser o último dia que iriam dar na sala dos 4 anos o material *Cuisenaire*. Promoveu o cálculo mental, fez a escada por ordem crescente e ordem decrescente. As crianças realizaram a escada por ordem crescente em primeiro lugar, voltaram a colocar as peças do material *Cuisenaire* no centro da mesa e, realizaram de seguida a escada por ordem decrescente. Pediu para uma criança ler por cores e a outra criança para ler

por valores, sempre apontando com o dedo indicador para as peças. Uma criança não sabia realizar a escada por ordem decrescente e a educadora teve especial atenção com esta, mostrando exemplos. A educadora cria sempre um ambiente agradável para as crianças trabalharem e acima de tudo ouve cada criança e aproveita o que cada uma sabe.

Inferências e fundamentação teórica

É de salientar que ao longo destas semanas, aprendi muito com esta educadora como Ballenato (2008) “as crianças constroem a realidade através do que observam, do que se lhes conta e de como se lhes explica” (p. 131) e esta educadora demonstrou ter uma atitude correta perante todas as crianças igualmente e fez com que toda a aprendizagem chegasse até elas de uma maneira divertida, original e demonstrou grande sentido de responsabilidade.

E assim termina mais um momento de estágio, por sinal, o último.

Não posso deixar de referir que aprendi muito em qualquer dos Jardins-Escolas e que foi bom ter estagiado em duas realidades educativas distintas.

No primeiro Jardim-Escola destaco o espaço ser mais acolhedor e mais familiar. No segundo Jardim-Escola destaco a cooperação do corpo docente e a ligação e entre-ajuda.

Com a elaboração deste relatório também aprendi a pesquisar, a refletir e a entender melhor o porquê de tantas coisas e o quanto é fundamental o educador estar atento, ser reflexivo, crítico, organizado e acima de tudo gostar do que faz.

Vou sentir saudades das crianças e de algumas educadoras que me ajudaram a crescer a nível pessoal e profissionalmente.

Capítulo 2

Planificações

Descrição do capítulo

Este capítulo contém a fundamentação teórica do Modelo T de aprendizagem, estão também planos de aula baseados nesse mesmo modelo com inferências e fundamentações teóricas.

Neste capítulo existem três planos de aula que, foram realizados ao longo do período de estágio. Um plano referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, outro ao Domínio da Matemática, e por fim, referente à Área de Conhecimento do Mundo.

2.1- Fundamentação teórica

Planificar em poucas palavras, como cita Zabalza (1992) “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.” (p. 47). Escudeiro, citado por Zabalza (1992), diz-nos que a planificação trata-se de

Prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar (pp. 47-48)

Zardo (citado por Zabalza, 1992) refere que a função da planificação da escola é de “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino” (p. 54).

Ainda Zabalza refere que são poucos os professores que defendem as planificações à regra. Diz que os professores com “experiência dizem que uma planificação (...) é pouco útil porque, cedo ou tarde, a própria dinâmica irresistível do grupo turma acabará por impor-se.” (p. 54).

Conforme Arends (1995), a planificação “também é vital para o ensino.” (p. 92).

Na perspetiva deste mesmo autor, tem de se fazer uma Planificação prévia, de seguida vai-se para o ensino e por fim para a avaliação. (p. 101). Na perspetiva deste autor, a planificação é um processo “cíclico” (p. 101).

De acordo com as OCEPE (ME, 2002) planificar é “condição para que a educação escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades” (p. 26).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990) “a planificação do ensino insere-se num processo de planeamento mais amplo – currículos e programas escolares – fora do qual não pode ser interpretada.” (p. 21).

As planificações podem ser realizadas nas escolas em conjunto com todos os docentes ou só por um docente. Cada escola é responsável por essa decisão. Assim, como refere a Circular n.º 17/2007, o Projeto Curricular de Estabelecimento/Escola é um “documento que define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo ao contexto de cada estabelecimento/escola ou de Agrupamento e integrado no respectivo Projecto Educativo.” Esta mesma Circular diz-nos que o Projeto Curricular de Grupo/Turma “documento que define as estratégias de concretização e de desenvolvimento das orientações curriculares para a educação pré-escolar, e do Projecto Curricular de Estabelecimento/Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/turma.” acrescenta que ao fazer o Projeto Curricular de Grupo/Turma é importante de salientar que se deve ter “em conta as características do grupo e as necessidades das crianças.”

Por sua vez, Figueiredo (2005), tem uma visão diferente, afirma assim que a planificação é indispensável e tem dois níveis

- do educador – que pesquisa os materiais e recursos a serem utilizados sobre determinado assunto, que os organiza na sala e que estabelece objectivos a serem alcançados com a turma,
- do grupo, em que o educador conversa com as crianças sobre o que mais as está a interessar no momento e sobre o que poderão fazer para descobrir respostas às suas indagações, e combina com elas a realização das actividades (...) (p. 43).

Alguns professores utilizam o Modelo T, que foi proposto por Martiniano Pérez. Este modelo serve para os docentes planificarem as suas actividades. Ao longo do estágio, as planificações usadas são também segundo este modelo. Assim, como afirma Pérez (s.d.), “a forma de um T duplo: de objectivos (capacidades-valores) e de meios (conteúdos/actividades gerais).” (p. 7).

Este modelo diz-nos o que os alunos irão aprender (os conteúdos), como se vai fazer, a ordem de como iniciar um tema, que métodos usar. Tem também o desenvolvimento que os discentes poderão ter a nível das capacidades-destrezas e valores-atitudes.

Assim, é importante que os educadores/professores façam a planificação prévia do que irão dar futuramente para terem uma linha de pensamento, para não repetirem matéria e para se guiarem por um plano que está conforme o que é estipulado. Este plano, também pode estar sujeito a alterações, pois tem como base analisar as necessidades educativas das crianças. Nos meus planos de aula usarei os planos a curto prazo, isto é, planos diários.

Roldão (2009), questiona os objetivos para uma planificação: “Que pretendo ensinar? Para que se destina esta aprendizagem? Que tipo de competência se pretende? Serve para os alunos depois usarem como?” (p. 108).

Das várias designações que li sobre planificação, aquela que achei mais importante foi a de Zabalza (1994) “planificar é estabelecer um todo coerente e lógico. Uma planificação tem de fazer sentido. Nela se deve perceber o que se pretende atingir e os meios para lá chegar mas também os supostos e os contextos.” (p. 5).

Seguidamente, apresento o quadro 5 com o modelo T e as suas características que a Escola utiliza e adaptou.

Pérez (s.d.) defende que a vantagem deste modelo é “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar” (p. 40). Com este modelo, apenas é necessária uma folha que de forma resumida explica os conteúdos, procedimentos, capacidades, objetivos e atitudes e valores que vamos utilizar para elaborar uma aula.

Quadro 5 – Adaptação do Modelo T proposto por Martiniano Pérez

Nome da Escola Plano de aula		
Ano: Educadora: Tempo/Duração: Data:	Estagiária: Ano:	
Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Valores/Atitudes
Material:		
Adaptação do Modelo T de unidade de aprendizagem. Esta planificação está sujeita a alterações.		

Nos próximos quadros 6 e 7 apresento de uma forma esquemática exemplos de Valores e Atitudes e Capacidades e Destrezas nas planificações realizadas ao longo do estágio.

Quadro 6 – Exemplos de Valores/Atitudes

Valores/Atitudes		
<p>Solidariedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Ajudar; . Colaborar; . Partilhar; . Tolerar; . Compreensão; . Companheirismo; . Cuidar; . Conviver; . Aceitar; . Respeitar; . Cooperar; . Generosidade. <p>Responsabilidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Consciente; . Empenhado; . Cumpridor; . Organizado; . Interessado; . Honestidade; . Respeitador; . Comprometer-se; . Ser constante; . Ser coerente; . Ser ordenado; . Ser limpo; . Participar, . Atender; . Ordenar; . Esforçar-se. 	<p>Respeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Tolerar; . Aceitar; . Escutar; . Compreender; . Ceder; . Conviver; . Dialogar; . Aprender; . Consciencializar; . Estimar; . Colaborar; . Saber estar; . Igualdade. <p>Tolerância:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Valorizar; . Apoiar; . Calma; . Interesse; . Ser recetivo; . Bom ouvinte; . Aceitar; . Respeitar; . Comprometer-se; . Valorizar; . Ajudar; . Empatia; . Ajudar; . Compreensivo. 	<p>Cooperação:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Ser humilde; . Ser compreensivo; . Ser comunicativo; . Ser sensível; . Ser afetivo; . Ser altruísta; . Ser dinâmico; . Entre-ajuda; . Recetivo; . Disponibilidade; . Partilhar; . Colaborar; . Aceitar; . Conhecer; . Conviver; . Trabalhar em equipa. <p>Criatividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Espontaneidade; . Imaginação; . Hábil; . Inventar; . Fantasiar; . Interpretar; . Iniciativa; . Curiosidade; . Esforçado; . Original; . Inovador; . Desinibido.

Adaptado de Pérez e Lopes (1994)

Quadro 7 – Exemplos de Capacidades/Destrezas

Capacidades/Destrezas		
<p>Raciocínio Lógico:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Fluidez mental; . Observar; . Comparar; . Relacionar; . Interpretar; . Formular; . Analisar; . Deduzir; . Classificar; . Organizar; . Definir; . Classificar; . Calcular; . Transferir; . Aplicar. <p>Classificação:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Observar; . Analisar; . Identificar; . Comparar; . Caracterizar; . Selecionar; . Descodificar; . Relacionar; . Reconhecer; . Deduzir; . Catagolar; . Distinguir. 	<p>Orientação Espaço Temporal:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Reconhecer; . Saber situar; . Noção de tempo; . Sequenciar; . Noção de tamanho; . Noção de distância; . Explorar; . Identificar; . Localizar; . Interpretar no mapa; . Medir; . Aplicar; . Representar; . Temporalizar; . Buscar referências; . Identificar. <p>Expressão Oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Fluidez verbal; . Vocabulário; . Expressar ideias; . Compreensão; . Interpretação; . Fluidez verbal; . Sequência; . Dicção; . Dialogar; . Escutar; . Elaborar frases; . Produzir mensagens. 	<p>Expressão Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Coordenar; . Equilibrar; . Explorar; . Improvisar; . Criatividade; . Expressar; . Sensibilidade; . Simbolizar; . Grafismo; . Elaborar frases; . Elaborar textos; . Vocabulário; . Ortografia; . Pontuação; . Produzir mensagem. <p>Socialização:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Relacionar; . Altruísmo; . Compartilhar; . Compromisso; . Dialogar; . Reconhecer; . Observar; . Escutar; . Indagar; . Aplicar; . Resolver problemas; . Ser flexível; . Conviver.

Adaptado de Pérez e Lopes (1994)

2.2. Planificações

2.2.1 Planificação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

O plano que apresento no quadro 8 está inserido no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Esta aula foi no dia 11 de junho de 2013. Comecei a aula por volta das 9h 50 m, e teve uma duração de 20 minutos. O tema desta aula foi sobre o Ciclo do Azeite e foi elaborado com as crianças de 5 anos.

Quadro 8 - Quadro da Planificação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Faixa etária: 5 anos
Data: 11 de junho de 2013
Duração: 20 min.

Estagiária: Mariana Meneses Costa
Número: 9
Turma: Mestrado em Educação Pré-Escolar

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Conteúdos		Procedimentos/Métodos	
História: O ciclo do azeite		<ul style="list-style-type: none">- Pedir às crianças que se sentem em U no chão;- Contar a história (O ciclo do azeite) com material de suporte (fantoques e fantocheiro);	
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none">❖ Expressão Oral e Escrita:<ul style="list-style-type: none">- Expressar ideias;- Interpretação.❖ Participar:<ul style="list-style-type: none">- Interpretar;- Identificar.		<ul style="list-style-type: none">❖ Solidariedade:<ul style="list-style-type: none">- Colaborar/ cooperar;- Partilhar.❖ Autoestima<ul style="list-style-type: none">- Expressar opiniões;- Criatividade.	
Material: Fantoques e fantocheiro.			

Observação: Esta planificação é flexível, pois podem efetuar-se alterações de acordo com as necessidades educativas das crianças.
Baseado no modelo T de aprendizagem

Inferências e fundamentação teórica

Como realizei esta aula?

- **Pedir às crianças para se sentarem em U;**

Pedi às crianças que se sentassem em U nos discos, e coloquei menina, menino para a disposição, e as crianças que se portavam menos bem, ao pé de mim, mas de modo a conseguirem visualizar esta história. De acordo com Cury (2011), “sentar em forma de “U” ou em círculo aquietam o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe fica agradável e a interação social dá um grande salto em frente” (p. 125).

- **Contar a história (O ciclo do azeite) com material de suporte (fantoche e fantocheiro;**

Iniciei a história do *Ciclo do Azeite* de Cristina Quental e Mariana Magalhães, e perguntei-lhes de que trataria a história. As crianças desde muito cedo têm de saber os vários tipos de comunicação que podem existir, neste caso, como foi de uma maneira diferente, com a utilização de fantoches, tentei captar a atenção delas. Assim, para Figueiredo (2004), esta Área serve como ponto de partida para o Educador dar a conhecer as várias formas de expressão e comunicação o que vai proporcionar à criança “o prazer de realizar novas experiências, valorizando as descobertas da criança, apoiando a reflexão sobre estas experiências e descobertas, de modo a permitir uma apropriação dos diferentes meios de expressão e comunicação.” (p. 46).

Posteriormente, fui para trás do fantocheiro e comecei a contar a história. Ao longo da história, fiz inflexões de voz e questionei as crianças várias vezes para saber se estavam a acompanhar a história. Assim, de acordo com Mata (2008), as inflexões de voz, facilitam “o acesso ao sentido e à mensagem, a compreensão do que é ler e para que se lê, mas também desperta o interesse e a vontade em participar” (p. 79). como cita Aguera (2008) considera que o educador deve acompanhar a narração com “entoações.” (p. 35).

Segundo Pereira e Lopes (2007), os fantoches estabelecem “um importante instrumento de aplicação pedagógica em torno de aprendizagens fundamentais aliadas ao desenvolvimento de capacidades: coordenação motora, concentração, criatividade, expressão oral, confiança” (p. 42-43). De acordo com os mesmos autores

(2007), “os fantoches aplicados em sala de aula podem servir para envolver alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e mais eficaz compreensão” (p. 44).

Considero que esta aula, cativou a atenção das crianças pois utilizei fantoches, tornou-se mais apelativo para contar a história, fiz várias vozes, e como encurtei a história deu tempo para perguntar às crianças se já tinham visto alguém a apanhar azeitonas e se já tinham experimentado azeitonas.

Figueiredo (2004) defende, que ao contar uma história, temos de ter “ especial atenção a usar uma linguagem com vocabulário conhecido pela criança, usa gestos e várias onomatopeias, trabalha com emoção criando situações de surpresa e da vida as personagens por meio de diálogos.” (p. 109).

Aproveitando estas questões, passei para outra Área, a Área de Conhecimento do Mundo.

2.2.2. Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo

O plano que apresento no quadro 9 está inserido no Área do Conhecimento do Mundo. Esta aula foi no dia 11 de junho de 2013. Comecei a aula por volta das 10h 10 m, e teve uma duração de 20 minutos.

Quadro 9 - Quadro da Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Faixa etária: 5 anos
Data: 11 de junho de 2013
Duração: 20 min.

Estagiária: Mariana Meneses Costa
Número: 9
Turma: Mestrado em Educação Pré-Escolar

Área do Conhecimento do Mundo

Conteúdos		Procedimentos/Métodos	
O ciclo do azeite		<ul style="list-style-type: none">- Pedir às crianças que se sentem em U;- Cantar a música “Oliveirinha da Serra”;- Visionar em cartazes o ciclo do azeite, com imagens;- Mostrar uma oliveira e os dois tipos de azeitonas que existem.	
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none">❖ Relacionar:<ul style="list-style-type: none">. Relacionar;. Distinguir.❖ Participar:<ul style="list-style-type: none">. Interpretar;. Identificar.		<ul style="list-style-type: none">❖ Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none">. Atenção;. Interesse.❖ Motivação:<ul style="list-style-type: none">. Interesse;. Saber ouvir.	
Material: Folhas A3, Oliveiras, vara e azeitonas.			

Observação: Esta planificação é flexível, pois podem efetuar-se alterações de acordo com as necessidades educativas das crianças.

Baseado no modelo T de aprendizagem

Inferências e fundamentação teórica

- **Pedir às crianças que se sentem em U;**

Nesta atividade, comecei por pedir às crianças que se sentassem em semicírculo pelas razões que já expliquei. Desta forma conseguia ver todos os alunos e interagir melhor com eles.

- **Cantar a música “Oliveirinha da Serra”;**

De seguida, cantei com a ajuda de uma guitarra a canção “Oliveirinha da serra”. No Jardim-de-Infância é muito importante haver um tempo reservado, assim a criança pode exprimir as suas emoções e sentimentos, De acordo com Weinberger (citado por Jensen, 2002), “cantar é um bom estímulo para o cérebro”, sendo que, é “um meio para promover tanto a competência musical como um desenvolvimento global” (p. 64). O mesmo autor refere que “os professores deviam ser incentivados a aumentar a música na aula” (p. 65).

Para Hohmann e Weikart (1997), “a aprendizagens de novas canções “(...) permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo” (p. 373). Mal comecei a tocar as crianças começaram logo a cantar pois já sabiam a música. Consegui assim captar a atenção delas e o interesse.

- **Visionar em cartazes o ciclo do azeite, com imagens;**

Após ter cantado, mostrei imagens sobre o ciclo do azeite em tamanho A3, em que explorei com as crianças as diferentes etapas desde a apanha da azeitona até ao azeite. Perguntei individualmente às crianças para me disserem o que visualizavam em cada imagem para fazer com que eles falassem para uma melhor aquisição da linguagem.

Assim, segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), “adquirir e desenvolver a linguagem implica muito mais do que aprender palavras novas, ser capaz de produzir todos os sons da língua ou de compreender e de fazer uso das regras gramaticais” (p. 11).

- **Mostrar uma oliveira e os dois tipos de azeitonas que existem.**

Posteriormente, mostrei duas oliveiras e passei as oliveiras por cada criança e expliquei que ainda não tinham azeitonas porque as árvores eram pequenas, embora estivessem a começar a nascer. Perguntei se já tinham visto a apanha da azeitona e se já tinham experimentado este fruto. Muitas crianças responderam-me que não. Levei, azeitonas sem caroço para as crianças experimentarem, mas nem todas quiseram experimentar. Oom (2010) cita que “a criança deve ser estimulada a experimentar, pois a curiosidade é fundamental na nossa vida” (p. 80).

Posso assim concluir, que as crianças nesta atividade estavam curiosas, atentas, o que me ajudou na concretização da aula pois queriam estar sempre a dialogar e a expressar as suas ideias.

O material era apelativo e as crianças tocaram nas oliveiras e experimentaram as azeitonas. Ao experimentarem, criou um pouco de agitação o que é normal nesta idade devido à degustação do fruto.

Martins *et al.* (2007) define o trabalho prático como “todas as situações em que o aluno está activamente envolvido na realização de uma tarefa, que pode ser ou não laboratorial.” (p. 36).

Poderia ter feito esta aula fora da sala, seria uma mais-valia para as crianças e para mim, visto irmos para outro local, cativando mais as crianças.

Ao realizar esta aula senti-me confiante, e o que mais desejei foi ouvir as crianças e as suas vivências.

Considero ainda que promovi um momento de aprendizagem e que o material era adequado e apelativo.

2.2.3. Planificação da atividade na Domínio da Matemática

O plano que apresento no quadro 10 está inserido no Domínio da Matemática. Esta aula foi no dia 11 de junho de 2013. Comecei a aula por volta das 10h 30 min, e teve uma duração de 20 minutos.

Quadro 10 - Quadro da Planificação do Domínio da Matemática

Faixa etária: 5 anos
Data: 11 de junho de 2013
Duração: 20 min.

Estagiária: Mariana Meneses Costa
Número: 9
Turma: Mestrado em Educação Pré-Escolar

Domínio da Matemática

Conteúdos		Procedimentos/Métodos	
Teoria de conjuntos		<ul style="list-style-type: none">- Distribuir o material pelas mesas;- Pedir às crianças que se sentem nas cadeiras;- Explorar o material (não-estruturado-garrafas de azeite):- Rever a noção de conjunto vazio, conjunto singular, o sinal de maior e menor e pertence e não pertence;- Realizar cálculo mental concreto e depois abstrato.	
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none">❖ Raciocínio lógico:<ul style="list-style-type: none">. Relacionar;. Analisar.❖ Participar:<ul style="list-style-type: none">. Interpretar;. Identificar.		<ul style="list-style-type: none">❖ Respeito:<ul style="list-style-type: none">. Tolerar;. Interesse.❖ Socialização:<ul style="list-style-type: none">. Saber esperar;. Saber ouvir.	
Material: Papel de acetato, cartolina, galinha e fita.			

Observação: Esta planificação é flexível, pois podem efetuar-se alterações de acordo com as necessidades educativas das crianças.
Baseado no modelo T de aprendizagem

Inferências e fundamentação teórica

- **Distribuir o material pelas mesas;**

Inicialmente, comecei por distribuir o material pelas mesas (linhas fronteiras e garrafas de azeite feitas em papel de acetato). Ponte e Serrazina (citados por Caldeira, 2009) afirmam que a manipulação do material bem orientado pode “facilitar a construção de vários conceitos” e podem mesmo “servir para representar conceitos que as crianças já conhecem através de outras atividades, que permite assim, a sua melhor estruturação.” (p. 18).

- **Pedir às crianças que se sentem nas cadeiras;**

Pedi às crianças que se sentassem nas cadeiras. Nas mesas já estava o material não estruturado (garrafas de azeite feitas com acetato). Desta forma podiam manusear melhor o material e mudaram de espaço. Por norma, no Jardim-Escola as aulas deste domínio são dadas nas mesas.

- **Explorar o material (não-estruturado- garrafas de azeite);**

É importante a participação das crianças, pois é a manipular objetos e a participar durante o decorrer das aulas que as crianças aprendem mais facilmente. Arañao (1996) afirma que a “criança constrói o seu conhecimento lógico-matemático por meio de suas ações sobre o meio (...)” (p. 20).

Caldeira (2009), por sua vez afirma que trabalhar com material manipulável é “uma actividade necessária e indispensável para a aquisição de competências Matemáticas.” (p. 33).

Acrescenta ainda que o material que se pode manipular, “as crianças vão decodificando e construindo o saber matemático.” (p. 35).

O ser humano já nasce com uma capacidade inata de descobrir e observar tudo o que o rodeia, Assim, Figueiredo (2004) refere que “a tendência para pesquisar, descobrir e saber é inata em todos nós. A curiosidade é uma característica do ser humano que se manifesta desde o nascimento.” (p. 29).

O mesmo autor refere que “a manutenção do impulso que leva a pessoa a querer saber sempre mais depende, em grande parte, da atitude positiva que o adulto apresenta diante da curiosidade da criança.” (p. 30).

Penso que consegui transmitir prazer, curiosidade e descoberta.

- **Rever a noção de conjunto vazio, conjunto singular, o sinal de maior e menor e pertence e não pertence;**

Como as crianças já tinham trabalhado sobre conjuntos, revi vários pontos fundamentais sobre o tema. Comecei por falar sobre o conjunto vazio, o conjunto singular, o sinal de maior e menor e por fim, os sinais de pertence e não pertence. Utilizei como recurso o quadro com giz e chamava as crianças a participar ativamente na aula. Quis sempre a participação ativa das crianças pois assim é uma forma de estarem todos atentos e ao mesmo tempo de trabalhar com as crianças que têm dificuldades em adquirir conhecimentos. Como refere Estanqueiro (2010) “ uma estratégia para melhorar a comunicação na aula é prolongar o tempo de espera pela resposta, sobretudo se as perguntas são dirigidas aos alunos considerados mais fracos.” (p. 47).

Como a minha aula foi sobre conjuntos, para Caldeira (2009) um conjunto é “ qualquer número de elementos de uma determinada espécie (...) podem ser em número finito ou infinito.” (p. 382). Mais uma vez, o material estava apelativo, era adequado e em quantidade o que permitiu que todas as crianças o manipulasse ao mesmo tempo.

- **Realizar cálculo mental concreto, passando para o abstrato.**

No final, promovi o cálculo mental. Quis com isto, organizar o pensamento da criança e passar de algo abstrato, para o concreto visto as crianças já conseguirem fazê-lo.

É necessário desde logo, que a criança comece a adquirir e compreender o conceito de número pois o número como afirma Caldeira (2009),” é fundamental na Matemática e desempenha um papel primordial (...)” (p. 61).

Com esta aula fiquei a perceber que as crianças já sabem trabalhar os conjuntos pois todas as crianças me davam respostas acertadas. Em relação ao tempo, cumpri os 20 minutos apesar de não ter aprofundado com clareza o conjunto singular. As crianças portaram-se bem nesta aula, participaram e responderam acertadamente. O material que apresentei era apelativo e manipulável. Todas as crianças tocaram no material ao fazer os exercícios. Como foi referido pela educadora, após eu ter dado a aula, as crianças podiam ainda ter manipulado mais o material. Concorro em parte, pois vendo que foi um material que fiz com intuito de os manipular, mas por outro lado, os conceitos que queria abordar nesta aula eram demasiados o que não permitia tanta manipulação.

Com esta aula aprendi que cada vez mais se deve respeitar o tempo de cada criança, quer seja para efetuar o exercício, quer seja para responder a uma questão colocada. Como refere Estanqueiro “a participação dos alunos nas aulas aumenta o seu interesse.” (p. 39). Quando as crianças se sentem pressionadas, tendem a fazer o trabalho sem vontade e sem atenção.

Em jeito de conclusão e para terminar este capítulo, penso que esta aula contemplando as 3 áreas principais foi bem conseguida. Caso fosse a educadora da sala, não realizaria em tão pouco tempo, permitindo assim que as crianças fizessem mais descobertas. Outro aspeto que também achei importante e que quero realçar foi o facto de ter feito interdisciplinaridade pois as crianças estiveram comigo durante os 60 minutos sem revelarem cansaço ou falta de interesse.

Percebi também que era um tema novo para elas e que muitas crianças nunca tinham provado uma azeitona, apesar de, já conhecerem o azeite na sua alimentação ficaram admiradas e curiosas com a origem deste.

O educador deve planificar sempre, refletir e avaliar, para depois voltar a planificar.

Foi muito bom ter tido esta oportunidade e ter preparado esta aula!



Capítulo 3

Dispositivos de avaliação

Descrição do capítulo

Neste capítulo apresento uma breve fundamentação teórica sobre a avaliação, e 3 dispositivos de avaliação das atividades do Domínio da Matemática, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, por fim, da área do Conhecimento do Mundo.

Para cada dispositivo foram feitas as descrições dos parâmetros e critérios de avaliação, a grelha de avaliação e a sua avaliação e a apresentação dos resultados feitos em gráfico e sua análise.

3.1. Fundamentação teórica

A avaliação é uma palavra que tem muitos significados e perspectivas diferentes. Não existe nenhum termo que designe a palavra, pois vários autores a descrevem de diferentes maneiras.

De acordo com o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Machado (2003) a avaliação é o “acto de avaliar: cálculo de número de pessoas ou coisas. O valor dado pelos avaliadores. Determinação do justo preço de qualquer coisa alienável. Estimativa, juízo que se forma de alguma coisa.” (p. 466).

De acordo com Zabalza (1994), quando se fala em avaliação é na escola que pensamos imediatamente, pois esta é uma das dimensões que mais se destaca no contexto escolar “muito mais que qualquer conteúdo ou componentes curriculares”. Logo, se “a avaliação pertence, à escola” a nossa sociedade “é muito sensível à avaliação. Provavelmente porque é dela que derivam os principais efeitos da acção escolar, ou, pelo menos, os efeitos mais notáveis e evidentes.” (p. 14).

Domingos, Neves e Galhardo (1981) sintetizam o conceito de avaliação como “um processo sistemático de determinar a extensão em que os objetivos educacionais foram alcançados pelos alunos.” (p. 204).

No entanto, Hayman Jr. e Napier (1979) definem a avaliação como uma “discrepância entre o que se espera e o que realmente acontece” (p. 15). O professor dá a matéria e deverá em seguida avaliar os alunos, ou seja, o professor vai avaliar os alunos sobre os conteúdos que deu e se estes foram compreendidos ou não.

Domingos *et al.* (1981) defendem que “sendo a avaliação um processo sistemático para determinar até que ponto os objetivos educacionais foram alcançados, é evidente que tem de estar em íntima conexão com esses mesmos objetivos.” (p. 215). Ela deverá avaliar de forma pertinente os objetivos que, nesse

preciso momento, foram propostos aos alunos, avaliando se estes foram corretamente apreendidos.

Ribeiro (1989, citado por Pais e Monteiro, 2002) afirma que “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p. 51). Daí ser importante, o facto referido anteriormente por Domingos *et al.* (1981) que defendem que, a avaliação deverá estar em íntima conexão com os objetivos educacionais alcançados.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, (ME, 2002), é-nos referido que o educador planeia uma atividade educativa com o objetivo de responder à necessidade de cada criança e do grupo, o que possibilita uma visão global sobre os conceitos transmitidos às crianças, se estes foram ou não adquiridos. (p. 27).

Apesar de este relatório de Estágio Profissional atender ao Pré-Escolar as inúmeras pesquisas e leituras que encontrei vão de encontro aos outros ciclos de ensino. Por me parecerem pertinentes e um complemento fundamental para quem avalia integra-as como suporte teórico de seguida.

Gronlund (1976, citado por Domingos *et al.* 1981) acentua que

A avaliação não é simplesmente um conjunto de técnicas; a avaliação é um processo, um processo contínuo que sustenta um ensino e uma aprendizagem de qualidade. Enquanto os objetivos educacionais incluem uma vasta gama de metas de aprendizagem, a avaliação inclui uma vasta gama de procedimentos. A chave de uma boa avaliação consiste em relacionar os seus procedimentos tão diretamente quanto possível com as metas específicas de aprendizagem a serem avaliadas. (p. 201)

Na perspetiva dos autores atrás referidos, entendemos que a avaliação é um processo natural. O professor tem de ter a noção se os conteúdos estão a ser assimilados pelos alunos, assim como as metodologias usadas. Antigamente avaliar significava fazer provas escritas, dar uma nota e classificar os alunos. A avaliação não deverá ser vista como um momento de provas e testes mas um processo contínuo em que pode visar a correção de erros diários, e também, pode encaminhar o aluno para a aquisição dos objetivos previstos. Hoje em dia a avaliação também resulta de um conjunto de testes, provas, trabalhos e pesquisas que os alunos efetuam.

Sendo assim, é fundamental refletir sobre este assunto, para que possa existir um ensino com qualidade e não uma mera soma de quantidades que se resumem apenas numa nota, em aprovações ou reprovações.

De acordo com Ribeiro (1989), quando ele questiona

Como se procede a avaliação? Descreve que conhecimentos, atitudes ou aptidões os alunos adquiriram, ou seja, que objectivos do ensino já atingiram num determinado ponto do percurso e que dificuldades estão a revelar relativamente a outros. Esta informação é necessária ao professor para procurar meios e estratégias que possam ajudar os alunos a resolver essas dificuldades e é necessária aos alunos para se aperceberem delas (não podem os alunos identificar, claramente, as suas próprias dificuldades num campo que desconhecem) e tentarem ultrapassá-las com a ajuda do professor e com o seu próprio esforço. Por isso se disse atrás que a avaliação tem uma intensão formativa. (p. 76)

Se considerarmos que a avaliação é composta pelas funções de informação e valorização e que constitui uma realidade diferente, é possível perceber que a avaliação, como entidade global, desempenha três tipos de funções: diagnóstica, formativa e sumativa.

Avaliação Diagnóstica

Este modelo de avaliação para Ribeiro (1989) “pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido obviar dificuldades futuras e, em certos casos, resolver situações presentes.” (p. 79).

Avaliação Formativa

Esta “pretende determinar a posição do aluno ao longo, de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução.” (p. 84).

Porém, tal como sustentam Domingos *et al.* (1981), “a avaliação tem um sentido mais amplo: inclui descrições qualitativas e quantitativas dos comportamentos do aluno e ainda julgamentos de valor sobre o desejo de apresentar aqueles comportamentos do aluno.” (p. 204).

Estes mesmos autores referem que “a avaliação, que com frequência e erradamente é identificada com classificação, deve ter como finalidade principal melhorar o ensino e a aprendizagem.” (pp. 228-229).

Após a avaliação, o professor passa os resultados positivos ou menos positivos, para as tabelas numéricas onde compara e observa o desenvolvimento ou não de cada aluno, referindo-se a cada conteúdo que foi lecionado.

Para Ribeiro (1989, citado por Pais e Monteiro, 2002), “a classificação, (...), transporta para uma escala de valores a informação proporcionada pela avaliação,

permitindo comparar e seriar resultados e servindo de base a decisões relativas à promoção ou não dos alunos no sistema escolar.” (p. 51).

Ao contrário do que alguns autores consideram, a classificação “ (...) tem uma intenção selectiva e procede à seriação de alunos ao atribuir-lhes uma posição numa escala de valores. (...) resulta sempre de uma comparação”, que é dividida pelo autor Ribeiro (1989) em dois tipos, uma que “compara os resultados do aluno com os dos outros elementos do grupo em que se integra;” e outra que “compara os resultados do aluno com um padrão de aprendizagem pré-estabelecido.” Esta mesma “classificação não é atribuída arbitrariamente. Necessita, sempre, de uma avaliação (...) depois traduzida num símbolo correspondente a um ponto de uma escala adoptada. Por isso, não há classificação sem avaliação.” (p. 77).

No entanto, este mesmo autor alerta-nos para o facto de que “pode (...) haver avaliação sem que qualquer classificação tenha de se lhe seguir.” (p. 77).

Para Cardinet (1993), a avaliação é “considerada, actualmente, como ponto de partida privilegiado para o estudo do processo de ensino-aprendizagem.” (p. 11).

Arregui, Pérez e Villalba, (2000a) dizem-nos que a avaliação é “um processo de reflexão sistemática, orientado sobretudo para melhoria da qualidade das acções dos indivíduos (...) ou das aplicações à realidade dos sistemas ligados à actividade educativa.” (p. 534).

Dizem-nos também que “a avaliação educativa é uma forma específica de conhecer a realidade e de se relacionar com ela para tentar favorecer mudanças de optimização” (p. 584).

Já para Arends (1995), a avaliação “pode ser definida como uma função desempenhada pelos professores para tomar decisões acertadas sobre o ensino e os seus alunos.” (p. 247).

Em relação à avaliação dentro da sala de aula, Arends (1995) acrescenta que é importante a “recolha de informações que podem ser utilizadas para diagnosticar os conhecimentos e as competências (...)” (p. 248).

Tendbrink (2002) refere que, “escalas de avaliação são instrumentos úteis para observar o desempenho e as realizações dos estudantes.” (p. 257). Segundo este mesmo autor, “uma escala de observação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a julgar e algum tipo de hierarquia.” (p. 259).

Em consequência, “o observador usa a escala para indicar a qualidade, quantidade ou nível de rendimento observado.” Ressalva também que “ao longo de cada escala, os pontos representam diferentes graus do atributo que se encontra sob observação.” (p. 259).

A Circular n.º4/2011, do Ministério da Educação sustenta, que “a avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades.” (p. 4).

Podemos ler ainda na circular já referida que a avaliação, “permite uma recolha sistemática de informação (...) promove a qualidade das aprendizagens (...) possibilita estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança, individualmente e em grupo, tendo em conta a sua evolução.”

Roldão (2009) neste sentido, diz-nos que “as estratégias de avaliação devem ser incorporadas no planeamento das actividades. Seguir-se-ão sempre a uma primeira parte da tarefa que nunca será avaliativa, mas de aquisição de conhecimento.” (p. 119). Acrescenta também que “os critérios de avaliação (...) deverão constituir os referentes que nos permitem afirmar que o desempenho é muito bom ou regular, por exemplo.” (p. 119).

Na Educação Pré-Escolar, a avaliação é diária e muitas vezes basta um olhar mais atento do educador para perceber o comportamento de uma criança ou o seu estado de espírito. Os educadores recorrem frequentemente ao preenchimento de grelhas obtendo assim vários registos de diversas atividades. Estas ferramentas permitem-lhes conhecer melhor o grupo e adequarem as suas planificações posteriores.

Para a avaliação que realizei, recorri a uma escala, baseada na escala de Likert, conforme se pode ver no quadro 11.

Quadro 11 - Escala de Likert

1- Fraco	0 a 2,9 valores
2- Insuficiente	De 3 a 4,9 valores
3- Suficiente	De 5 a 6,9 valores
4- Bom	De 7 a 8,9 valores
5- Muito Bom	De 9 a 10 valores

3.2. Avaliação da atividade 1- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita




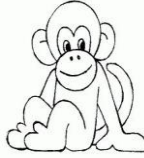
3.2.1. Contextualização da atividade

Esta atividade foi realizada na sala dos 5 anos, no dia 17 de junho de 2013, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A mesma foi realizada por 23 alunos e teve a duração de 20 minutos.


A atividade (figura 23) consistia em pintar as sílabas que estavam indicadas nas figuras, e posteriormente escrever as palavras que tinham pintado nas sílabas do exercício anterior.


1- Pinta as sílabas que estão indicadas nas figuras.


1.1- Pinta as imagens.

ca	col	ra	ta	
fa	va	gi	ra	
no	me	ni	na	
co	ma	ca	na	

1.2- Ordena as sílabas de forma a construir a palavra correta.










Figura 23 - Proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.2.2. Descrição de parâmetros, critérios de avaliação

Construção de palavras: Neste parâmetro pretende-se que as crianças identifiquem as sílabas das palavras corretamente consoante as imagens que lhes são apresentadas, colorindo também as imagens.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Pinta as sílabas de quatro palavras corretamente;
- Pinta as sílabas de três palavras corretamente;
- Pinta as sílabas de duas palavras corretamente;
- Pinta as sílabas de uma palavra corretamente;
- Resposta incorreta.

Ordenação de sílabas e escrita de palavras: Neste parâmetro pretende-se que as crianças ordenem as sílabas das palavras e que as escrevam corretamente.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Escreve quatro palavras corretamente;
- Escreve três palavras corretamente;
- Escreve duas palavras corretamente;
- Escreve uma palavra corretamente;
- Resposta incorreta.

Motricidade fina: neste parâmetro pretende-se que as crianças ilustrem a figura.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Pinta corretamente respeitando a sua limitação;
- Pinta sem respeitar a limitação.

No quadro 12 encontram-se as respetivas cotações atribuídas a cada parâmetro e critérios respetivamente.

Quadro 12 - Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotações
1. Construção de palavras	1.1 Pinta as sílabas de quatro palavras corretamente	4	4
	1.2 Pinta as sílabas de três palavras corretamente	3	
	1.3 Pinta as sílabas de duas palavras corretamente	2	
	1.4 Pinta as sílabas de uma palavra corretamente	1	
	1.5 Resposta incorreta	0	
2. Ordenação de sílabas e escrita de palavras	2.1 Escreve quatro palavras corretamente	4	4
	2.2 Escreve três palavras corretamente	3	
	2.3 Escreve duas palavras corretamente	2	
	2.4 Escreve uma palavra corretamente	1	
	2.5 Resposta incorreta	0	
3. Motricidade fina	3.1 Pinta corretamente respeitando a sua limitação	2	2
	3. 2 Pinta sem respeitar a sua limitação	0	
Total			10

3.2.3. Grelha de avaliação

No quadro 13 é apresentada a grelha de avaliação quantitativa, relativa à atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Quadro 13 - Grelha de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1	2	3	Total
Cotações	4	4	2	
Alunos				
A	4	4	0	8
B	4	4	2	10
C	4	4	2	10
D	4	4	2	10
E	4	4	2	10
F	4	4	2	10
G	4	4	2	10
H	4	4	0	8
I	4	4	2	10
J	4	4	2	10
K	4	4	2	10
L	4	4	2	10
M	4	4	2	10
N	4	4	2	10
O	4	4	2	10
P	3	4	2	9
Q	4	4	2	10
R	4	4	2	10
S	4	4	2	10
T	4	4	2	10
U	4	4	2	10
W	4	4	2	10
X	4	4	2	10
Média Aritmética	3,9	4	1,8	9,78

3.2.4. Descrição da grelha de avaliação

Ao observar a grelha de avaliação, posso concluir que só um aluno é que não conseguiu construir uma palavra, os restantes conseguiram todos com sucesso. Em relação à ordenação de sílabas, todos os alunos ordenaram de forma correta as sílabas das quatro palavras. Por fim, em relação ao último parâmetro, só duas das vinte e três crianças não pintaram corretamente as imagens.

Em relação às cotações desta atividade, consigo verificar que a maioria dos alunos teve a cotação máxima e nenhuma criança teve menos de Bom.

Na figura 24 é apresentada a apresentação dos resultados em gráfico.

3.2.5. Apresentação dos resultados em gráfico

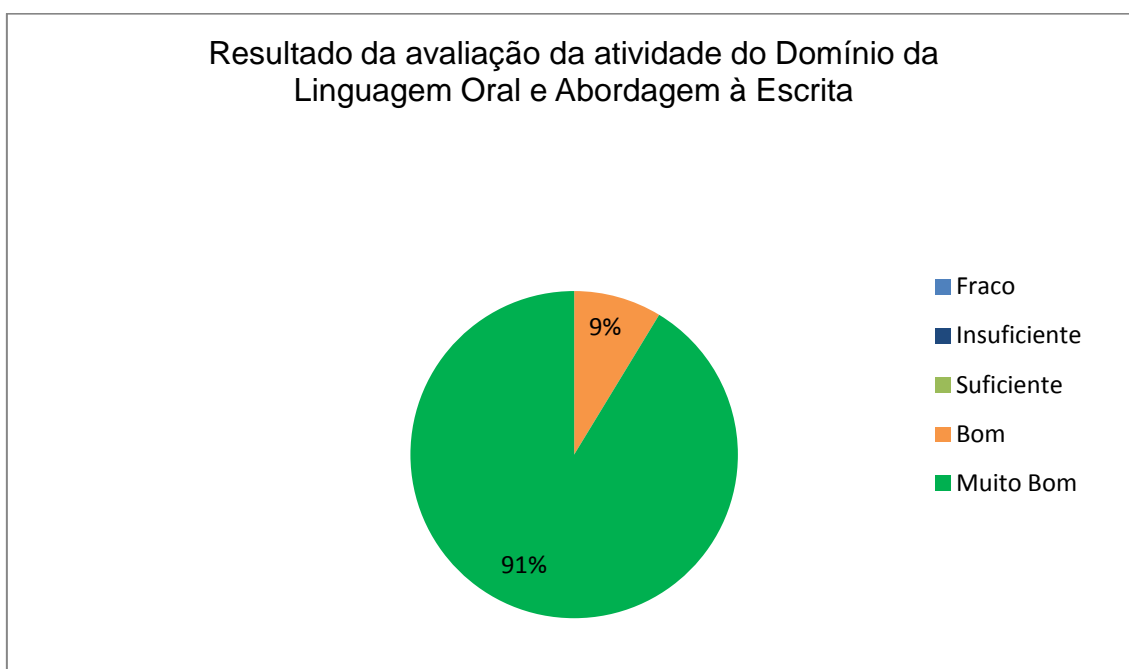


Figura 24 - Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.2.6. Análise do gráfico

Através da análise do gráfico (figura 24), conclui-se que nesta atividade, do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, nenhuma criança obteve fraco, insuficiente ou suficiente.

No gráfico acima, é notória a predominância da classificação de Muito Bom (91%), que corresponde a 21 alunos. A classificação de Bom foi de (9%), o que corresponde a 2 alunos e nenhuma das crianças teve nota inferior a 8 valores.

Conclui-se então que estes alunos estão habituados a realizar este tipo de propostas e que dominam a ordenação e soletração destas palavras.

3.3. Avaliação da atividade 2- Domínio da Matemática

3.3.1. Contextualização da atividade

A atividade do Domínio da Matemática, foi concretizada no dia 7 de junho de 2013 na sala dos 3 anos, foi realizada por 21 crianças.

A atividade (figura 25) consistiu num ditado gráfico e na ilustração da casota do cão da cor encarnada, no canto superior direito desenhar o Sol, e no canto inferior esquerdo, desenhar o cão.

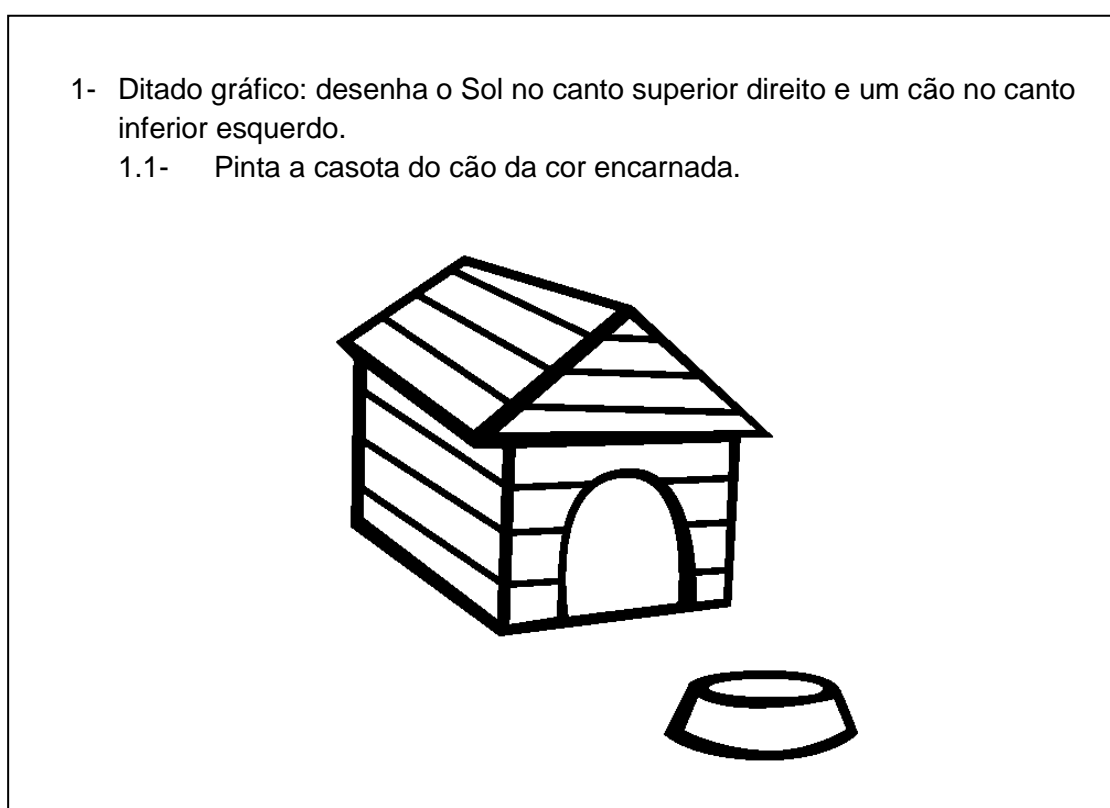


Figura 25 - Proposta de trabalho do Domínio da Matemática

3.3.2. Descrição de parâmetros, critérios de avaliação

Orientação espacial: Neste parâmetro pretende-se que as crianças desenhem um Sol e um cão, seguindo as instruções que lhes são dadas.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Desenha o Sol e o cão de acordo com o solicitado;
- Desenha o Sol de acordo com o solicitado;
- Desenha o cão de acordo com o solicitado;
- Não desenha o Sol e o cão de acordo com o ditado gráfico.

Reconhecer a cor encarnada: neste parâmetro pretende-se que as crianças identifiquem a cor que lhes é pedida.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Ilustra com a cor correta;
- Ilustra com a cor incorreta.

Motricidade fina: neste parâmetro pretende-se que as crianças ilustrem a figura da casota do cão dentro dos limites.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Pinta corretamente respeitando a sua limitação;
- Pinta sem respeitar a limitação.

No quadro 14 apresento os parâmetros, os critérios e respetivas cotações.

Quadro 14 - Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotações
1. Orientação espacial	1.1 Desenha o sol e o cão de acordo com o solicitado	4	4
	1.2 Desenha o sol de acordo com o solicitado	3	
	1.3 Desenha o cão de acordo com o solicitado	3	
	1.4 Não desenha o sol e o cão de acordo com o ditado gráfico	0	
2. Identifica a cor encarnada	2.1 Reconhece a cor correta	3	3
	2.2 Não reconhece com a cor	0	
3. Motricidade fina	3.1 Pinta corretamente respeitando a sua limitação	3	3
	3. 2 Pinta sem respeitar a sua limitação	0	
Total		10	

3.3.3. Grelha de avaliação (em quadro)

No quadro 15 será apresentada a grelha de avaliação, relativa à atividade do Domínio da Matemática.

Quadro 15 - Grelha de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	1				2		3		Total
	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	3.1	3.2	
Cotações	4				3		3		10
Alunos									
A	4				3		3		10
B	4				3		3		10
C	4				3		3		10
D			3		3		3		9
E	4				3		3		10
F	4				3		3		10
G	4				3		3		10
H	4				3		3		10
I	4				3		3		10
J	4				3		3		10
K	4				3		3		10
L			3		3		3		9
M	4				3		3		10
N	4				3		3		10
O	4				3		3		10
P	4				3		3		10
Q	4				3		3		10
R	4				3		3		10
S	4				3		3		10
T	4				3		3		10
U	4				3		3		10
Média Aritmética	3,9				3		3		9,9

3.3.4. Descrição da grelha de avaliação

Através da grelha de avaliação, observo que das 21 crianças que realizaram a atividade, só duas crianças é que não atingiram a nota máxima.

Relativamente ao parâmetro da orientação, a maioria das crianças desenhou o sol e o cão de acordo com o que lhes foi pedido. Somente 2 crianças é que não desenharam o cão do lado esquerdo como lhes foi solicitado.

Todas as crianças pintaram corretamente a casota. As crianças D e L não conseguiram desenhar o cão no sítio correto.

Na figura 26 apresento os resultados de avaliação da atividade do Domínio da Matemática.

3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico

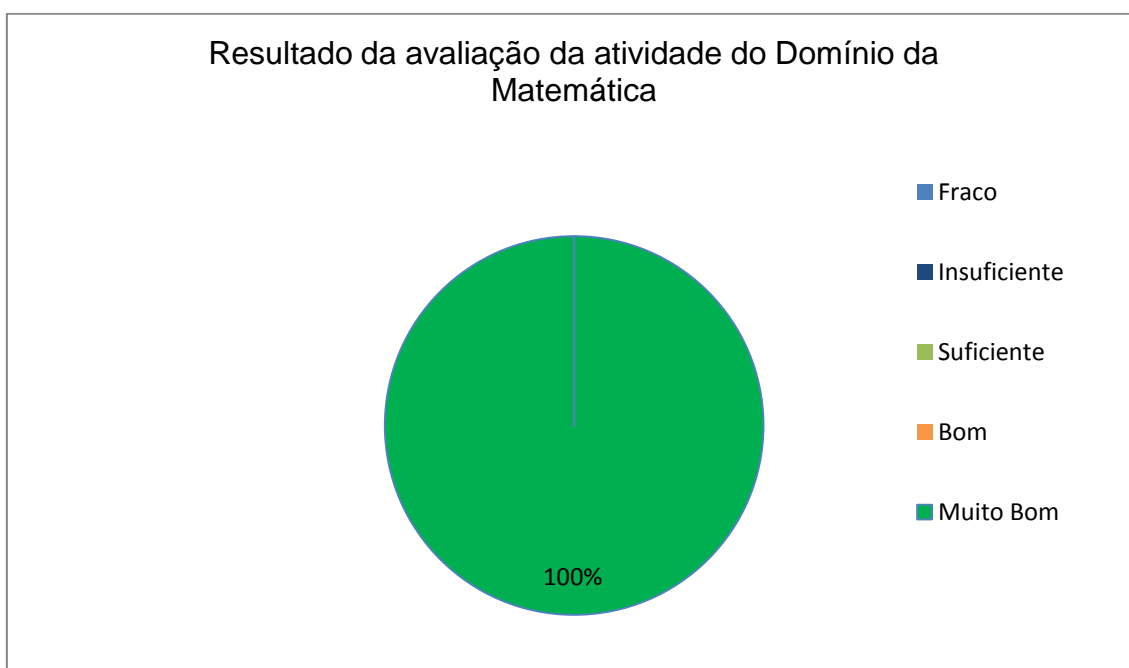


Figura 26 - Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática

3.3.6. Análise do gráfico

Após analisar o gráfico (figura 26), conclui-se que nesta proposta do Domínio da Matemática, nenhum aluno apresentou a classificação de Fraco, Insuficiente, Suficiente e Bom.

Neste gráfico, é notável a classificação de Muito Bom (100%), o que corresponde a um excelente desempenho por parte dos alunos.

Penso que pelo facto de terem realizado a atividade juntos, os ajudou, pois no dia-a-dia, já constatei que estas crianças de 3 anos ainda não têm a lateralidade definida e que ajuda dizer-lhes que o lado esquerdo é o que tem o símbolo da escola.

3.4. Avaliação da atividade 3 - Área de Conhecimento do Mundo

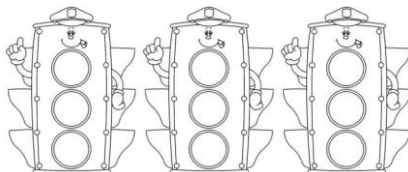
3.4.1. Contextualização da atividade

A atividade da Área do Conhecimento do Mundo foi realizada no dia 13 de maio de 2013 na sala dos 5 anos. Esta atividade foi realizada por 24 crianças. Teve como duração 30 minutos. Esta atividade consiste em pintar de forma correta as cores

dos semáforos seguidamente de um exercício de labirinto em que tinham de reconhecer a cor azul e acertarem nos dois caminhos existentes.

1. Observa as figuras.

- 1.1 No primeiro semáforo que observas pinta o círculo que nos diz para os carros avançarem;
- 1.2 No segundo semáforo pinta o círculo que nos indica para parar os carros;
- 1.3 No terceiro semáforo pinta o círculo que nos diz para ter cuidado.



2. Ajuda o pai do Sebastião a procurar o carro.

- 2.1 Pinta da cor azul os dois caminhos possíveis que o pai do Sebastião pode fazer para ir ter ao carro.

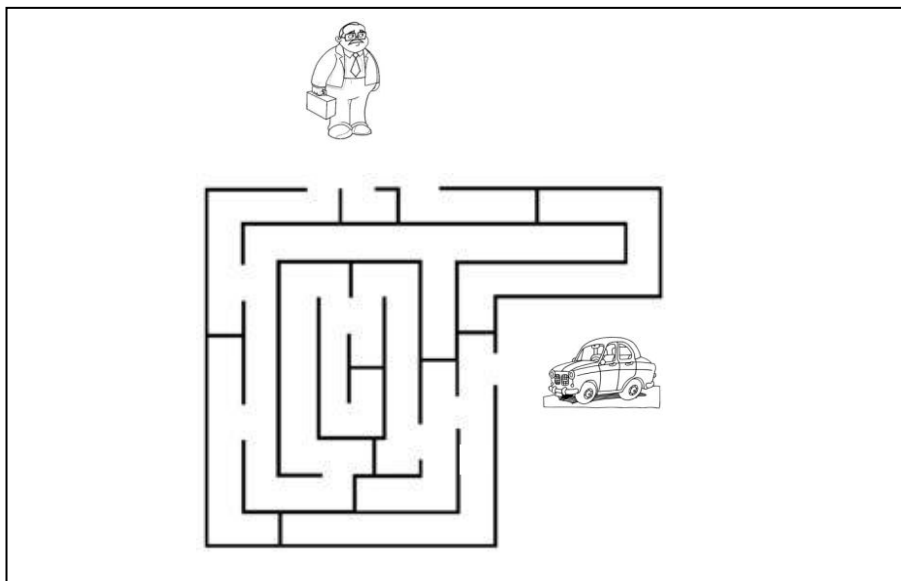


Figura 27 - Proposta de trabalho da Área de Conhecimento do Mundo

3.4.2. Descrição de parâmetros, critérios de avaliação

Orientação espacial: Neste parâmetro pretende-se que as crianças se orientem espacialmente e que identifiquem as cores dos sinais.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Pinta corretamente três sinais;
- Pinta corretamente dois sinais;
- Pinta corretamente um sinal;
- Resposta incorreta.

Motricidade fina: neste parâmetro pretende-se que as crianças ilustrem a figura dos semáforos, dentro dos limites da imagem.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Pinta corretamente respeitando a sua limitação;
- Pinta sem respeitar a limitação.

Realização de itinerário: Neste parâmetro pretende-se que as crianças realizem os dois itinerários.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Realiza os dois itinerários;
- Realiza um itinerário;
- Resposta incorreta.

Reconhecer a cor azul: neste parâmetro pretende-se que as crianças identifiquem a cor que lhes é pedida.

Foram utilizados os seguintes critérios:

- Ilustra com a cor correta;
- Ilustra com a cor incorreta.

Quadro 16 - Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotações
1. Orientação espacial	1.1 Pinta corretamente três sinais	3	3
	1.2 Pinta corretamente dois sinais	2	
	1.3 Pinta corretamente um sinal	1	
	1.4 Resposta incorreta	0	
2. Motricidade fina	2.1 Pinta corretamente respeitando a sua limitação	1	1
	2.2 Pinta sem respeitar a limitação	0	
3. Realização de itinerário	3.1 Realiza os dois itinerários	4	4
	3.2 Realiza um itinerário	2	
	3.3 Resposta incorreta	0	
4.Reconhecer a cor azul	4.1 Identifica com a cor correta	2	2
	4.2 Não identifica a cor	0	
Total			10

3.4.3. Grelha de avaliação (em quadro)

No quadro 17 será apresentada a grelha de avaliação, relativa à atividade do Área do Conhecimento do Mundo.

Quadro 17 - Grelha de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	1				2	3	4	Total
	1.1	1.2	1.3	1.4				
Cotações	3				1	4	2	10
Alunos								
A	3				1	4	2	10
B			1		1	2	0	4
C	3				1	4	2	10
D	3				1	4	2	10
E	3				1	4	2	10
F		2			1	4	2	10
G	3				1	4	0	8
H	3				1	4	2	10
I	3				1	4	0	8
J	3				1	4	2	10
K	3				1	4	0	8
L		2			0	2	0	4
M	3				1	4	0	8
N			1		0	2	0	3
O		2			1	4	2	9
P	3				1	4	2	10
Q	3				1	4	2	10
R	3				1	4	2	10
S			1		0	4	0	5
T		2			0	2	2	6
U	3				1	4	2	10
W	3				1	4	2	10
X	3				1	4	0	8
Y	3				1	4	0	8
Média Aritmética	2,6				0,83	3,6	1,3	8,3

3.4.4. Descrição da grelha de avaliação

Ao visualizar a grelha de avaliação, pode-se ver que dezassete crianças pintaram corretamente os semáforos. Em relação ao outro parâmetro vinte crianças respeitaram os limites da pintura, em relação ao terceiro parâmetro, vinte crianças conseguiram fazer os dois itinerários pedidos, as restantes quatro crianças conseguiram elaborar um itinerário. O último parâmetro, algumas crianças (catorze) conseguiram ilustrar os desenhos de forma correta.

Em relação às cotações, posso referir que treze crianças conseguiram obter a nota máxima.

Na figura 28 apresento os resultados da avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo.

3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico

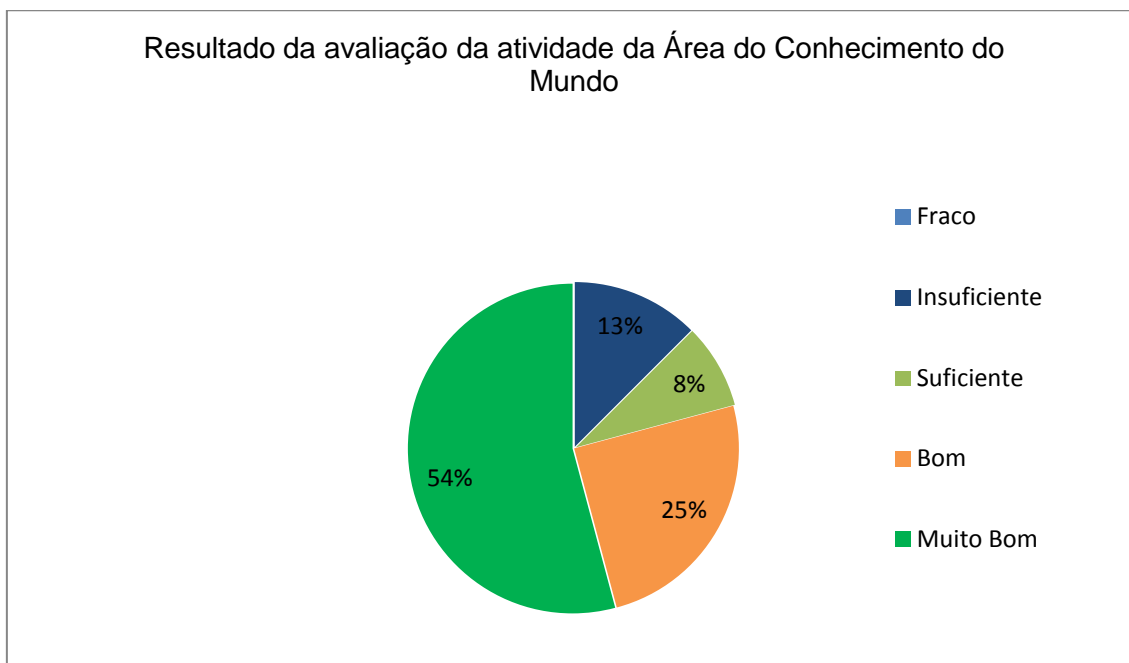


Figura 28 - Resultados da avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo

3.4.6. Análise do gráfico

Através da análise do gráfico (figura 28) acima apresentado, posso concluir que nesta atividade, nenhuma criança teve Fraco, 13% das crianças tiveram Insuficiente, o que equivale a 3 crianças, 8% das crianças tiveram Suficiente o que equivale a 2 crianças, 25% com a classificação de Bom o que equivale a 6 crianças, e por último, mais de metade das crianças com 54% atingiram a classificação de Muito Bom que equivale a 13 crianças.

Ao realizar esta atividade da Área do Conhecimento do Mundo conclui que a grande maioria das crianças conseguiu atingir os objetivos propostos.

Numa próxima oportunidade, seria pertinente aplicar estes conceitos com uma situação prática. Por exemplo, no ginásio, preparar estras, passadeiras e semáforos e os alunos poderem ser carros ou peões. Desta forma, avaliaria novamente os conceitos atrás referidos. Daria especial atenção às crianças B, L, N, S e T.

Para terminar este capítulo, gostaria de referir que no início não me sentia preparada para o realizar. No entanto e depois de analisar estes dispositivos fiquei bastante satisfeita pelas aprendizagens que fiz.

Avaliar não é fácil e muitas vezes, como aluna considerei que era injusta, agora que fui avaliadora percebi que o mais importante é sabermos bem o que queremos avaliar e para que é que avaliamos por forma, a sermos rigorosos e por consequência mais justos.

Outro aspeto que descobri também, é que se deve diversificar atividades e estratégias e avaliarmos depois o somatório de tudo o que realizámos e não apenas cingir-mo-nos a uma proposta de trabalho, pois as crianças estão sempre a evoluir e não devemos rotular.



Reflexão final

Considerações finais

O estágio profissional, relativo ao Relatório de Estágio Profissional decorreu entre o dia 24 de setembro de 2012 e o dia 21 de junho de 2013.

É muito importante, e fundamental, nós estarmos em contacto com a realidade educativa para um melhor desempenho no futuro.

Ao longo dos três anos a Licenciatura, foram-nos transmitidos saberes sempre contactando com a realidade educativa. Tive a oportunidade de estagiar em vários Jardins-Escolas de Portugal, no Centro com crianças com Necessidades Educativas Especiais e em escolas em Cabo Verde. Com estas realidades diferentes, aprendi, ri, sorri, chorei, transmiti conhecimentos e acima de tudo, fiz sorrir quem mais precisava.

Estagiei ao longo dos três anos várias valências das quais a faixa etária dos 3 anos até ao 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico, visto ter escolhido o Mestrado Pré-Escolar, realizei o estágio com a faixa etária dos três, quatro e cinco anos de idade. Reparei ao longo destes anos, que cada criança tem o seu ritmo, a sua personalidade, motivações que variam de crianças para criança, sendo fundamental que o educador estimule as crianças para suscitar a curiosidade desenvolvendo a personalidade e as suas aprendizagens.

Assim, Migueis e Azevedo (2007), referem que “(...) o educador seja capaz de ampliar a sua visão sobre o processo de ensino e aprendizagem, para compreender a complexidade e diversidade, cada vez mais presente no universo escolar. Com esta atitude, o educador consegue deslumbrar novas formas e soluções que possibilitam a reelaboração do conhecimento profissional.” (p. 92).

Saliento que mudei de lugar de estágio estando inicialmente num Jardim-Escola na área de Sintra e posteriormente num jardim-Escola na área de Lisboa por razões pessoais. Por conseguinte, estava com duas colegas de estágio no Jardim-Escola de Sintra e com uma colega no seguinte. Foi uma experiência diferente ter duas colegas a fazer estágio comigo pois tive oportunidade de ver os conselhos e críticas que a educadora lhes dava, usando-os construtivamente para desempenhar melhor o meu papel. Em contrapartida, quando estive só com uma colega, tive oportunidade de realizar mais dinamizações de manhãs o que me ajudou ao longo do semestre ampliando a minha prática educativa.

Como afirma Formosinho (2001), “experimentar métodos e técnicas diferentes (...) e, assim, alargar o repertório de experiências”, (p. 52). Ao longo deste ano, visualizei novas metodologias, percebi que existem diferentes educadoras, tendo cada uma a sua maneira de estar de acordo com o seu grupo crianças. Interiorizei um

pouco de cada educadora por onde estagiei para poder construir um modelo pessoal. Fez-me refletir sobre a minha identidade profissional, tentando ser cada vez melhor.

Foi importante também passar da teoria à prática para poder utilizar as ferramentas que me deram ao longo do curso e saber aproveitá-las para uma melhor prestação.

No decorrer deste ano realizei planos de aulas. Para quê realizar estes planos? De acordo com OCEPE (ME, 2002) o planejar aulas “terá de ter em conta as diferentes áreas de conteúdo e a sua articulação, bem como a previsão de várias possibilidades que se concretizam ou modificam, de acordo com as situações e as propostas das crianças.” (p. 26). Planificar as aulas ajudou-me na realização destas e ajudou-me a ter um pensamento lógico e seguir o trajeto que eu escolhia consoante aquilo que queria transmitir às crianças, obedecendo sempre ao modelo T de Aprendizagem.

Braga *et al.* (2004) salientam que

o facto de se elaborar um plano, é tão importante quanto é importante ser-se capaz de o pôr de lado. Uma aula deve “acontecer”, ser viva e dinâmica, onde a trama complexa de inter-relações humanas, a diversidade de interesses características dos alunos não pretende ser um decalque do que está no papel. (p.29).

Em relação ao capítulo dos dispositivos de avaliação, percebi o quão é difícil um educador/professor fazer a avaliação de cada aluno, pois cada criança é única. Avaliar é ao mesmo tempo ver se aquilo que estamos a fazer está a correr bem, e se as crianças estão a progredir. Temos também de nos autoavaliar no futuro enquanto educadoras para termos uma perceção do nosso desempenho.

Para concluir, segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantam dificuldades” (p. 337). Como futura educadora, avaliar vai ser uma tarefa importante e querendo desempenhar um bom papel, tenho de saber o que vou avaliar e como vou avaliar. Poderei assim, ajudar a criança com a avaliação que irei fazer para que ela tenha um melhor desempenho. A avaliação não serve só para julgar o que a criança não sabe ou não aprendeu, serve também para diagnosticar um pouco dos erros dos educadores/criança e saber orientá-los.

Gostaria de salientar a importância de ter tido colegas de estágio. Enquanto colegas pudemos dar a nossa opinião, discutir ideias, fazer uma breve avaliação do desempenho e em algumas situações desabafar. É importante ter a companhia de colegas de turma, não só para nos ajudarem com incentivos e palavras mas também

para construir desde cedo o trabalho em equipa cada vez mais valorizado nos dias que correm.

Não posso deixar de referir, que gostei muito de trabalhar com crianças carenciadas quando estagiei em Cabo Verde porque percebi que com pouco ou quase nada se pode fazer muito, tendo ficado humanamente muito enriquecida; e com crianças de 3 anos porque me fazem sonhar, acreditar, sorrir e esquecer tudo o que está ao meu redor.

Quero, desde já agradecer a leitura do meu trabalho e que sejam felizes!

Limitações

A principal limitação que posso apontar foi a falta de tempo para elaborar este relatório de Estágio Profissional, pois dediquei mais tempo às aulas que fui lecionando durante o período letivo.

Realizei todos os dias o relatório após as aulas terminarem, mas a nível das fundamentações teóricas foi mais complicado pois necessitava de ler muito até encontrar a sustentação teórica que procurava.

Por fim, muitas vezes gostaria de consultar livros que estavam requisitados por outros alunos, e não tinha tempo livre para procurar em outras bibliotecas.

Novas pesquisas

Ao longo deste percurso, nunca deixei de pensar na Área das Expressões e tenho pena de não a ter visto ser mais trabalhada, principalmente pelas crianças. É uma área que considero muito importante que a educadora saiba trabalhar com qualquer material para que as crianças desenvolvam a criatividade e a imaginação.

Deste modo, irei procurar estudar Educação pela Arte. Como Sousa (2003) sustenta, “a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades”. (p. 160).

Um bom educador/professor, deve estar sempre atualizado, para benefício das crianças e para seu próprio benefício. Posto isto, quero aprofundar a área atrás referida, pois desde sempre me suscitou interesse.

Termino uma etapa importante da minha vida ao concluir o curso com que mais me identifico e me orgulho, mas não é razão para terminar a minha formação, pois diariamente são necessárias atualizações.



Referências Bibliográficas

Abrantes, P. Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.

Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância – actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa Letras.

Alarcão, I. (coord.). (1996). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. & Roldão, M.C. (2008). *Supervisão: Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Lisboa: Edições Pedagogo.

Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências Matemáticas com recursos lúdico-manipulativos*. Porto: Porto Editora.

Amaral, S. (2004). *Expressão Musical: significados e significantes. Perspectiva vivencial no Jardim de Infância*. Coimbra: Colecção Thesaurus.

Arañao, I. (1996). *A Matemática através de brincadeiras e jogos*. Campinas, Brasil: Papirus.

Araújo H. C. (2000). *As professoras primárias na viragem do século*. Porto: Afrontamento.

Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.

Arregui, M. Á., Pérez, J. & Villalba.,(2000). *Enciclopédia geral da educação. Avaliação e investigação. Volume 2*. Alcabideche, Portugal: Oceano Grupo Editorial, S.A.

Arregui, M. Á., Pérez, J.& Villalba., (2000). *Enciclopédia geral da educação. Avaliação e investigação. Volume 3*. Alcabideche, Portugal: Oceano Grupo Editorial, S.A.

Ballenato, G. (2008). *Educar Sem Gritar*. Lisboa: A Esfera Dos Livros.

Belbenoit, G. (1974). *O desporto na escola*. Lisboa: Estampa.

- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E. M., Freitas, M. J. & Leite, C. (2004). *Planificações novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Cachapuz, A., Praia, J., & Jorge, M. (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Cardinet, J. (1993). *Avaliar é medir?* Rio Tinto. Portugal: Edições ASA.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação. Guia para autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro J. & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Catita, E. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social*. Lisboa: Areal.
- Chateau, J. (s.d.). *Os grandes pedagogos*. Lisboa: Livros Brasil.
- Condemarín, M. & Chadqick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança. Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Curto, L. M.; Morilho, M. M. & Teixidó, M. M. (2000). *Escrever e ler. Vol. 1. Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler*. Porto Alegre: Artmed.
- Cury, A. (2011). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Portugal: Editora Pergaminho. 2.^a edição.

Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da Matemática – guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.

Day, C. (2004). *A paixão pelo ensino*. Porto: Porto Editora.

Deshaies, B. (1997). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Deus, M. (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. Lousã, Portugal: Associação de Jardins-Escola João de Deus.

Dohme, V. (2010). *Técnicas de contar Histórias – um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história*. Petrópolis: EDITORA VOZES.

Domingos, A. M., Neves, I. P. & Galhardo L. (1981) *Uma forma de estruturar o ensino e a aprendizagem* Lisboa: Livros Horizonte.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação. O papel dos professores* (1.^a ed.). Barcarena, Portugal: Editorial Presença.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Ferreira, J. & Estevão, C. A. (2003). *Construção de uma escola cidadã*. Braga: Externato Infante D. Henrique.

Ferreira, M. S., Santos, R. M. (s.d.). *Aprender a ensinar – Ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.

Figueiredo, M. (2004). *Bola de Neve*. Materiais Pedagógicos, Projecto Curricular no Jardim de Infância. Lisboa: Cadernos de Informação Pedagógica - Coleção Pré.

Figueiredo, M. (2005). *Bola de neve*. Avaliação na Educação Pré-Escolar, Lisboa: Cadernos de Informação Pedagógica - Coleção Pré.

Flores, M. A., & Simão, A. M. (2009) (Org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspetivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.

Formosinho, J. (2001). *A formação prática de professores – Da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas. Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*. Porto: Porto Editora.

Fourez, G. (2002). (Coor.). *Abordagens didáticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Garcia, F. (1997). *João de Deus: Poeta e Pedagogo*. Silves: Câmara Municipal.

Gomes, J. A. (2000). *Da nascente à voz: contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Editorial Caminho.

Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar*. Alfragide: Academia do livro.

Hayman, JR. L. J. & Napier, R. N. (1979). *A avaliação nas escolas: um processo Humano para renovação*. Coimbra: Livraria Almeida.

Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Homem, M. L. (2002). *O jardim de infância e a família*. Edições Afrontamento. 1.º Edição.

Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens. Um guia para pais e educadores*. Porto: Asa Editores, S.A.

Machado J. P. (2003). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

Magalhães, V. (2008). *A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder*. In Sousa e Cardoso (Eds.). *Desenvolver competências em língua portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Maia, R. L. (org.) (2002). *Dicionário de Sociologia*. Porto: Porto Editora.

Marques, R. (1997). *A escola e os pais. Como colaborar?* 5.ª edição Lisboa: Texto Editora.

Marques, R. (1988). *A prática pedagógica no Jardim de Infância*. Lisboa: *Livros Horizonte*.

Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.

Martins, I. Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A. & Couceiro, F. (2009). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.

Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Mata, L. (2006). *Literatura familiar- ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto; Texto Editora.

Matos, J. & Serrazina, L. (1996) *Didáctica da Matemática*. Lisboa: universidade Aberta.

Mendonça, M. (1997). *A Educadora de Infância – Traço de união entre a teoria e a prática*. Porto: Edições ASA.

Migueis, M. & Azevedo, M., (2007). *Educação Matemática na Infância*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro.

Ministério da Educação (2002). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação Departamento da Educação Básica Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.

Ministério da Educação (2009). *Programa de matemática do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Mira, A. M. (1995). *João de Deus e a actualidade do seu método ou arte de leitura*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Moller, M. (2009). *O Método de leitura da Escola Avé-Maria*. Parede: Príncípia Editora.

Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.

Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação. Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Nabais, J. (s.d.). *À descoberta da Matemática com o calculador multibásico*. Rio de Mouro: Educa.

Oom, P. (2010). *O livro dos pais*. Lisboa: Matéria Prima Edições, Lda.

Pacheco, J. (1995). *Formação de professores: teoria e praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.

Pais, A. & Monteiro, M. (2002). *Avaliação – uma prática diária*. Barcarena, Portugal: Editorial Presença.

Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.

Pereira, J. D. L. & Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras Formas Animadas no Contexto Educativo*. Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino: o currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Pombo, O., Guimarães, H. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – reflexões e experiências*. Lisboa: Texto Editora.

Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Quivy, R., & Campenhout, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reis, M. P. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Málaga. Universidad de Málaga. Departamento de didáctica de la lengua y la literatura.

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, A. C & Oliveira, A. P. (2002). *Como abordar...o conto tradicional*. Porto: Areal Editores.

Ribeiro, L.C. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Ruas, M. B. & Grosso, C (2002). *Números e operações aritméticas*. Volume I. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento inédita. Málaga: Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de ensino. O saber e o agir*. V. N. Gaia, Portugal: Fundação Manuel Leão.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Saraiva, M. G. C. (2003). *Práticas educativas nos jardins-escolas João de Deus: estudo exploratório 1940-1989*. Volume I. Dissertação de mestrado inédita. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia: Departamento de Pedagogia.

Serrano, J. M. (2002). *Educação pelo movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Serrazina, L. (Coor) (2008). *Sentido de número e organização de dados: Texto de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação

Serrazina, L. & Matos, J. M. (1996). *O Geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

Silveira-Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de doutoramento. Málaga. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Sim-Sim I., Duarte, I. & Ferraz, M. J. (1997). *A língua materna na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim. I., Silva, A. e Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância – textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sousa, A. B. (2006). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Teixeira, L. (2006) *Concepções pedagógicas na Obra de Irene Lisboa (1892-1958)*. Porto: PRODIÇÕES, Lda.

Tendbrink, T. D. (2002). *Evaluación. Guía práctica para profesores*. 3Madrid: Narcea S. A.

Vasconcelos, T., D'Orey, I., Fernandes, L. & Cabral, M. (2003). *Educação de infância em Portugal, situações e Contextos numa perspectiva de promoção de Equidade e combate à exclusão, Conselho nacional de educação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Vieira, F., Moreira, M. A., Barbosa, I., Paiva, M. & Fernandes, I., S. (2010). *No caleidoscópio da supervisão: Imagens da formação e da pedagogia*. Ramada: Edições Pedagogo.

Vieira, H. (2000). *Comunicação na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Zabalza, M. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: ASA, S.A.

Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: Edições Asa.

Zabalza, M. A. (2001). *Didáctica de Educação Infantil*. Porto: Edições ASA.

Referências eletrônicas

Referência 1- <http://umpercurso.blogspot.pt/2006/01/normas-apa.html>

Referência 2- <http://miudosemiudastemdireitos.blogspot.pt/2010/09/direito-brincar.html>

Referência : <http://besmart-es.com/besmart/atividades-educativas/iniciacao-ao-ingles/>

Ministério da Educação (2011). Circular n.º4 /DGIDC/DSDC/2011, Avaliação na Educação Pré-Escolar. Recuperado em 2013, maio 1, de http://www.drec.minedu.pt/repositorio/CIRCULAR4_DGIDC_AvaliacaoEPE.pdf.

Zabalza, A. M. *Planificar*. Recuperado em 2013, julho 11, de www3.uma.pt/liliana/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=268.

Legislação

Circular n.º4/DGIDC/DSD/2011, de 9 de julho (Avaliação da educação pré-escolar)

Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, de 8 de julho (Gestão do Currículo na Educação Pré-escolar).